



INDÚSTRIA SEM CHAMINÉ

Turismo obtém faturamento recorde e expansão contínua

Para além das praias, Estado e Sebrae investem em rotas diversificadas no interior paraibano. *Página 8*

Foto: João Pedrosa



Praias são o destino preferido dos turistas, especialmente na alta estação, mas setor encontra outras alternativas a partir da interiorização dos projetos

Memórias

Foto: Carlos Rodrigo



Um expert em composição e impressão

Eduardo Felix foi atraído para *A União* para acompanhar a migração da linotipo para o offset. E permaneceu por mais de 40 anos.

Páginas 14 e 15

Sousa e Serra Branca jogam, hoje, em CG

Times fazem segundo confronto do Paraibano 2025, às 17h, no Marizão.

Página 24

Empréstimos informais podem colocar consumidor em grande risco

Serviço, oferecido por pessoas físicas, ilude pela facilidade na transação financeira, mas é considerado ilegal e pode ser entendido como agiotagem.

Página 7

■ “Li ou ouvi dizer que a vida começa a ter real encanto a partir do instante em que se constitui em memória. Os instantes felizes só chegam a ser felizes muito tempo depois”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Redes sociais impulsionam vendas diretas

Pesquisa inédita revela a força das mídias nas estratégias comerciais.

Página 18

Grêmios estudantis resistem como espaços de vivência democrática

Na Paraíba, apenas 23% das escolas da rede estadual possuem essas agremiações. Índice, embora baixo, está acima da média nacional, de 14%.

Página 5

■ “Como é comum ocorrer nesses programas policiais, houve deslizos, falta de humanidade e de empatia no Encontro. Sim, claramente houve sensacionalismo em busca de audiência”.

Angélica Lúcio

Página 26



Projeto une escotismo e consciência ambiental

Voluntários em Ação será lançado no próximo sábado (22), com o objetivo de alinhar parceiros públicos e a sociedade civil na missão de promover o uso sustentável das unidades de conservação.

Página 20



Foto: Divulgação

Amazing Tenors canta Andrea Bocelli

Grupo composto por Murilo Trajano, Henrique Moretzsohn e Paulo Paolillo apresenta clássicos do tenor italiano, hoje, às 19h, no Teatro da Facisa, em Campina Grande.

Página 12

Editorial

Consciência ambiental

Hoje comemora-se Dia de Conscientização das Mudanças Climáticas, instituído por meio da Lei Federal nº 12.533/2011, com a finalidade de “articular atos, eventos, debates e mobilizações relacionados a medidas de proteção dos ecossistemas brasileiros”. Um convite, portanto, para se “refletir sobre os impactos do nosso estilo de vida no planeta Terra, e a urgência de agirmos diante das mudanças climáticas”.

Lembrando que as mudanças climáticas podem ter causas naturais, como as variações no ciclo solar, porém, entre os seus principais propulsores, a partir do século 19, estão as atividades humanas, de modo especial, a queima de combustíveis fósseis como gás, carvão e petróleo. O resultado negativo dessa combustão são as emissões de gases do efeito estufa, que retêm o calor do sol e aumentam a temperatura na Terra.

Os cidadãos e cidadãs brasileiros, sejam da Zona Rural, sejam das cidades, deveriam estar conscientes da necessidade de se adotar ações ambientalistas individuais, como também cobrar dos Poderes Públicos e do empresariado maior compromisso, no sentido de defender a natureza — lar comum de todas as espécies geradas no mistério universal, em particular, do planeta Terra, com todo respeito às doutrinas religiosas.

Mas, infelizmente, não é assim que as coisas funcionam. Parte considerável da população mundial sofre as consequências das desigualdades sociais — desemprego, doenças, migrações etc. — ou está envolvida nos variados processos de geração de riquezas — como massa assalariada —, ficando uns poucos divididos entre o engajamento político-ambiental e o desfrute dos lucros proporcionados pelas usinas capitalistas.

Eis o impasse. Como provocar uma urgente e efetiva adesão da sociedade global à causa ambientalista, sem antes solucionar o antigo e gravíssimo problema da pobreza, oriundo da divisão de classes, das guerras etc.? Bem, enquanto a humanidade não resolve seus impasses sociais, ao menos, deveria cuidar da sobrevivência de todas as formas de vida, ameaçadas pelos intensos e cada vez mais frequentes colapsos naturais.

Daí a importância de datas como a de hoje, estabelecida com o fito de “educar e mobilizar pessoas em todo o mundo para que adotem medidas individuais e coletivas para reduzir sua pegada de carbono e mitigar os efeitos das mudanças climáticas”. Tais ações incluem “a redução do consumo de energia, o uso de transportes sustentáveis, o apoio a fontes de energia renovável e o plantio de árvores”. O que não pode é se manter indiferente.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A classe média à direita

Uma das razões pelas quais a classe média posiciona-se ideologicamente à direita é o desejo de manter seu grupo social em uma situação de superioridade em relação às classes populares. As manifestações reacionárias protagonizadas por pessoas consideradas “classe média” também denotam uma postura saudosista do período em que vivemos sob um governo autocrático. Outras características que evidenciam o viés ideológico da classe média são o conservadorismo e o moralismo seletivo, muitas vezes apoiados em um fundamentalismo religioso.

Percebe-se um medo dos discursos progressistas voltados à promoção da inclusão social. Um bom exemplo foi a aprovação, em 2013, da PEC das Domésticas, que garantiu às trabalhadoras domésticas os mesmos direitos trabalhistas assegurados aos demais empregados com carteira assinada. A tradição escravocrata da burguesia brasileira gerou uma reação de desagrado diante dessa decisão. A democratização das universidades públicas, com a adoção de políticas como cotas raciais e sociais para alunos de escolas públicas, igualmente provocou descontentamento na classe média. Causa incômodo ver seus filhos estudando, na mesma instituição, com pessoas da base da pirâmide social, assim como viajar no mesmo avião que integrantes das classes populares. Costumam dizer que os aeroportos transformaram-se em rodoviárias. O ex-ministro Paulo Guedes chegou a declarar, em uma entrevista, que “o dólar baixo estava permitindo que todo mundo pudesse ir para a Disney, até as empregadas domésticas”, numa explícita demonstração de preconceito social.

O interessante é que essa classe média é formada por indivíduos que sobrevivem da venda de sua força de trabalho. São assalariados, mas comportam-se como se fossem ricos, com independência financeira e ganhos oriundos de seus próprios negócios. Entretanto, fazem questão de exibir uma distinção social que lhes proporciona uma sensação de superioridade econômica e moral em relação à população de baixa renda. Por isso mesmo, aderem às ideias da direita, contrárias às políticas sociais, por temerem a perda de ganhos materiais. Explo-

rada pela elite dominante, a classe média não reclama do custo da saúde pública ou da escola privada, ainda que viva com a “corda no pescoço”. Vemos casos em que ela comunga com a classe rica em atitudes que refletem ódio aos pobres. Votam contra qualquer representante das classes populares que possa ocupar cargos de comando na política.

A classe média brasileira entra em pânico com a possibilidade de perder seus padrões básicos de consumo e acesso a bens culturais. Por isso, luta, desesperadamente, para que “sejam mantidas as estruturas de poder que limitem o desenvolvimento de uma verdadeira democracia social”, conforme afirma o sociólogo Jessé Souza. A direita manipula mentes vulneráveis para impor a compreensão de que as transformações sociais representam uma ameaça ao *status quo* da classe média, estimulando uma relação conflituosa com a esquerda. A classe média não é rica, mas se sente ameaçada por políticas que permitam a ascensão econômica dos grupos historicamente situados na base da pirâmide social. Como bem diz Jessé Souza, “Hoje, todo pobre se acha classe média, a classe média se acha elite e a elite fica invisível, e é o que ela quer. Para a elite, isso é ótimo, porque é o principal dispositivo de poder e ninguém vê o que ela faz”. E a direita aproveita-se dessa situação para construir suas estratégias de manipulação política.

“

O interessante é que essa classe média é formada por indivíduos que sobrevivem da venda de sua força de trabalho

Rui Leitão

Foto Legenda

Leonardo Ariel



Praias limpas

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A casa da Palmeira

Nesse calorão do nosso meio-dia, saí de uma sala fria, gelada, do Tribunal de Justiça, para, sufocado, sentir a falta imediata, no edifício vizinho da OAB, do gabinete do antigo presidente da Associação dos Procuradores, Assis Camelo, onde íamos respirar, anos atrás, o clima conterrâneo de Alagoa Nova. Com o ar refrigerado no mesmo grau, o calor da estima fazia a diferença.

Mas dou com o olhar numa casa de alpendre ao lado, de porta e janelas fechadas e que de repente se alegra, atraente, de jovens rostos, e que rostos, à janela. Era a casa de Lúcia Braga, que ela descreve de um modo, em suas memórias, e o antigo revisor de *A União* que eu fui via de outro, em suas idas e vindas a caminho de casa, em Jaguaribe.

Li ou ouvi dizer que a vida começa a ter real encanto a partir do instante em que se constitui em memória. Os instantes felizes só chegam a ser felizes muito tempo depois. Vejamos o que dona Lúcia, escreveu já exilada da militância política com o marido Wilson Braga:

“Eu já era mocinha de 15 anos e estava com Tereza e as Menezes debruçada numa das janelas da Palmeira, 73, quando três moços vestidos a caráter, com violão e guitarra aos ombros, e usando sombreros tipicamente mexicanos param na calçada e nos cumprimentam, galanteadores:

— Que belas muchachas! Por Diós!

Agradecemos as palavras gentis e indagamos curiosas: “Quem são vocês?”

— Somos artistas, El Trio los Panchos, e vamos hacer una presentación en la Rádio Tabajara — disseram os três numa só voz. E acrescentaram: — Podremos cantar para usteeds?

— Gostaremos muito — respondemos vibrando.

E foi assim que assistimos a Los Panchos numa pré-estréia *sui generis*.”

A Rádio Tabajara dava para a janela dessas meninas, a janela da casa da Rua da Palmeira. Exercia verdadeiro fascínio na vida de Lúcia e das amigas entre crianças e adolescentes. Palco nacional, não raro in-

“

Li ou ouvi dizer que a vida começa a ter real encanto a partir do instante em que se constitui em memória

Gonzaga Rodrigues

ternacional, com gente como Los Panchos, Agustín Lara, do outro lado da calçada das meninas. Orlando Silva, Galhardo, Silvio Caldas, nem se fala.

Quando não era isso, era a guerra. A Tabajara retransmitindo os horrores da Europa que a BBC despejava estalando por entre o filó amarelado do mostrador do rádio. Lúcia e as meninas ouvindo, vendo tudo da escada da rádio, onde sentavam para brincar, esperar os tipos passarem na calçada, como o jovem, sempre empertigado, Humberto Lucena ou, a algumas milhas dali, fantasmas, Hitler, Churchill, as suas tropas, seus bombardeios e as nuvens negras que a narrativa mesclava de fagulhas e de jorros de fogo.

Vem o marido, governador, e põe abaixo o castelo que a mulher reconstrói nas memórias, todo um mundo supervalorizado pela saudade e pela fama que o tempo foi deixando sentar, moldar, como um pó benéfico além do tempo.

Tempos felizes, diz Lúcia, depois de primeira-dama, deputada, protagonista de uma obra social que é apenas um dos capítulos.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

TRANSPORTE GRATUITO

Programa Caminhos da Escola combate evasão

Centenas de jovens enfrentam dificuldade para se deslocar a centros educacionais

Maria Beatriz Oliveira
 obeatriz304@gmail.com

Campina Grande é conhecida, nacionalmente, como um grande centro universitário e educativo. Dessa forma, não é à toa que centenas de estudantes de municípios circunvizinhos e da Zona Rural se deslocam até a Rainha da Borborema para ter acesso a uma educação de melhor qualidade, seja no Ensino Fundamental, no Médio ou no Superior. Porém, esse deslocamento pode gerar altos custos — algo que é um dos principais fatores para o abandono dos estudos, juntamente à necessidade de trabalhar.

Em 2005, um levantamento do Ministério da Educação (MEC) apontou um cenário preocupante: 23 mil estudantes estavam fora da sala de aula por falta de transporte. Os da Região Nordeste eram os mais atingidos, representando 55% dos que não frequentavam o colégio por não ter meio de locomoção adequado. Esses números motivaram o Governo Federal a criar, em 2007, o Programa Caminhos da Escola, uma iniciativa que visava renovar e ampliar a frota de veículos escolares da rede pública de ensino.

Em março deste ano, o programa chega à maioria e, de lá para cá, mais de 66 mil ônibus escolares já foram entregues a muni-

cípios e a estados de todo o território brasileiro. Também foram distribuídos, ao longo dos anos, 937 embarcações escolares, beneficiando estudantes de comunidades ribeirinhas e litorâneas, além de mais de 170 mil bicicletas e capacetes.

Aliada ao avanço e à estrutura provida pelo Governo Federal, a gestão estadual da Paraíba também contribuiu com o programa, entregando ônibus escolares aos 223 municípios paraibanos.

“A Secretaria de Estado da Educação (SEE-PB), a partir da administração do governador João Azevêdo, tem ido além daquilo que é responsabilidade do próprio governo. É muito comum o Governo Federal

doar ônibus escolares, aqueles amarelinhos que vemos diariamente. Mas, aqui na Paraíba, é diferente. Aqui, o governador tomou para si essa responsabilidade e, com recursos do Estado, decidiu comprar veículos, não apenas neste ano, mas em todos os anos em que esteve à frente da administração. Somente em janeiro de 2025, foram entregues 113 ônibus escolares, totalizando mais de 700 ônibus escolares distribuídos”, detalhou Wilson Filho, secretário de Educação da Paraíba.

A entrega realizada no início do ano contabilizou mais de R\$ 65 milhões em investimentos, atendendo mais de 110 municípios, entre eles Alagoa Nova, Bo-

Empenho

Aliada ao avanço e à estrutura provida pelo Governo Federal, a gestão estadual também contribui com a iniciativa, entregando veículos aos seus 223 municípios

queirão, Caturité, Pocinhos, Ingá, Matinhas, Itabaiana, Soledade, Remígio, Princesa Isabel, Cabaceiras e Alcantil.

Oferta de ônibus facilita rotina de alunos

Cubati, cidade localizada a aproximadamente 80 km da Rainha da Borborema, foi uma das contempladas com um novo ônibus escolar para seus estudantes. Morador da localidade, Victor Emanuel Lima, de 17 anos, está fazendo o último ano do curso de Técnico em Química no Instituto Federal da Paraíba (IFPB) — campus Campina Grande e utiliza o transporte escolar diariamente.

“Ajuda muito não ter que arcar com nenhum gasto para viajar todos os dias. Se não tivesse o transporte público para vir e voltar, provavelmente, eu não estaria terminando o curso hoje em dia, e já pensando em fazer uma graduação”, comentou o adolescente.

Raíssa Medeiros, aluna da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), está no sétimo período da graduação em Pedagogia e, no início do curso, não tinha o transporte escolar disponível. “Eu tinha que vir de van, era R\$ 70 para ir e R\$ 70 para voltar, sem falar nas despesas com alimentação enquanto estava aqui. Minha família se uniu, fez um esforço e conseguimos manter assim por um semestre, mas foi um alívio quando pude começar a vir de ônibus, pois dá para economizar muito”, contou Raíssa.

Já Kaio dos Santos, de 17 anos, começou, neste ano, o



Victor atribui ao serviço a manutenção do sonho da graduação



Tudo isso é para fazer com que o estudante entenda que desistir da escola, na verdade, nunca foi uma opção

Wilson Filho

curso de Geografia, também na UEPB, e, por ter um irmão mais velho, que cursava Música na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), já sabia que poderia contar com o ônibus escolar para fazer o trajeto de ida e volta do município de Puxinanã, a 15 km da Rainha da Borborema.

“[Sem o transporte gratuito], eu teria que pegar um alternativo que só chega até o Centro de Campina e, de lá, teria que gastar com um motorista por aplicativo ou pegar um ônibus. Ou seja, provavelmente, chegaria atrasado todos os dias”, brinca o estudante.

Transporte urbano

Além da participação do Governo Estadual na compra e na distribuição dos ônibus escolares, o governador

UN Informe

DA REDAÇÃO

VEREADOR DESTACA AVANÇOS NA EDUCAÇÃO MUNICIPAL DE JP NOS ÚLTIMOS QUATRO ANOS

O vereador Marcos Vinícius (PDT), que acompanha de perto a gestão do prefeito Cícero Lucena, fez um destaque especial sobre os avanços na Educação municipal, comandada pela secretária América Castro. “A rede municipal de ensino iniciou o ano letivo com 76 mil alunos. São dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) do Ministério da Educação, mostrando o crescente número de alunos matriculados, reforçando o compromisso da administração municipal com o ensino de qualidade e o futuro de nossas crianças e jovens”, comentou. De acordo com dados do Inep, quando assumiu a Prefeitura de João Pessoa, em 2021, o prefeito Cícero Lucena recebeu de seu antecessor a rede municipal com 57.952 estudantes matriculados. Ao fim do período de matrícula, esse número saltou para 64.292, ainda em 2021. Nos quatro últimos anos de gestão, esse total aumentou ainda mais e, neste ano de 2025, o período letivo teve início no último mês de fevereiro, com 76 mil estudantes matriculados nas escolas municipais na Educação Infantil, Ensino Fundamental, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo ainda o parlamentar, nos últimos quatro anos, a gestão municipal tem investido na modernização e na expansão das escolas, oferecendo mais vagas e melhores condições de aprendizagem. “A construção de novas unidades escolares e a reforma de escolas e creches existentes, com a implantação de tecnologias

educacionais, têm contribuído para um ensino de qualidade, acessível a cada vez mais crianças e adolescentes da cidade”, enfatiza.



Foto: Olenildo Nascimento/CMJP

VOOS MAIS ALTOS (1)

Alguns vereadores e auxiliares da Prefeitura de João Pessoa já se mobilizam para a campanha do próximo ano, quando pretendem disputar as eleições para deputado estadual. Entre eles, está Marmuthe Cavalcanti (Republicanos), que se licenciou da Câmara Municipal para assumir a Secretaria de Desenvolvimento Urbano de João Pessoa (Sedurb JP).

VOOS MAIS ALTOS (2)

Outros exemplos são Guga Pet (PP), também licenciado, secretário Municipal de Cuidado e Proteção Animal; Marcílio do HBE (Republicanos), levado da Câmara para a Superintendência da Semob-JP, além do secretário de Turismo e ex-prefeito de Cabedelo, Vitor Hugo Castelliano (Avante), e do suplente de senador Diego Tavares (PP), ainda indeciso sobre a Assembleia ou a Câmara dos Deputados.

PMJP RECEBE SELO OURO

Com os investimentos realizados ao longo dos últimos anos, a rede municipal de ensino de João Pessoa recebeu o Selo Ouro, referente ao Selo Nacional de Compromisso com a Alfabetização, divulgado pelo Ministério da Educação (MEC). Pesaram, para isso, as ações empreendidas em colaboração com o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, do Governo Federal, e com o programa Alfabetiza Mais Paraíba, do Estado.

VAGAS PELO SINE-PB

O Sistema Nacional de Emprego da Paraíba (Sine-PB) oferta, a partir de amanhã, 874 novas vagas de emprego, em 13 municípios do estado. João Pessoa concentra a maioria das vagas, com 686 postos de trabalho, enquanto as demais vagas são distribuídas nas cidades de Campina Grande, Sapé, Guarabira, Santa Rita, Bayeux, Mamanguape, Conde, Cabedelo, São Bento, Patos, Pombal e Princesa Isabel.

EVENTO DEBATE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA CIÊNCIA

Em alusão ao Dia Internacional da Mulher, a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), realiza o evento Março das Mulheres na Ciência 2025 no dia 19 de março. O encontro acontecerá no auditório do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), no Campus 1 da UFPB, das 7h30 às 12h30.



Fabiana Lobo

Promotora de Justiça

“Pautas ideológicas vêm trazendo recuos na garantia de direitos”

Membra do MPPB denuncia violências contra grupos vulneráveis e critica homenagens a pessoas ligadas à Ditadura

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

A negligência contra idosos, a intolerância religiosa e as violências contra a população LGBTQIAPN+ têm mantido Fabiana Lobo bastante ocupada. Promotora de Justiça do Ministério Público da Paraíba (MPPB), ela tem atuação na área da Cidadania de João Pessoa, além de ser membra do Núcleo de Gênero, Diversidade e Igualdade Social (Gedir) e coordenadora do Centro de Apoio Operacional da Saúde, órgãos do MPPB. A União conversou com a promotora sobre os principais desafios na garantia de direitos dessas populações.

Entrevista

■ *Quais são as principais dificuldades que a população LGBTQIAPN+ enfrenta no acesso aos direitos fundamentais e como o Ministério Público atua para garantir esses direitos?*

De início, foi feita uma audiência pública. A gente primeiro ouviu essa população para saber o que a gente poderia atacar, enfrentar, e também mostrar que o Ministério Público trabalha na defesa desses direitos. Então, a gente começou a receber, quase que semanalmente, algumas demandas de caráter coletivo, por exemplo, as das pessoas trans nos serviços de saúde. Quando [a pessoa trans] chega para ter um atendimento em uma Unidade Básica de Saúde na rede pública, ainda há muito preconceito, muita discriminação. Há exemplos de chamar uma mulher trans pelo nome morto. A pessoa se apresenta pelo nome social, é uma mulher, mas na hora que é chamada para entrar, fazer um exame, uma consulta, é chamada pelo nome morto. Então, são desde violências institucionais, a exemplo dessa, como também violências individuais, preconceitos, de perder emprego, enfim, são várias demandas. As mulheres trans, por exemplo, têm a demanda de saúde. Além dessa falta da forma de acolher, da forma de tratar no serviço, também há uma demanda com relação ao silicone industrial, então a gente vem acompanhando isso. Muitas são sequeladas de silicone industrial, e há um procedimento específico, que a gente está em tratativa com a Secretaria de Saúde do Estado, para que se possa construir uma equipe que faça a retirada desse silicone. Teve o caso que foi uma discriminação sofrida no Bar do Cuscuz, que ficou bem famoso na imprensa, houve uma repercussão. Então, a gente fez um TAC [Termo de Ajustamento de Conduta] e o Bar do Cuscuz deu 100 cestas básicas para a população trans. São vários focos em que a gente vem atuando, tanto em termos coletivos, como também em demandas individuais que aportam aqui na Promotoria, sobretudo com relação às pessoas trans. É o público que mais é alvo de violência.

■ *E a sociedade tem avançado em termos de aceitação dessas pessoas?*

São avanços e recuos. Infelizmente, quando a gente acha que está avançando, vem uma pauta ideológica, uma pauta política para recuar. Exemplo disso é que, anualmente, há as paradas da população LGBTQIAPN+ e, no ano passado, houve a representação de um projeto de lei municipal proibindo que os pais levassem crianças. Uma lei totalmente discriminatória, preconceituosa, inconstitucional. A Promotoria fez uma recomendação para que o prefeito vetasse a lei em face da inconstitucionalidade, e isso ocorreu. Então, há avanços, mas infelizmente, pautas ideológicas vêm trazendo também recuos na garantia desses direitos.

■ *E quais seriam os pontos de inconstitucionalidade dessa proposta?*

O que a lei dizia é que era para preservar a criança e o adolescente, preservar os valores. É como se estivesse marginalizando a população LGBTQIAPN+. Como se a população, pelo fato de ser LGBTQIAPN+, pudesse corromper os valores dessas crianças. Então, se é para não ter criança em um evento em que há bebida alcoólica, seria em qualquer evento, bloco de Carnaval, no Muriquinhas. Se a preocupação fosse essa, haveria a possibilidade de uma proibição de uma forma geral, mas só porque [se trata de] um evento da população LGBTQIAPN+, é querer jogar essa população na marginalidade; é associar à demonização, a algo que não presta. Isso fere a nossa Constituição Federal, na questão da igualdade e também da própria dignidade.

■ *O que motivou a solicitação do Ministério Público para a mudança de nomes de bairros e ruas que homenageiam figuras ligadas à Ditadura Militar?*

A Comissão Nacional da Verdade foi criada por uma lei federal que investiu a seus representantes o poder de fazer recomendações ao próprio Estado. Então, foram feitas várias, entre elas a retirada de nomes de espaços públicos de figuras ligadas à Ditadura Militar. A gente não pode falar nem condenadas, porque a gente teve uma lei de anistia, cujos efeitos ainda estão sendo analisados pelo STF [Supremo Tribunal Federal].

Mas houve essa recomendação para retirar de espaços públicos nomes de figuras ligadas à Ditadura Militar. Isso é o que a gente chama de justiça de transição. Justiça de transição é uma série de medidas, de iniciativas do Estado, para que o próprio Estado se posicione contra um período em que houve quebra da ordem jurídica. Então, nesse caso, nós tivemos um período de quebra da ordem jurídica do regime democrático, e o Estado, nesse processo de justiça de transição, adota uma série de medidas para ele mesmo se posicionar: não concordamos com o que aconteceu no passado. Então, manter esses nomes, essas homenagens, vai contra a justiça de transição. É como se o Estado ainda estivesse homenageando-os. A gente não está nem falando de esquecimento. É uma política de manter uma homenagem. Aqui, na Paraíba, foi criada a Comissão Estadual da Verdade, que fez a mesma recomendação, e, em João Pessoa, uma Comissão Municipal da Verdade, que publicou seu relatório final em 2020, com a mesma orientação. Recentemente, em dezembro de 2024, houve uma ação em São Paulo com o mesmo objetivo, a retirada de nomes de vários equipamentos, e há uma decisão que foi dada pelo juiz da Fazenda lá em São Paulo. Com base nesse precedente judicial, foi explorado, aqui, um procedimento para acompanhar também o que vem sendo feito no caso de João Pessoa. João Pessoa é uma capital que possui três bairros homenageando ditadores: o Costa e Silva, o Geisel e o Castelo Branco. Questiona-se até o Valentina de Figueiredo. Só que existe uma lei de 1998 que mudou o nome do bairro. Na verdade, hoje, é só Valentina, só que muita gente não tem conhecimento disso. Então são três bairros, são várias ruas, praças, avenidas, ainda há uma escola municipal, e essa relação está no relatório final da Comissão Municipal da Verdade. De início, solicitamos tanto ao Poder Executivo como ao Legislativo que informassem o que vem sendo feito. Estamos aguardando, ainda está em intercurso das respostas e, a partir daí, serão adotadas as medidas jurídicas que forem necessárias. Mas é inadmissível que ainda se mantenham vivas essas homenagens a figuras da Ditadura Militar.

■ *O que proíbe, do ponto de vista legal?*

Primeiro, recomendações de comissões da verdade, e essas recomendações são criadas por lei. Então, essas comissões têm o poder de recomendar e com base em princípios constitucionais, como o do Estado Democrático de Direito, que inviabiliza e impossibilita que ainda haja homenagem a pessoas que comprovadamente quebraram, violaram, violações graves de direitos humanos. Também

há violação do princípio da Dignidade Humana, porque a partir do momento que você tem um bairro homenageando uma pessoa que foi apontada como grave violadora de direitos humanos, você está afrontando não só a dignidade das famílias dos inúmeros torturados, desaparecidos, das famílias mortas, como você está afrontando a própria dignidade da coletividade. Foi um período de extrema violação dos direitos humanos e o que pauta a retirada, além das recomendações, é a própria Constituição Federal de 88.

■ *Como o Ministério Público acompanha a questão dos direitos dos idosos?*

Aqui, na Promotoria, a demanda maior é com relação à violação dos direitos de pessoas idosas. A gente recebe inúmeras denúncias, inclusive anônimas, por meio do Disque 100, retratando situações de violência. Então, a gente acompanha cada caso, as demandas individuais, e também temos atuação coletiva. Um exemplo da atuação coletiva é que recentemente ingressamos com uma ação civil pública contra quatro bancos, por desrespeito à lei estadual que proíbe contratos de empréstimo e de operação de crédito sem assinatura física, só com assinatura digital. É uma forma de evitar que essa população idosa caia em golpes. Essa lei foi julgada constitucional pelo STF, e nós entramos com a ação porque quatro bancos estavam violando a lei. Correspondentes bancários abordam os idosos de forma até agressiva, algumas vezes, e os bancos para os quais eles trabalham estavam validando esses contratos. Aí, quando você puxava o contrato, não tinha assinatura física, violando a lei. Então, esse contrato é nulo. Há várias ações individuais com as quais a Defensoria Pública tem entrado para anular esses contratos. E, aqui na Promotoria, a gente entrou com ação coletiva, para que esses bancos se abstenham de fazer isso, sob pena inclusive de multa diária, e também para que paguem danos morais coletivos para a população idosa.

■ *Sobre a questão dos abrigos e das casas de passagem, falta abrigo para os idosos em João Pessoa?*

Nós, aqui em João Pessoa, temos uma casa de acolhida, que é uma casa de passagem, e ela sempre trabalha com a capacidade máxima, mas há uma rotatividade. E temos cinco instituições de longa permanência filantrópicas. Temos mais que são privadas. Essas cinco instituições filantrópicas estão trabalhando abaixo da sua capacidade. Teriam até condição de receber mais idosos, mas não vêm recebendo por questões financeiras, devido ao alto custo de manutenção de uma pessoa idosa. Não há qualquer instituição de longa permanência, tirando a casa

de passagem, não há nenhuma pública. Então, existe uma ação civil pública tramitando, salvo engano, desde 2018, para que o Município de João Pessoa crie uma instituição de permanência pública. Essa ação está em implementação. Só que, aqui, na Promotoria, a gente vê, nas tratativas com o Município, que, já que não há ainda uma instituição pública, o município deve repassar recursos para essas filantrópicas. A última informação que tivemos é que já estava pronto o edital e prestes a ser publicado um termo de chamamento para uma parceria público-privada. O município, por esse edital, vai credenciar instituições filantrópicas de João Pessoa e, a partir daí, repassar verbas para que possa ajudar na manutenção, no custeio, inclusive para que essas instituições possam ser ampliadas. Nós temos, por exemplo, o Lar da Providência, que é secular, e lá tem dois pavilhões fechados. Teria condições de receber mais pessoas, mas, infelizmente, por questões financeiras não pode receber. Essa é uma forma que a gente vem tratando com o Município para que ele possa financiar, ajudar nessas despesas, e, assim, essas instituições filantrópicas possam aumentar o atendimento ao público.

■ *Qual é a sua avaliação do papel do Ministério Público na fiscalização das políticas públicas e na proteção dos direitos fundamentais da população?*

O Ministério Público tem essa missão de extrema importância desde a Constituição de 88, que é a missão de fazer valer tanto o regime democrático, a ordem jurídica como os direitos sociais individuais disponíveis, que são os direitos fundamentais. E vem exercendo essa função em diversas áreas: Meio Ambiente; Criança e Adolescente; Educação; aqui, na Promotoria da Cidadania, há pautas específicas e também com caráter residual. Temos trabalhado a parte da pessoa idosa, da pessoa em situação de rua, das pessoas com deficiência e também outros temas, como combate ao racismo, combate à LGBTfobia, combate à intolerância religiosa, que é uma das demandas que também recebemos aqui frequentemente. Há um crescente número de casos de intolerância religiosa aqui em João Pessoa. São pautas em que nós estamos atuando como sistema de Justiça, também aliados em parceria com outros órgãos, como a repressão da Polícia Civil, temos uma delegacia específica, tanto para pessoas idosas como para os crimes de preconceito. Nós estamos, diuturnamente, nessa luta, sempre de portas abertas para receber a população, que pode tanto procurar diretamente a Promotoria, como também usar os canais digitais da Ouvidoria ou o Disque 100, no caso de violência contra pessoas idosas e outro público vulnerável.

AGREMIÇÕES ESTUDANTIS

Espaços de vivência democrática

Paraíba tem 23% de escolas estaduais com grêmios; embora baixo, índice está acima do nacional, que é de 14%

Emerson da Cunha
emerson.aumiao@gmail.com



Pouca presença de grêmios nos mostra que muitos estudantes ainda não têm acesso a espaços de participação estudantil

Ilka Guedes

Em 23% das escolas estaduais do Ensino Médio da Paraíba há grêmios estudantis. O dado é fruto de um levantamento da Secretaria de Estado da Educação (SEE-PB), cujos dados mostram que, entre as 478 escolas da rede, 111 possuem agremiações estudantis, em 47 municípios. A maior parte está em João Pessoa (14), seguida por Campina Grande (6), Patos (5), Sousa (5) e Pombal (4).

Apesar de ainda ser baixo, o número é superior à porcentagem de grêmios em território brasileiro. De acordo com o Mapeamento de Grêmios Estudantis no Brasil, lançado em 2023, pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação (CNDE), a porcentagem de grêmios no país, em relação ao número de escolas, é de apenas 14%. Quando o mapeamento avalia o dado por região, os números ficam entre 30% e 40%.

O que mais chama a atenção é o fato de a criação, a organização e o funcionamento dos grêmios estudantis serem previstos e regidos, desde 1988, pela Lei nº 7398, conhecida como Lei do Grêmio Livre. Entre outras coisas, essa legislação assegura que o funcionamento e as atividades dos grêmios se-

jam definidos a partir de estatutos aprovados em assembleia geral. Também prevê a escolha de dirigentes e representantes por meio do voto direto e secreto de cada estudante. Ou seja, os grêmios são, muitas vezes, o primeiro espaço em que os estudantes exercem o direito ao voto e têm contato prático com conceitos como cidadania e democracia.



Criado no ano passado, grêmio da EEEM José Baptista de Mello, em Mangabeira, atua fortemente na área esportiva

Para Ilka Guedes, assessora de projetos da CNDE, os baixos índices encontrados pelo mapeamento significam que muitos estudantes não estão participando da gestão democrática das escolas. “Essa pouca presença de grêmios nos mostra que muitos estudantes ainda não têm acesso a espaços de participação estudantil, seja por falta de incentivo da gestão esco-

lar, seja por desconhecimento sobre o direito de se organizar. Todo o processo de tomada de decisão está acontecendo sem a participação dos estudantes, sendo feito apenas pela direção das escolas e pelos gestores das políticas educacionais dos estados. A legislação existe, mas não está sendo cumprida”, diz ela.

Para o estudante Vinícius Brainer, presidente da Asso-

ciação Paraíba de Estudantes Secundaristas (Apes), organização que acompanha grêmios de todo o estado, esses espaços são importantes por serem os primeiros de prática da democracia dos jovens. “É onde a gente tem o direito de dizer o que pensa e de escolher as pautas, atividades e lutas que o grêmio vai levar adiante”, defende. Vinícius argumenta que, em-

bora muitos jovens possam votar, a partir dos 16 anos, a democracia não se restringe ao voto, o que faz a experiência grêmista ser, de fato, o momento em que o estudante dá os primeiros passos na sua vida social, cultural e política. “Os grêmios estudantis são a base do movimento estudantil. Só podemos mudar a nossa realidade por meio da luta organizada”, ressalta.

Para ter voz e travar lutas políticas em prol dos estudantes

No Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário (Ceeas), localizado no bairro Pedro Gondim, em João Pessoa, o grêmio ainda é recente: foi criado em 2023. Um grupo de 18 jovens compõe o espaço estudantil, atualmente encabeçado pelo presidente, Heitor Marcelino, e sua vice-presidente, Pérola Sousa, que fazem a primeira gestão do grêmio. As próximas eleições deverão acontecer no ano que vem.

Formada por 14 alunas e quatro alunos, entre 15 e 18 anos, da 1ª a 3ª série do Ensino Médio, a agremiação é a primeira oportunidade de experiência política na vida do grupo, cujo foco, no contato com o corpo estudantil, é o acolhimento. No co-

meço do ano, a equipe realizou uma recepção especial, com dinâmicas para os que estavam chegando e também para os alunos repetentes, que não conheciam as turmas novas.

O acolhimento também está na recepção das demandas discentes. “Não é mais aquela história de ter pessoas isoladas em um canto e outras em outro. O grêmio promove um ambiente de unidade, até pelo fato de cada membro ser de uma sala diferente. Mesmo quando não está todo mundo junto, a gente promove isso. É algo que me deixa muito feliz, pois conseguimos fazer com que os novatos se sintam acolhidos na escola, tanto pelo grêmio quanto pela gestão escolar”, diz Pérola.

A vivência política também

aparece na fala da representante. Além do grêmio, há os representantes de cada sala de aula, responsáveis por acompanhar as questões das suas próprias turmas. A experiência da democracia, segundo Pérola, está nesse exercício. “Dentro de cada sala, temos os líderes, pessoas que representam o que os alunos desejam. Para escolher quem é a pessoa melhor para exercer aquela função, há uma eleição. Então, procuramos ser muito assertivos, para sermos exemplo e para que outras pessoas também possam falar”, diz a estudante.

Outro grêmio recente é o da Escola Estadual de Ensino Médio (EEEM) José Baptista de Mello, em Mangabeira VII, também na capital paraibana. Lá, o

grêmio é composto por 12 alunos, de 16 a 17 anos. O presidente da atual gestão, Felipe Andrade, foi um dos estudantes que puxou o movimento para criar a agremiação. “A escolha de quem vai representar os estudantes é deles mesmos, da mesma forma como acontece lá fora, quando a população elege os governantes, por exemplo. Quem se candidata para o grêmio estudantil também passa por esse processo de fazer campanha, coordenar eleições, correr atrás...”, diz Felipe.

O grupo tem atuado mais fortemente na área de esportes, fomentando clubes de vôlei e de futsal, mas também atua na construção das feiras culturais, organizadas pelos próprios estudantes, com apoio da gestão da escola. Ainda em parceria com a gestão, os estudantes conseguiram mobilizar a reforma da parte elétrica da escola, depois de uma das salas sofrer um incêndio, no ano passado.

Contribuições do estado

Na Paraíba, uma das principais estratégias para fomentar a criação dos grêmios estudantis veio com a criação, em 2024, da Gerência de Protagonismo e Fortalecimento da Política de Participação Democrática do Jovem Estudante, no escopo da SEE-PB. Segundo o seu gerente, Mário Farias, até a pandemia, havia apenas um grêmio ativo no estado.

A partir da criação dessa gerência, no ano passado, foi realizada uma formação com mais de 300 estudantes sobre

o tema, com o relançamento atualizado da Cartilha de Grêmios Estudantis (de 2023), que dá o passo a passo de como criar um grêmio na escola. Além disso, em dezembro de 2024, a Lei nº 13.531 instituiu o programa Geração Protagonista, que considera os grêmios como uma de suas ações.

Para Mário, a escola tem a obrigação de proporcionar espaços de experimentação que

formem para a vida. “Educadores e gestores estão em contato direto com os jovens e podem ser condutores no desenvolvimento do protagonismo estudantil. Quando o jovem se sente parte da escola e tem sua opinião levada em consideração pela gestão escolar e pelos educadores, ele se apropria desse espaço para causar impacto positivo em sua comunidade”, defende o gerente.

Saiba Mais

O que é

O grêmio estudantil é a organização responsável por representar o interesse de estudantes dos ensinos Fundamental e Médio. A sua existência é regida pela Lei do Grêmio Livre, sancionada no dia 5 de novembro de 1985, durante a reabertura democrática. Ela garante a livre organização dos estudantes.

O que faz

Órgão máximo de representação dos estudantes de uma escola, o grêmio permite que os alunos discutam, criem e fortaleçam inúmeras possibilidades de ação, tanto no ambiente escolar quanto na comunidade. Ele leva demandas dos estudantes ao conselho escolar e às associações de pais e professores, além de funcionar como órgão operativo para cumprir encaminhamentos decididos pelos estudantes em assembleia.

Importância

- Promove a participação dos alunos;
- Democratiza a escola;
- Desenvolve as competências;
- Integra os alunos;
- Estimula a cidadania;
- Promove a luta estudantil.



Pérola Sousa, vice-presidente do grêmio do Ceeas, diz que o espaço leva demandas dos estudantes à direção e promove um sentido de unidade na escola

Fotos: Carlos Rodrigo

INTRODUÇÃO ALIMENTAR

Testando novos sabores e texturas

Momento em que o bebê começa a comer alimentos sólidos é uma etapa que influencia os hábitos alimentares futuros

Carolina Oliveira
marquesdooliveira.carolina@gmail.com

Quando o bebê deixa de consumir apenas o leite materno (ou a fórmula infantil) e passa a ingerir outros tipos de alimentos, começa uma fase conhecida como introdução alimentar — etapa que deve ser iniciada somente a partir do sexto mês de vida, conforme recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde. Até essa idade, o aleitamento materno deve ser exclusivo, sem necessidade de nenhum outro alimento, nem mesmo água, já que o leite supre, também, as necessidades de hidratação do bebê.

Para que os pais ou responsáveis deem início à introdução alimentar, porém, é necessário que a criança apresente os chamados sinais de prontidão: conseguir sentar-se com o mínimo de apoio, demonstrar interesse pela comida, ter controle dos movimentos de cabeça e pescoço e apresentar um reflexo de protrusão da língua diminuído. Esses são os sinais que a nutricionista Katiuska Eloy aconselha observar, antes de ofertar novos alimentos aos nenéns. “É importante respeitar esses sinais, pois eles garantem que o bebê esteja preparado para essa nova fase”, diz.

O processo deve ser gradual. A profissional orienta que, inicialmente, os alimentos sejam oferecidos de forma isolada, permitindo que a criança se acostume com os novos sabores e texturas. À medida que a adaptação evoluir, poderão ser acrescenta-

dos outros alimentos. “Essa progressão ajuda o bebê a desenvolver habilidades de mastigação e facilita a sua familiarização com diferentes texturas”, explica.

Os primeiros alimentos que devem ser oferecidos durante essa fase são, prioritariamente, aqueles mais ricos em nutrientes, mas que também sejam de fácil digestão. Katiuska aponta que é recomendável começar com as frutas. Banana, maçã ou pera, por exemplo, são boas opções de primeiros alimentos sólidos a serem ofertados. Ela também acrescenta que as primeiras refeições devem conter os quatro grupos alimentares: carboidratos (como arroz ou batata), leguminosas (a exemplo do feijão ou da lentilha), legumes ou verduras (sendo cenoura ou abobrinha algumas das opções) e, por fim, proteínas (frango e peixe, a princípio, podem ser fontes de proteína magra com melhor aceitação).

Reações

A partir dos seis meses de vida, Maria Isabela começou a provar os primeiros alimentos sólidos. O pai da criança, Thiago Tavares de Alencar, relata que deu início ao processo depois de indicação médica. “A pediatra disse que podíamos dar qualquer tipo de comida, com exceção de sal e açúcar, desde o começo. Também nos orientou a sempre observar as reações dela”, lembra.

A médica que acompanha Maria Isabela também recomendou que a textura dos alimentos não fosse completamente transformada



Maria Isabela não teve rejeições significativas nem alergias; desde o início, a pequena aceitou alimentos de todos os grupos

(ou seja, que evitassem bater os alimentos no liquidificador, por exemplo, e usassem um garfo para amassá-lo). Thiago diz que o início da introdução alimentar foi fácil para a sua menina, sem rejeições significativas ou alergia alimentar. Com aceitação de diferentes grupos de alimentos, a criança experimentou batata, feijão, arroz, ovos, e frango. “Ela comia bem, não recusou quase nada. Só abóbora”, lembra.

As dificuldades vieram alguns meses depois, quando os hábitos na hora do manuseio e do consumo dos alimentos começaram a ser motivo de discordância. “Ela não aceitava a comida na colher. Às vezes, queria pegar com a mão e comer por conta própria”, conta. Mas, com a evolução e o desenvolvi-

mento da criança, esses hábitos foram gradualmente se ajustando. “Agora, com um ano de idade, ela já quer pegar a colher e colocar na boca sozinha”, acrescenta.

Thiago ressalta que é preciso ter paciência e compreensão do momento, pois pensar as refeições de maneira que a criança aceite bem os alimentos e adquira os hábitos de alimentação está entre os maiores desafios dessa fase. “É um pouco trabalhoso, sim, mas também é uma grande satisfação ver o desenvolvimento dela e a independência que ela vai alcançando, pouco a pouco”, completa.

O processo de Maria Isabela ainda não terminou, mas Thiago diz que, hoje, a filha já come tudo o que lhe é oferecido nas refeições. “O

que mais me chamou a atenção, nesses meses, foi assistir a essa busca dela pela autonomia, por meio do ato de se alimentar”, observa.

Conforme Katiuska, essas transformações comportamentais são marcadores de desenvolvimento relevantes. “Além do aspecto nutricional, a comida e o hábito de comer são costumes culturais”, salienta. Ou seja, as refeições são momentos de experiência sensorial e de socialização, e começar a vivenciá-las significa crescer como pessoa e ser social. Por essa razão, a nutricionista enfatiza a importância de ter os devidos cuidados e uma boa estratégia nutricional nesse período, pois é a partir desse ponto que começa a relação da criança com os sabores e os alimentos.



Foto: Arquivo Pessoal

É preciso oferecer o mesmo alimento várias vezes, mesmo que o bebê não o aceite de primeira

Katiuska Eloy

Nutricionista ensina a driblar dificuldades que possam surgir

As principais dificuldades que podem surgir no processo de introdução alimentar incluem recusa a alguns alimentos, reações alérgicas e dificuldades em aceitar texturas. Para evitar que ocorra a recusa do alimento, a nutricionista Katiuska Eloy sugere que o mesmo alimento deve ser oferecido várias vezes. “Mesmo que a criança não aceite na primeira tentativa, experimente diferentes preparações, texturas e apresentações, como purês, pedaços ou alimentos cozidos de maneiras variadas”, diz.

Com relação às reações alérgicas, para minimizar esse risco, a profissional recomenda que a introdução seja realizada com um alimento de cada vez, sendo necessá-

rio aguardar o período de alguns dias antes que o outro seja oferecido. Isso permite que possíveis reações adversas sejam mais bem observadas. Por fim, alguns bebês podem ter dificuldade em lidar com diferentes texturas. “Para ajudar, comece com alimentos bem amassados e, gradualmente, introduza texturas mais sólidas à medida que o bebê for se adaptando”.

Fazer a criança aceitar melhor os alimentos é algo que pode ser motivo de dúvidas e preocupações. Uma das principais formas de garantir o êxito nesse processo é buscar oferecer esses novos alimentos em um ambiente tranquilo e sem distrações. De acordo com a nutricionista, a paciência deve ser exerci-

tada pelos pais e responsáveis, nesse período. E insiste: “É preciso oferecer o mesmo alimento várias vezes, mesmo que o bebê não o aceite de primeira”.

Uma estratégia sugerida por ela é a de envolver a criança no processo, permitindo que ela participe, por exemplo, segurando a colher ou experimentando diferentes temperaturas e texturas, como purês, pedaços cozidos e alimentos crus. Além disso, Katiuska sugere a variação das cores e dos tipos de alimentos, para tornar as refeições mais interessantes e atraentes. No início, os alimentos devem ser bem amassados. À medida que o bebê se acostuma, alimentos mais sólidos e em pedaços pequenos podem começar a ser oferecidos. A textura deve ser adaptada à capacidade do bebê de mastigar e engolir.

Experiência

Conforme Katiuska, a introdução alimentar é um processo de aprendizagem, então é essencial que os pais ou responsáveis incentivem a exploração dos alimentos, permitindo que o bebê toque, cheire e experimente diferentes sabores. Por fim, é importante comemorar cada pequena conquista do bebê durante o processo, pois a ali-

mentação deve ser uma experiência positiva e prazerosa.

A fase, segundo a nutricionista, pode ser considerada “concluída” quando a criança já estiver consumindo uma variedade de alimentos de diferentes grupos alimentares, sem depender exclusivamente do leite, seja materno ou fórmula, como fonte de nutrição. Isso costuma acontecer por volta dos 12 meses, quando o bebê já pode comer a maioria dos alimentos que os adultos consomem.

No entanto, alguns alimentos devem ser evitados, como o mel. “É contraindica-

do para crianças com menos de um ano, pois pode conter esporos de *Clostridium botulinum*, bactéria que causa o botulismo”, alerta. Alimentos com alto teor de sal também devem ser evitados, uma vez que os rins das crianças pequenas ainda não estão totalmente desenvolvidos e podem ter dificuldade de processar grandes quantidades de sódio.

Por fim, Katiuska recomenda evitar o açúcar e produtos açucarados até os dois anos. “Nessa fase, o paladar está em desenvolvimento, e a exposição precoce ao doce

pode levar a uma preferência excessiva por esse sabor, dificultando a aceitação de outros alimentos, no futuro”, explica.

Ela lembra ainda que as frituras e os produtos muito gordurosos, especialmente aqueles ricos em gorduras saturadas, devem ser oferecidos com cautela. O mesmo se aplica ao suco de frutas, que deve ser limitado, uma vez que pode conter uma quantidade significativa de açúcar natural e não substitui a ingestão de frutas inteiras, que são mais nutritivas e ricas em fibras.

Saiba Mais

O que oferecer ao bebê:

- Frutas frescas, raspadas ou amassadas, como mamão, banana, abacate, manga, laranja e kiwi, maçã, pera, caqui e melancia;
- Vegetais amassados, como tomate, chuchu, beterraba, abóbora, quiabo, brócolis, berinjela e cenoura;
- Leguminosas amassadas, como feijão, soja, lentilha, grão-de-bico e ervilha;
- Tubérculos amassados ou em forma de purê, como aipim, batata, batata-baroa, cará, inhame e batata-doce;
- Proteínas amassadas ou desfiadas, como ovo, peixes, carne, frango, peru e tofu;
- Cereais amassados, como arroz, macarrão, milho, aveia e quinoa;
- Água (a quantidade varia conforme a idade do bebê).

Alimentos não indicados:

- Doces, como sorvete, pudim, chocolate, gelatina, bolo, geleia e açúcar;
- Carnes processadas, como presunto, linguiça, bacon, salame, mortadela e salsicha;
- Bebidas industrializadas, como refrigerante, suco de caixinha e suco em pó;
- Mel (pode conter a bactéria responsável pelo botulismo, que causa infecção intestinal grave e pode atingir o sistema nervoso).



Foto: Reprodução/FreePik

Kiwi e banana são duas das frutas indicadas para essa fase

EMPRÉSTIMOS ILEGAIS

Ofertas “tentadoras” escondem crime

Exibidos pelas ruas da capital, anúncios que prometem crédito imediato transformam clientes em vítimas

João Pedro Ramalho
 joaoprimalho@gmail.com



O método usado tem uma publicidade invasiva, atraindo a atenção do consumidor para ter dinheiro rápido e fácil

Dayuri Santos

Quem caminha pelas ruas de João Pessoa depara-se com um fenômeno cada vez mais intenso, que não se trata, apenas, do trânsito. Convivendo com os carros que congestionam as vias em horários de pico, estão os anúncios — fixados em postes, pontos de ônibus e muros —, de empréstimos informais, que prometem o pagamento imediato de um valor, a ser adquirido por meio de uma compra no cartão de crédito. O serviço ilude pela facilidade do recebimento do dinheiro, mas é ilegal e pode ser entendido como agiotagem — outro nome para a usura, um crime contra a economia popular.

Segundo Dayuri Santos, advogada especialista em Direito do Consumidor, não há previsão, na legislação brasileira, para que pessoas físicas ofereçam empréstimos a terceiros, já que essa atividade pode ser feita somente por instituições autorizadas pelo Banco Central. O serviço anunciado em postes, assim, enquadra-se no crime de usura pecuniária ou real, tratado na Lei nº 1.521, de 1951. A norma, em seu artigo 4º, inclui os casos em que são cobrados juros, sobre dívidas em dinheiro, acima do permitido legalmente, assim como a realização de contratos que se aproveitem da situação de necessidade das pessoas para obter lucro excessivo. A pena é de prisão, entre seis meses e dois anos, e uma multa em dinheiro, cujo valor varia de R\$ 2 mil a R\$ 50 mil.

Além de ilegal, a prática exposta nas ruas pessoenses é abusiva. “O método usado para fazer esses empréstimos tem uma publicidade muito invasiva, porque, quando eles colocam o anúncio dizendo: ‘Receba R\$ 1.000 e pague em x parcelas de determinado valor’, não estão demonstrando qual o valor final que a pessoa pagará, mas atraindo a atenção do consumidor para a possibilidade de ter dinheiro fácil e rápido”, diz Dayuri.

Ainda conforme a especialista, mesmo pessoas jurídicas podem cometer irregularidades ao ofertarem empréstimos — isso, claro, quando não se trata de empresas previamente autorizadas a fazê-lo. “Imagine que eu sou dona de um supermercado e me aproveito do fato de ter uma máquina de cartão para atrair o consumidor a fazer esses empréstimos. O problema é que, quando fui até uma instituição financeira e disse que precisava de uma maquina, eles me deram esse aparelho, com a finalidade de passar as compras dos meus clientes. Mas, a partir do momento que eu a utilizo para fazer esse tipo de empréstimo, estou agindo mediante agiotagem e cometendo uma fraude ao sistema financeiro”, esclarece.

Simulação

A reportagem do Jornal A União tentou contato com três números encontrados em anúncios da capital, sendo atendida por um deles. O objetivo foi simular a aquisição de um empréstimo. Na con-

versa, o atendente prometia a concessão de R\$ 1.000, via Pix, que seria pago em 12 parcelas de R\$ 104,99. Também seria possível quitar o montante em menos parcelas ou adquirir valores maiores, divididos em até 18 vezes. A comodidade do serviço incluía o fato de não haver consulta à situação cadastral do CPF na Receita Federal, o que permite o empréstimo a pessoas negativadas. A única exigência é ter um limite, no cartão de crédito, equivalente ao valor final a ser pago — e a transação pode ser efetivada tanto em um endereço escolhido pelo cliente como em um dos escritórios da empresa, localizados no Centro de João Pessoa e nos bairros de Mangabeira, Manaíra e Oitizeiro.

Uma consulta ao CNPJ da companhia responsável pelo empréstimo, porém, revelou



Serviços divulgados em postes, muros e paradas de ônibus enquadram-se em práticas de agiotagem, quando oferecidos por pessoas físicas ou empresas não autorizadas pelo Banco Central

Usura

A cobrança de juros acima do permitido pela lei, além da realização de contratos que se aproveitam de pessoas necessitadas para obter lucro excessivo, caracterizam a usura

que sua atividade principal não é a de oferta de créditos, mas de “serviços combinados de escritório e apoio administrativo”. As funções secundárias — “atividades de cobranças e informações cadastrais” e “correspondentes de instituições financeiras” — tampouco permitem a realização de empréstimos pelos consumidores. A última, aliás, embora traga uma vinculação ao ramo financeiro, inclui apenas o recebimento de depósitos e o pagamento de títu-

los. Isso indica, portanto, que a promessa feita nesse anúncio, assim como em tantos outros, é ilegal.

Denúncia

Em João Pessoa, os serviços informais de empréstimo podem ser denunciados à Delegacia de Crimes Contra a Ordem Tributária (DCCot), localizada na Cidade da Polícia Civil, no bairro Ernesto Geisel. A denúncia gerará um Boletim de Ocorrência (B.O.), que pode ser enviado, também,

ao site do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), autarquia federal responsável por investigar práticas que violem o sistema financeiro.

Ainda na Paraíba, outro órgão que recebe denúncias é a Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor do Estado (Procon-PB). Sua atuação já levou à notificação de empresas, à aplicação de multas e à apreensão de máquinas de cartão de crédito, em operações realizadas desde 2021.

Consumidores ficam vulneráveis a novos golpes e ao vício

As pessoas que contratam empréstimos em serviços ilegais não são consideradas infratoras da lei — na verdade, para Dayuri Santos, elas consistem mais em vítimas do que, propriamente, em consumidores. Um dos perigos de se envolver nesse tipo de operação, assim, é de tornar-se alvo de novos golpes, conforme alerta o consultor financeiro Guilherme Baía. “Existe o risco de a pessoa sofrer outros crimes, como extorsão e roubo de dados, uma vez que o credor já possui os dados do cartão de crédito, podendo, inclusive, ter outro empréstimo contraído em seu nome. Então, se o empréstimo sair mais barato [que o ofertado por um banco], seria só pela ótica financeira; mas isso pode acabar sendo ainda mais caro, principalmente quando o credor é alguém que não ‘dá as caras’ nem é uma instituição regulada”, ressalta.

Outro risco atrelado à aquisição desses empréstimos tem relação com a facilidade aparente com a qual o dinheiro é obtido. A

ilusão gerada pelo recebimento imediato de um depósito pode tornar a prática um vício, já que a vítima passa a contratar o serviço em qualquer oportunidade, por mais trivial que pareça. “É muito fácil a pessoa pegar um dinheiro porque quer fazer um passeio ou porque quer ir ao shopping no fim de semana e gastar. Muitas vezes, ela nem chega a quitar o empréstimo anterior e já vai fazendo outros e outros, o que gera mais uma situação muito preocupante, que é o superendividamento”, adverte Dayuri.

Para a advogada, a popularização desses serviços é um sinal da vulnerabilidade de parte da população frente às instituições financeiras, o que leva à busca por soluções “alternativas”. Além disso, a existência dessas vítimas indica a necessidade de maiores investimentos em educação financeira voltada para o consumo. “A partir do momento em que não preciso de um empréstimo e, mesmo assim, eu contrato, só porque está muito fá-

cil, não tenho a consciência de que aquilo pode ter outras consequências. E mesmo que a parcela seja baixa, não é melhor utilizar esse valor para fazer um investimento ou uma reserva de emergência?”, provoca a especialista em Direito do Consumidor.



“Existe o risco de a pessoa sofrer outros crimes, como extorsão e roubo de dados, já que o credor possui os dados de seu cartão

Guilherme Baía

Cautela e informação previnem maus negócios

Se o empréstimo for realmente uma necessidade, existem formas mais seguras de recorrer a esse caminho. É o que orienta Késsia Liliana, superintendente do Procon-PB. “Em primeiro lugar, desconfie de ofertas muito fáceis e de quem pede dados bancários ou pagamentos antecipados. Também evite empréstimos informais sem contrato ou registro, e pesquise a empresa desejada no site do Banco Central. Acima de tudo, busque crédito apenas em instituições regulamentadas”, comenta.

Guilherme Baía destaca, ainda, que a adoção responsável de um empréstimo passa pela compreensão do que gerou sua necessidade — geralmente, um desequilíbrio entre o aumento das despesas e a diminuição da renda familiar. O primeiro lado da balança pode ter pesado por um descontrole nos gastos ou por algum infortúnio, enquanto o segundo pode ser efeito de um fenômeno sazonal, como a queda nas vendas de um comércio, ou de uma perda duradoura da renda, a exemplo de uma de-

missão ou do fim de um contrato de trabalho. Entender a origem do problema e os meios de solucioná-lo, portanto, é fundamental.

“A família precisa ver, no orçamento, quanto é possível designar para o pagamento da parcela. Essa capacidade de pagamento é preponderante para que se isole esse valor do orçamento mensal, seja para um empréstimo novo, seja para uma renegociação. E ele precisa ser muito bem dimensionado, considerando, inclusive, eventuais mudanças no orçamento, para evitar que a parcela contratada se torne um grande problema depois”, finaliza o consultor financeiro.

■ **Especialista destaca que a adoção responsável de um crédito requer a compreensão do que gerou sua necessidade**

VISITAS E INVESTIMENTOS

Setor turístico espera ano histórico

Após alta recorde de R\$ 917 milhões em 2024, gestores do turismo paraibano projetam índice inédito de visitantes

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Com os crescentes investimentos na expansão da infraestrutura turística da Paraíba — a exemplo da construção de espaços como o Polo Turístico Cabo Branco, em João Pessoa, o Centro de Convenções, em Campina Grande, e a Cidade da Astronomia, em Carrapateira —, a previsão dos gestores envolvidos no segmento é que, ainda neste primeiro trimestre de 2025, o estado alcance um índice histórico de visitantes.

Entre os aportes financeiros já aplicados à área, o Banco do Nordeste (BNB) destinou, no ano passado, R\$ 527 milhões para incentivar empreendimentos turísticos de todos os portes, o maior investimento da instituição no setor, em todo o país, no período. O montante é 13 vezes maior que o destinado em 2023, quando o turismo paraibano recebeu R\$ 40,6 milhões do BNB. Os créditos, de acordo com o banco, foram dedicados a incrementar atividades como hospedagem, transporte, eventos, alimen-

tação e agências de viagem.

Outro dado que embasa a alta expectativa do setor é o fato de que, somente em janeiro deste ano, de acordo com um relatório produzido pela Coordenação de Inteligência de Dados da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), vinculada ao Governo do Estado, houve um crescimento relevante no fluxo de turistas internacionais — com Paraguai, Argentina e Alemanha liderando a lista das nacionalidades que mais desembarcaram em solo paraibano durante o primeiro mês de 2025.

A ascensão da Paraíba como destino popular entre viajantes brasileiros e estrangeiros também se reflete em um aumento recorde do turismo local no último ano, chegando a R\$ 917,9 milhões em faturamento, o que representa um aumento percentual de 4,6% em relação aos números alcançados em 2023 (R\$ 876,8 milhões). Os dados foram divulgados pelo levantamento Faturamento do Turismo Nacional, elaborado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fe-



Foto: Carlos Rodrigo



Foto: Leonardo Ariel

Conforme uma pesquisa realizada pela Fecomércio-PB, o maior atrativo do estado, na opinião dos turistas, são as praias da Região Metropolitana de João Pessoa

comércio-SP), com base em registros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Conforme revela o estudo, a Paraíba segue uma tendência de expansão nacional, já que os ganhos totais do setor, em todo o Brasil, ultra-

passaram a marca de R\$ 205 bilhões em 2024.

Reforçando o poder de atração dos potenciais turísticos paraibanos, outro estudo, elaborado pela Federação do Comércio da Paraíba (Fecomércio-PB), em janeiro

deste ano, aponta que 98% de quem veio ao estado durante o verão pretende retornar para cá, além de recomendar o passeio para amigos e familiares. Segundo a mesma pesquisa, além das praias da Região Metropolitana de

João Pessoa, mencionadas como o maior atrativo local por 46% dos visitantes entrevistados, a receptividade do povo paraibano é outro destaque positivo, citado por 13,5% deles, assim como a gastronomia (11%).

Interiorização busca atrair viajantes a outras regiões do estado



Foto: Ortílio Antônio/Arquivo A União



Foto: Julio Cezar Peres

Governo conta com riquezas naturais (como a Pedra da Boca) e culturais (como o São João de Campina) para estimular o turismo no interior

De fato, as belezas naturais do Litoral continuam sendo os lugares mais frequentados pelos turistas que vêm à Paraíba, mas o Governo do Estado pretende, por meio da PBTur e da Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico (Setde), implementar cada vez mais rotas turísticas no interior do estado, em uma série de iniciativas que têm se valido das riquezas históricas, culturais, culinárias e ambientais encontradas nas demais regiões paraibanas.

“Há esse trabalho de interiorização, para que o turista

venha e a gente possa apresentar a Paraíba com vários destinos. O que a gente quer é que o visitante possa usufruir da nossa capital, do Centro Histórico, do nosso Litoral, mas também possa conhecer o Brejo paraibano; o município de Campina Grande e sua festa de São João; o Parque Estadual da Pedra da Boca, em Araruna, referência no turismo de aventura no Brasil; a Rota dos Engenhos e a Rota Cultural Caminhos do Frio, que abrange Areia, Bananeiras, Pilões, Solânea, Serraria, Remígio, Alagoa Grande e Alagoa Nova. É um traba-

lho de infraestrutura, mas também de promoção, que o Governo do Estado vem realizando”, detalha a secretária Rosália Lucas, titular da Setde.

Esse processo de interiorização do crescimento turístico paraibano tem ainda, a seu favor, o interesse espontâneo que já existe, entre parte dos turistas que visitam João Pessoa (quase 13%, conforme o estudo da Fecomércio-PB), em aproveitar a passagem pelo estado para conhecer outras cidades, como Campina Grande, Guarabira, Patos e Bananeiras.

Rede de roteiros de viagem interliga 80 cidades paraibanas

Entre os parceiros do Governo da Paraíba no estímulo ao segmento turístico do estado, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) destaca-se como um dos principais colaboradores. Além de investir em projetos já consolidados, como o Caminhos do Frio, a entidade capacita profissionais para atuarem no setor e lançarem novas rotas de viagem, por meio do programa Agentes de Roteiros Turísticos (ART).

A gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae na Paraíba, Regina Amorim, chama atenção para o impacto de projetos desse tipo ao desenvolvimento econômico de dezenas de cidades do estado, por meio, inclusive, do estímulo aos pequenos empreendedores locais. “Iniciativas como a criação do Catálogo de Experiências Turísticas da Paraíba nos mostra que temos hoje, interligados, 80 municípios e mais de 550 pequenos negócios fazendo participação ativa nos roteiros turísticos paraibanos,

Impulso

O Sebrae tem apoiado a criação de novos projetos de turismo, capacitando profissionais do setor e fomentando pequenos empreendedores

o que dá em torno de sete negócios por roteiro. O melhor é que são pessoas devidamente formalizadas, com o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) e com o Cadastur, sistema de cadastro, mantido pelo Ministério do Turismo, de pessoas físicas e jurídicas que atuam na área”, comenta a representante do Sebrae.

Além de auxiliar na divulgação dos produtos e serviços oferecidos por microempreendedores envolvidos no setor, o Catálogo de Experiências Turísticas da Paraíba

reúne informações úteis para pessoas que desejam passear pelo estado, como os meios de transporte mais adequados para cada região, opções de hospedagem e de alimentação em diferentes faixas de preço e, até mesmo, canais de contato de guias turísticos especializados em cada um dos 27 roteiros listados — como a Rota das Flores, que integra Pilões, Solânea, Serraria e Borborema.

Conforme anunciado em fevereiro, o Sebrae planeja implementar, ainda neste ano, por meio do ART, 44 novos roteiros locais.



Acesse o catálogo por meio do QR Code



Foto: Tereza Duarte

A Rota das Flores é uma das 27 atrações do catálogo de experiências turísticas do Sebrae

Saiba Mais

Os números referentes à Paraíba, apresentados pelo levantamento “Faturamento do Turismo Nacional”, foram os melhores no estado desde 2019, ano em que teve início a análise de dados da Fecomércio-SP. Naquele período, o faturamento do segmento foi de R\$ 807,7 milhões. Em 2020, o montante foi de R\$ 700 milhões, seguidos pelos ganhos de R\$ 735,2 milhões, em 2021. Já em 2022, a Paraíba chegou aos R\$ 821,3 milhões faturados no setor.

LIVROS

De volta às páginas

“O Auto da Compadecida 2” ganha adaptação literária, escrita por Carlos Newton Junior

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Fanfic é um neologismo criado a partir das palavras *fã* e *ficção*, em inglês. Os fóruns da internet consagraram esse gênero que se apropria de personagens previamente criados em narrativas literárias ou audiovisuais, com o intuito de criar novas histórias. É com essa palavra que o professor e escritor pernambucano Carlos Newton Júnior define o roteiro do filme *O Auto da Compadecida 2*, lançado no final do ano passado, nos cinemas, nascido a partir do universo consagrado de Ariano Suassuna. Na expectativa da estreia de uma edição mais extensa para o *streaming*, o roteiro do longa-metragem ganha uma versão em livro, atualmente em pré-venda: quem assina esse projeto é, justamente, Newton Júnior.

O roteiro de *O Auto 2* foi criado por Guel Arraes e João Falcão, com colaboração de Adriana Falcão: o mesmo trio foi o responsável por adaptar para a TV e para o cinema a peça do escritor paraibano, entre 1999 e 2000 — estas, as suas versões mais famosas. Nessa sequência, com parte do elenco original, os autores contaram com a colaboração de Jorge Furtado. Já Newton Júnior, atual curador da herança literária deixada por Ariano, utilizou como base o trabalho integral dos roteiristas, desenvolvido como minissérie para o Globoplay. O livro é editado pela Nova Fronteira, detentora do catálogo do literato, e conta com ilustrações de Manuel Dantas Suassuna, filho do idealizador do movimento armorial.

A obra ganhou, ainda, um subtítulo em sua edição literária: *As Novas Aventuras de João Grilo e Chicó*, asseverando o nome dos protagonistas. Newton Júnior foi convocado para a tarefa de (re)escrever *O Auto 2*,

em setembro de 2024, e concluiu sua versão para a editora três meses depois — ele não chegou a ver o filme pronto, que estreou apenas em dezembro. “Foi tudo muito rápido, de fato, mas a negociação foi complexa, porque envolveu a editora, a família do autor, os roteiristas e o diretor [Arraes também assinou a realização, como *no original*]. Esse lançamento foi precipitado para combinar com a chegada do filme para aluguel nas plataformas digitais, no mês passado”, relata.

A peça de Ariano foi encenada pela primeira vez em 1955 e ganhou outras adaptações audiovisuais ao longo dos anos, como *Os Trapalhões no Auto da Compadecida* (de Roberto Farias, 1987). A versão realizada pela TV Globo, trazia elementos de outras obras de Ariano, como *O Santo e a Porca* (1957) e *Torturas de um Coração* (1958). Algo similar foi feito agora, em *O Auto 2*. “Tem uma passagem cômica em que Chicó (Selson Mello) encontra-se com Clara-bella (Fabiula Nascimento): ela é uma personagem de *A Farsa da Boa Preguiça* [1960]. E, nesse momento, ele faz as vezes de Joaquim Simão, outro personagem da *Farsa*, que é um poeta popular, algo que o Chicó original, de Ariano, não é”, destaca.

Influenciado por Ariano

Newton Júnior é um escritor experiente, mas teve, com essa adaptação, sua primeira incursão na tarefa de transformar um texto não-literário em livro. Comentando sobre esse processo, ele afirma que manteve boa parte dos diálogos, debruçando-se mais detalhadamente na descrição de ambientes e personagens.

“O roteiro tem indicações muito técnicas, falando de como as cenas deveriam ser filmadas, isso não interessa ao leitor. Criei um narrador onisciente que vai contando a história. E quando você mesmo escreve, vai adicionando uma coisa ou outra ao material. Mas quis manter toda a agilidade que já estava presente no roteiro de Guel e de sua equipe”, informa.

Ao chamar *O Auto 2* de *fanfic*, o pernambucano, que foi aluno de Ariano, não pretende tratar a obra

como algo menor ou negativo — associação comum, devido ao caráter amador de alguns textos assim nomeados. Ele almeja, ao contrário, defini-lo como um projeto realizado por pessoas que conhecem sua obra: um contato estreito, no caso de Newton Junior.

“Quando você faz uma *fanfic* a partir de um autor, cujos direitos estão vigentes, tem que ter autorização dele ou da família, você não pode pegar qualquer personagem, assim, dessa forma. Não há esse problema quando se trata de personagem de domínio público: tem muitas pessoas fazendo algo parecido com Tarzan ou Sherlock Holmes, por exemplo”, alega.

Apesar das muitas adaptações audiovisuais que foram produzidas ao longo dos anos, com ou sem a ciência de Ariano Suassuna, o próprio autor também esteve próximo de escrever seus próprios roteiros, para a TV e para o cinema. Na década de 1970, ele chegou a ser sondado pela TV Globo para produzir uma novela, convite do qual acabou declinando.

“Antes, nos anos 1960, ele escreveu *O Sertão*: foi publicado postumamente, como romance, mas ele foi inicialmente pensado como roteiro para cinema. É uma reunião de cenas curtas, com muito diálogo e sem a introspecção psicológica. Me inspirei muito nele para criar o narrador de *O Auto 2*”, indica.

Newton Júnior também revela que outro livro de Ariano esteve perto de ser adaptado para o cinema: *A História do Amor de Fernando e Isaura* (1956). O diretor Luiz Fernando Carvalho (que transpôs para a televisão *O Romance d’A*

Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta, em 2007), chegou a ensaiar um projeto com base no romance, mas a empreitada não chegou a ser realizada.

“Agora, o tempo do romance não é o mesmo tempo do cinema. Os filmes têm um tempo quase que psicológico. Você dá corte, subentende... Nesse novo livro, eu tive que dilatar esse tempo. Algumas coisas que acontecem dois, três dias depois em relação ao longa, como na cena em que Chicó e João Grilo (*Matheus Nachtergaele*) decidem cavar um poço”, exemplifica.

As expectativas em torno de *O Auto da Compadecida 2* foram enormes: o filme repetiria o mesmo sucesso da adaptação anterior? Do ponto de vista comercial, o êxito foi constatado: mais de quatro milhões de pessoas assistiram ao longa-metragem nos cinemas. Mas será que o criador de Chicó, João Grilo e companhia teria ficado feliz com a sequência?

“Acho que se o próprio Ariano fosse fazer essa continuação, ele iria por outro caminho. Guel, João, Adriana e Jorge deram um caráter mais autoral ao roteiro. E eu fui mais na linha original. Quando eu descrevi aquela Taperoá, eu não tinha em mente os cenários do cinema — talvez por ter sido tão influenciado por Ariano”, conclui.

O AUTO DA COMPADECIDA 2

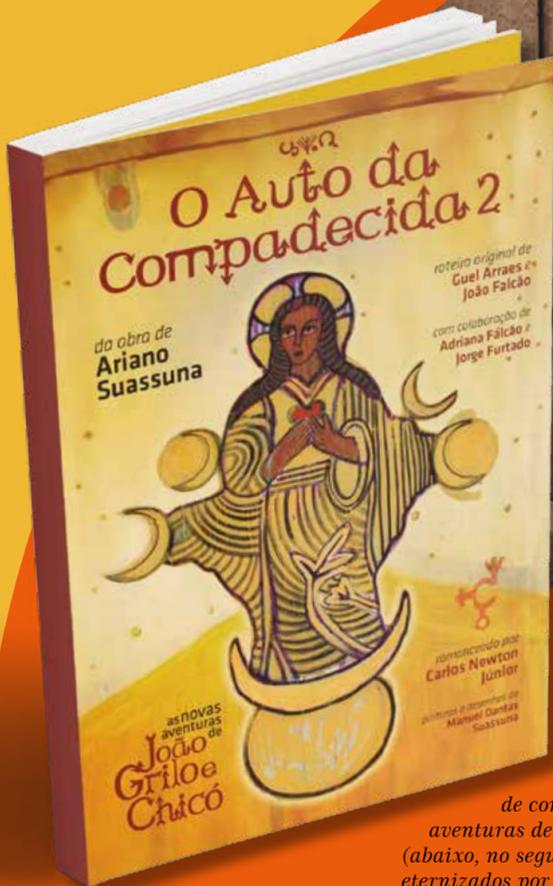
■ De Carlos Newton Junior. Adaptado do roteiro de Guel Arraes e João Falcão, baseado em personagens de Ariano Suassuna.

■ Editora: Nova Fronteira.

■ Formato: 15 x 23 cm. 236 páginas.

■ Preço: R\$ 59,90.

Foto: Divulgação/Nova Fronteira



Carlos Newton Junior (no alto) ficou com a responsabilidade de contar em livro as novas aventuras de Chicó e João Grilo (abaixo, no segundo filme), personagens eternizados por Ariano Suassuna



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Bertrand Russell e os argumentos a favor de Deus

O filósofo Bertrand Russell achava curioso o dogma que sustenta a ideia que podemos provar a existência de Deus sem o uso da razão. Ele dizia que essa crença foi estabelecida depois que diferentes livres pensadores passaram a apresentar argumentos que desabonavam os teóricos da igreja.

Alguns argumentos em favor da divindade são bastantes famosos. Um deles é o argumento da causa primeira. Russell achava o mais simples de todos e de fácil compreensão. A grosso modo, o argumento da causa primeira parte do pressuposto que tudo tem uma causa. Para que você exista, os seus pais tiveram que ter relações sexuais, assim como para que eles existissem os seus avós também precisaram manter relações e assim sucessivamente. O cerne da questão, diz Russell, é que se “retrocedermos cada vez mais na cadeia de tais causas, acabaremos por chegar a uma causa primeira, e que a essa causa primeira se dá o nome de Deus”.

Russell acha frágil o argumento, seja porque a noção de causa é algo bem diferente do que pensa o senso comum; seja porque a pergunta “Quem me fez?” implicaria, se respondida, na pergunta “quem fez Deus?”. Ele ainda acrescenta que se realmente for possível algo existir sem ter uma causa, nada impede que seja o próprio mundo. E mais: “Este é exatamente da mesma natureza que o ponto de vista hindu, de que o mundo se apoiava sobre um elefante e o elefante sobre uma tartaruga, e quando alguém perguntava: ‘E a tartaruga?’, o indiano respondia: ‘Que tal se mudássemos de assunto?’. O argumento, na verdade, não é melhor do que este. Não há razão pela qual o mundo não pudesse vir a ser sem uma causa; por ou-

Causa?

“A ideia de que as coisas devem ter um começo é devido, realmente, à pobreza de nossa imaginação”, disse o filósofo Bertrand Russell

tro lado, tampouco há qualquer razão pela qual o mesmo não devesse ter sempre existido. Não há razão, de modo algum, para se supor que o mundo teve um começo. A ideia de que as coisas devem ter um começo é devido, realmente, à pobreza de nossa imaginação. Por conseguinte, eu talvez não precise desperdiçar mais tempo com o argumento acerca da causa primeira”.

Outro argumento em favor da existência de Deus a que Russell se opõe é o da lei natural. Nos tempos de Newton, século 18, tornou-se popular o argumento da lei natural para justificar a existência de Deus. A mecânica newtoniana era como o espelho da harmonia do universo. Pensava-se que o mundo só poderia ter sido obra da ilimitada inteligência de um ser criador. A uniformidade do movimento refletiria equilíbrio e segurança. Mas os subsequentes desenvolvimentos da física mostraram que tudo não passava de uma convenção. Novos paradigmas como o relativismo de Einstein e a mecânica quântica complicaram

tudo. A crença em leis naturais que produziria o melhor dos mundos possíveis não é mais aceitável.

A teoria da evolução também desempenhou um papel importante ao explicar porque os seres vivos parecem tão eficientes em determinadas circunstâncias, fazendo uso apenas do princípio de adaptação — sem lançar mão de qualquer expediente metafísico. Quando se passa a analisar a fundo o argumento da lei natural, vemos que ele apresenta grandes dificuldades. Só o fato de existir uma cadeia alimentar, em que os mais fortes se dão melhor do que os mais fracos, seria suficiente para refutar um ajuste perfeito e bondoso do mundo. Como se explicaria a tênia, os vírus e demais parasitas? Por que animais desenvolvem venenos mortíferos e outros, armas naturais?

Outra objeção apresentada por Russell é de caráter lógico e coloca limites sobre o poder da divindade: “Se dissermos, como o fazem os teólogos mais ortodoxos, que, em todas as leis feitas por Deus, Ele tinha uma razão para dar tais leis em lugar de outras — sendo que a razão, naturalmente, seria a de criar o melhor universo, embora a gente jamais pensasse nisso ao olhar o mundo — se havia uma razão para as leis ministradas por Deus, então o próprio Deus estava sujeito à lei e, por conseguinte, não há nenhuma vantagem em se apresentar Deus como intermediário. Temos aí realmente uma lei exterior e anterior aos editos divinos, e Deus não serve então ao nosso propósito, pois que ele não é o legislador supremo”.

Apesar de críticas coesas, tais argumentos são frequentemente utilizados por teólogos de diversas correntes que podem sempre, quando enfrentam dificuldades, apelar para a fé.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Revolução da sensibilidade

O movimento Tempestade e Ímpeto (*Sturm und Drang*) foi um fenômeno literário e filosófico que se desenvolveu na Alemanha, entre 1765 e 1785, e influenciou a primeira fase do Romantismo. Surgiu num período de turbulência cultural e intelectual, bem como uma reação contra as normas estabelecidas pelo Iluminismo e contra o racionalismo. A tese principal dessa revolução literária é a busca por liberdade e emoções intensas por meio da intuição. O *Sturm und Drang* priorizou a percepção da realidade pela sensibilidade, a subjetividade e a individualidade. A época era marcada por mudanças: a ascensão da burguesia; as primeiras manifestações do Iluminismo e, no campo artístico, o declínio do Barroco e do Rococó, que priorizavam a ordem absoluta, a razão e a harmonia com precisão.

Os autores dessa revolução defendiam a ideia de uma arte mais intuitiva e próxima da descrição da natureza e das emoções tempestivas, em contraste com a busca pela perfeição formal da arte clássica e a racionalidade científica dos filósofos iluministas. Além disso, havia uma intensa crítica à rigidez das normas sociais e políticas. As características do movimento foram a valorização das emoções humanas para a experiência estética e a criação literária. Para isso, a arte deveria ser uma expressão dos sentimentos e das paixões, de forma a exaltar a revolta e a luta individual contra os dogmas religiosos que engessavam a contemplação da beleza do corpo humano, da natureza e das rígidas normas sociais. Diante disso, os artistas opuseram-se ao conformismo. Eles buscavam a liberdade criativa e a autenticidade, também refletindo o desejo de emancipação tanto individual quanto artística, os quais os indivíduos podiam libertar-se das amar-

Imagem: Joseph Karl Stieler/Reprodução



Goethe: “Os Sofrimentos do Jovem Werther”

ras da sociedade e reconectar-se com seu próprio eu. Tempestade e Ímpeto simbolizava o estado puro e selvagem do ser humano, desafiando as construções artificiais da civilização. O movimento exaltava o gênio e o herói como personagens centrais. O “gênio” era aquele que se libertava das normas sociais e criava algo novo, expressando-se de maneira original. Já o “herói” representava aquele que se opunha à autoridade estabelecida, frequentemente visto como um símbolo de resistência e revolta. Esse processo buscava expressar uma voz própria sem se submeter às regras ou expectativas da tradição literária ou da sociedade. A individualidade e a liberdade criativa eram, portanto, valores essenciais para o movimento.

Os principais autores e obras do *Sturm und Drang* são: Johann Wolfgang

von Goethe (1749-1832) — Ele foi polímata, autor e estadista alemão. Sua obra mais conhecida desse período é o drama *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, publicada em 1774, que reflete as angústias existenciais de um jovem apaixonado, em conflito com os valores sociais e emocionais da época. O livro gerou grande impacto e desencadeou a “febre Werther”, uma onda de jovens que se identificaram com a dor e a frustração do protagonista.

Friedrich Schiller (1759-1805) — Foi o poeta, filósofo, médico, historiador alemão e é conhecido pela sua tragédia *Os Bandoleiros*, publicada em 1781, que retrata a luta de um grupo de jovens fora da lei, em uma crítica direta às instituições da época, como a monarquia e as rígidas normas sociais.

O Romantismo, que se desenvolveu nas décadas seguintes, incorporou um intenso interesse pelo místico, pelo transcendental e pelo irracional. O movimento Tempestade e Ímpeto foi um marco na literatura. Ele proporcionou a liberdade de expressão emocional e intelectual e fecundou as transformações que viriam com o Romantismo. A busca pela liberdade e a crítica à racionalidade e a fúria contra a corrupção na política e nas religiões permanecem como legados dessa revolução literária.

Sinta-se convidado à audição do 511º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 16, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clique em rádio ao vivo) pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br. Durante a transmissão, comentarei sobre a vida do regente, compositor e ensaísta alemão Wilhelm Richard Wagner (1813-1883). Também farei uma análise estética e musical de algumas composições de Wagner influenciadas pelo romantismo alemão e mitologia nórdica.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Diagnóstico dos grupos

Os grupos são uma expressão de espontaneidade democrática, que determina um número de pessoas. Não são mais. É uma coisa doida — de repente, colocam a gente num grupo, metem a trempa e a colher onde não cabem, e tome bobagens. Começam falando de meios e depois entram na política, postam mensagens dos corruptos, o nascimento do neto, as tragédias de sempre.

Na construção das relações intersociais, as antigas patotas, as de sempre, noves fora, nada — grupos em redor de um cadáver e ficam carregando o morto que permanece ali e o administrador esquece de tirar o nome. Quando não existe cadáver, esse espaço vazio evoca os muitos cadáveres que andam por aí dando pintas.

Cada grupo mantém coesa a sociedade civil. Como assim? O grupo é um “cristal de vidro”, disse o filósofo Branxu, que deseja um dia chegar à Academia Paraibana de Letras. E tem os grupinhos fechados. Um amigo da coluna, como diz o colunista Jurema, tem mais de trinta grupos no Zap. Ou seja, não tem o que fazer.

Os que compõem e seguem bem direitinho as regras do grupo, revelam de súbito a sua pertença, quase uma seita: lembram de Roldão Mangueira e suas borboletas azuis, seguidores devotados de um poder oficialmente inócuo, essencialmente persecutório? Cadê a sua opinião? Cadê meu advogado?

Essa tal de opinião doentia é o verdadeiro diagnóstico do grupo, e empurram e acotovelam-se sem disso se aperceberem; todos convergem para o mesmo barco, que é o círculo vazio no centro de cada revelação. E, claro, sempre chegando mais. De repente, colocam-me num grupo e eu nem sei o que estão discutindo, simplesmente saio.

Tem os grupos dos aposentados, do condomínio, dos fãs da Ditadura, franquistas, das piadas e os que detonam os outros e entopem de fotografias de festas — esses estão a multiplicar. É uma onda. Os participantes precipitam-se, pedem orações, para quem vai se operar e fazem vaquinhas em busca de salvação.

A distinção não para, pois distintos ficam acreditando que estão a experimentar emoções secretas, raras, únicas, extremas. Quando o grupo é da macharia só postam mulher nua ou fazendo aquilo. E a fofoca reina. Uma moça disse num grupo que adora o pênis do novato e outra mete o pau no cunhado. Que coisa!

E o grupo dos links printados? Da rapsódia ao Zebedeu. Mas, se a cultura quer dizer também imaginação e coragem, capacidade de fazer por si mesmo, de ir contra a corrente e de enfrentar os politicamente corretos, nesse caso os grupos e os balacobacos não são os melhores lugares para encontrar ninguém ou algo cultural.

Tem os grupos religiosos e não tenho notícia de nenhum grupo evangélico, mas o avatar parece o mesmo, o doce bárbaro Jesus. Como seria o avatar de um grupo dos Testemunhas de Jeová? No privado pessoas mandam tuais de orações e pedem que sejam enviadas para 12 pessoas, além do bom dia, boa tarde e boa noite e todos repetem, amém.

Grupos de família, tem uns bolsonaristas e outros petralhas e lá rolam brigas, tal membro esculhamba outro e relevam segredos, falam que tal pessoa, sempre leva uma quentinha, e nunca sobra um pedaço do bolo da noiva. Esses são hilariantes.

Imagino um grupo dos deputados, putas, policiais bandidos e conchavos.

Como se fez notar o francês René Girard, apelidado “o novo Darwin das ciências humanas”, que morreu faz tempo, “o segredo do sucesso, nos negócios como no amor, é a dissimulação. É preciso dissimular o desejo que se sente, é preciso simular o desejo que não se sente. É preciso mentir”.

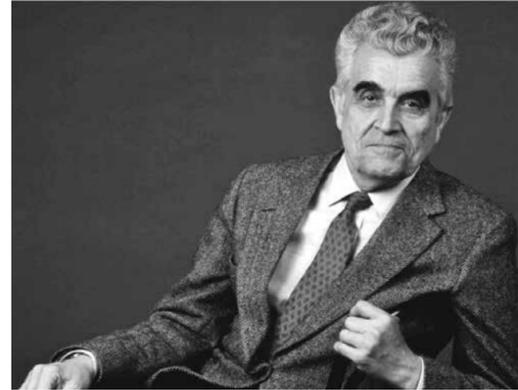
Então, o René não estava em nenhum grupinho? Até.

Kapetadas

1 – Hoje não caiu nenhum avião, mas a minha internet caiu três vezes.

2 – Meditando aqui se devo aprender a meditar

Foto: Reprodução



Girard, o novo Darwin: “O segredo do sucesso é a dissimulação”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

“O cinema nunca vai acabar” – Será?

Tenho insistido sempre naquilo que escrevo, ou simplesmente repassei em sala de aula aos meus alunos, que o cinema que aprecio é um cinema de reflexão; um cinema de informação, sobretudo, de conceitos, respeitoso aos princípios de sua própria “gramática” narrativa. Um cinema que me dê espaço de leitura à imaginação.

Jamais empolgou-me aquele cinema de pirotecnia cênica gratuita. Com a tecnologia subestimando a estética natural das coisas — que chamaria de desvario visual da realidade —, artificializando a razão, lógica formal e beleza daquilo que tenta mostrar cinematograficamente.

Sabido é, assim, que a arte é uma forma de expressão humana a suscitar “n” interpretações. Não raro, ela houve de ser sempre inconclusa, a provocar uma nova e particular leitura de quem a observa, de quem a assiste. Mesmo que essa arte seja o cinema. Inacabado, sempre, a um “plasmar” estético e definitivo pelo seu público-alvo — o espectador. Por isso, o cinema é eterno!

O altercado acima, bom que se frise, ajusta-se à afirmação feita por um paraibano havia muito ligado ao cinema, respeitável profissionalmente no que atua, dentro e fora do país, que aprendeu logo cedo a deslumbrar-se com a estética dos ambientes e das pessoas. Seu nome é Walter Carvalho,

“Walter Carvalho tem primado pelo valor da própria estética natural das coisas que registra”

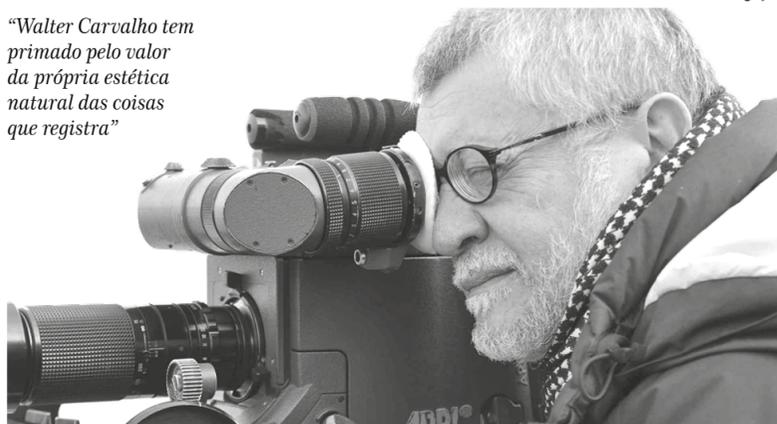


Foto: Divulgação

ocupante da cadeira 17 da Academia Paraibana de Cinema (APC).

Fotógrafo de cinema e tevê, em ambos os *fronts* Walter tem primado pelo valor da própria estética natural das coisas que registra, sem jamais se prender, apenas, ao “enganoso visual” do que escolhe e documenta. Veja-se o filme *Abril Despedaçado*, de Walter Sales, obra singular, na qual a performance representativa naquilo que tangue à imagem em movimento, sempre presente em todo seu trabalho — razão maior do próprio cinema —, terá sido por ele tratada com o asserto de quem não só olha a vida e a arte sob uma mera incipiência documental.

Todo esse arrazoado seria para confirmar afirmação de Walter Car-

valho, quando sentencia, alto e bom som: “O cinema nunca vai acabar!”. Até porque, conterrâneo Waltinho, como é largamente sabido, “cinema ainda é a maior diversão”. Um detalhe: o documentário nunca foi e jamais será encarado como entretenimento. Mesmo porque cinema é puro encantamento; é um *écran* de devaneios, de visceral ilusão...

Vendo-se a questão por esse prisma, “olhar nem sempre a ver tudo”. A imaginação no realizar deve ir além do que registrar simplesmente imagens tidas como “reais”, simplesmente sob uma mera ótica de ordenação técnica documental. – *Para mais Coisas de Cinema, acesse o blog: www.alex-santos.com.br.*



APC apoia o Festcine Taperoá/PB

Representando a Academia Paraibana de Cinema (APC), seu presidente, o professor João de Lima Gomes, participou do Festcine Taperoá, realizado esta semana na cidade de Taperoá, interior da Paraíba. Ele se fez acompanhar do acadêmico João Carlos Beltrão, também da APC. O convite foi de Bebel Lelis para homenagear a memória do escritor Balduino Lelis, já falecido, também integrante da academia de cinema.

O evento foi uma produção de Raphael Rios, mestre em Artes pela UFPE, com dissertação sobre autos populares, no interior da Paraíba.

FESTIVAL

Reggae e Rima celebra música alternativa

Daniel Abath
 abathjornalista@gmail.com

Unindo as batidas envolventes do reggae com a energia poética do hip-hop, a Vila do Porto (Varadouro, JP) abre suas portas hoje, a partir das 17h, para a 1ª edição do Festival Reggae e Rima. O evento contará com um *lineup* composto por Sacal, Rapadura, Iago D’Jampa e Radiola Jamaicana, além das participações de Allmedinha e Luanda Luz. Os ingressos antecipados estão disponíveis no site Shotgun ao preço de R\$ 25 (meia), R\$ 30 (social + 1 kg de alimento) e R\$ 50 (inteira).

Natural de João Pessoa, o rapper e DJ Fábio Sacal começou sua carreira em 2003. Com influências de Chico Science, Planet Hemp e Black Alien, o músico não esconde o entusiasmo em subir ao palco com tantas atrações.

“Estou muito animado para participar do 1º Festival Reggae e Rima! Esse evento representa uma grande celebração da cultura reggae e do hip-hop, e poder fazer parte desse movimento é uma honra” diz. “Em minha apresentação trago minhas influências e minha identidade artística para o palco como velho representante da cultura *dancehall*. Será um momento especial para fortalecer a cena local e trocar essa energia com todos que estiverem lá!”.

Responsável pelo projeto Radiola Jamaicana, o DJ Alcides manda o *beat* de sua participação no Reggae e Rima: “Satisfação gigante para Radiola Jamaicana fazer parte desse projeto. Importante para cidade de João Pessoa, para os artistas paraibanos, para a cena da música paraibana, entrar numa grade com grandes nomes como Sacal, Iago D’Jampa. Radiola Jamaicana chega para fazer um repertório autoral é muito *reggae music*”.

Não menos que tudo

O nome Allmedinha carrega a essência de sua versatilidade — como ele mesmo define, *all*, do inglês “tudo”. Já integrou a conceituada banda de reggae Pé de Coco e fará hoje uma participa-

ção especial no show de Iago D’Jampa, em uma interpretação da música que os dois artistas gravaram juntos, faixa que está prestes a atingir 280 mil reproduções, no Spotify.

“Essa música representa muito porque foi uma união de duas gerações. Eu, que já sou mais antigo na música, e o Iago, que está em ascensão, super talentoso. Deu super certo”, comenta o artista.

A trajetória musical de Allmedinha começou em 2008, com um projeto autoral. Desde então, ele acumula experiências variadas, passando por festivais de música, participações em bandas e projetos solo. Atualmente, está gravando um álbum de canções de jiu-jitsu para crianças, em

parceria com um amigo que atua como professor de educação física, em Abu Dhabi. Além disso, já lançou um álbum solo, intitulado *Não Confunda um Doido Varrendo com um Doido Varrido*, disponível nas plataformas digitais.

Além de cantar, o artista toca instrumentos de percussão, violão e está estudando sanfona. No entanto, no show com Iago D’Jampa, ele estará focando apenas na interpretação vocal. “Nessa música, nesse show, eu vou especialmente para cantar”, explica. O rapper Iago, por sua vez, é um dos nomes que vêm ganhando destaque no cenário local, mesclando *rap*, *trap*, *reggae* e *funk* em sua carreira.

O artista também destaca a importância de iniciativas que valorizem a música alternativa na Paraíba. “Acho que a gente ainda é um pouco carente disso, mas vejo que os órgãos públicos, tanto estadual quanto municipal, estão tentando melhorar a situação dos artistas com editais e shows. A tendência é melhorar cada vez mais”, avalia.

A expectativa para o festival é grande, e Allmedinha reforça o convite ao público. “Vai ser uma festa que celebra a música alternativa. É um convite especial para quem gosta de arte e acredita que é possível viver dela aqui na Paraíba”, conclui.



Foto: Divulgação

Sacal é uma das atrações desta tarde/noite, no Varadouro

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Que fiz da minha vida?

João Conde não me perguntou: “Que fizeste da vida, HBF?”. No entanto, dou-me, ao sabor dessa Letra Lúdica, o direito de me perguntar e o de responder. Que fiz da minha vida?

Para me valer de um verso de T. S. Eliot, diria que a perdi, vivendo. Fui menino do campo. Criei-me entre pai e mãe, dois irmãos e quatro irmãs, muitos primos, tios, avós e bisavós. Lidei, desde cedo, com o espanto dos bichos e dos elementos, com a dignidade dos animais, com a vastidão da terra agoniada, com a inclemência do sol, com a rara umidade dos invernos, com o aconchego noturno das histórias de assombração. Fiz a tabuada e a carta de abc. Provei da palmatória, nunca fui bom aluno, sempre detestei a disciplina, mas amava a caligrafia das léguas e os numerais do silêncio. Lembro-me, com ternura, de certos crepúsculos a tingir as tardes com o sangue cósmico e dos cálidos minuetos aos ventos do amanhecer. As pedras foram quase tudo. Deixei a roça pelo elevador. Fiz amizades, tive amores, descobri que o mundo, o vasto mundo, era muito mais vasto que o meu coração. Aprendi a ler Drummond, porém, não aprendi a decodificar o idioma da esfinge, o claro enigma, a máquina do mundo, a vida passada a limpo. Estudei ciências jurídicas e sociais, cursei letras clássicas e vernáculos, fiz política estudantil, amarguei o desgosto do terror, à sombra de uma ditadura militar. Fui aluno de Goffredo Telles Júnior, no Largo do São Francisco. Durante alguns anos, São Paulo também foi-me uma espécie de Londres das neblinas finas. Li mais Alceu Amoroso Lima do que Mário de Andrade. Augusto dos Anjos, José Lins do Rego e Ariano Suassuna constituem a minha santíssima trindade paraibana. Palestrei na ABL sobre o romance *Fogo Morto*. Josué Montello veio cumprimentar-me

Deixei a roça pelo elevador. Fiz amizades, tive amores, descobri que o mundo, o vasto mundo, era muito mais vasto que o meu coração

cordialmente, Thiago de Mello deu-me um abraço com fervor, Ivan Junqueira enalteceu-me a palavra e levou-me ao Amarelinho. Tomei chope com Moacyr Cirne, no Lamas, e hospedei-me no Paissandu, onde o quarto, em que Alcides Ghiggia ficara, era a grande atração turística. Julguei no Prêmio Portugal Telecom. Votei em Paulo Henriques Britto, Sérgio Sant’Anna e Luiz de Assis Brasil. Fui amigo de Léo Ivo, Nauró Machado e Alberto da Cunha Melo. Admirei, em especial, a poesia de José Antônio Assunção. Também escrevi muitos livros, colaborei com jornais e revistas, tive filhos, plantei árvores. Fiz poemas, fiz crítica literária, escrevi diários. Não fui um bom professor, mas amei a sala de aula. Fui um leitor disperso, circular, obsessivo. Viajei à Europa. Em Paris, bebi vinho à beira do Sena. Em Londres, apreciei as águas escuras do rio Tamisa. Em Amsterdã, fui ao Museu Van Gogh olhar de perto “Os ciprestes” e “Trigal com corvos”. Nos arredores de Berlim, visitei o campo de concentração de Sachsenhausen, entre comovido e perplexo. Errei mais do que deveria. Tive culpa, tive remorso, mas nunca deixei de cumprir a palavra dada. Não consigo conceber a verdade sem a beleza, a beleza, sem a graça, a graça, sem a naturalidade. Escrever, para mim, é uma abençoada maldição, um salvo conduto para o mistério, um árduo e delicioso exercício de descoberta e doação. Não me atraem esses tempos tardios, não me sinto confortável na assepsia da era digital, não creio na racionalidade humana, Deus é para mim uma incógnita permanente, mas não admito a metafísica do nada nem a fria e rigorosa perfeição da matéria. Meu passado nunca passou. Meu presente inquieta-me e dói. O futuro virá, eu sei, desconhecido e implacável. Sinto-me incompleto e irrealizado, embora não tenha dívidas. Sou ferido de dúvidas. Quando eu me for, irei isento. Daqui há alguns meses estarei com 71 anos de idade, e vou morrer escrevendo meus poemas.

Colunista colaborador

Paulo Paolillo, Henrique Moretzsohn e Murilo Trajano formam o trio, que já tem quatro anos de estrada



Tenores saúdam Bocelli

O trio de cantores do espetáculo “Amazing Tenors” volta à Paraíba para homenagear ídolo italiano

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Eles apresentaram-se pela primeira vez por aqui, no ano passado, na capital. Desta vez, o grupo vocal Amazing Tenors — trio composto por Murilo Trajano, Henrique Moretzsohn e Paulo Paolillo — retorna para mais uma noite de canções memoráveis, trazendo ao público os clássicos do tenor italiano Andrea Bocelli, hoje, às 19h, no Teatro da Facisa, em Campina Grande. Os ingressos podem ser adquiridos pela plataforma Ingresso Digital a partir de R\$ 80 (meia), com classificação indicativa livre.

“Quando fizemos o show em João Pessoa, o público nos recebeu muito bem. Foi uma experiência

incrível”, comenta Murilo. O grupo, que está em seu quarto ano de estrada, busca atrair diferentes audiências ao misturar estilos e trazer uma roupagem clássica a músicas populares.

Do rock ao erudito

Murilo revelou ter uma trajetória diversificada antes de se dedicar à música erudita. “Desde jovem, eu cantava de tudo. Tive banda de rock, cantei sertanejo e até trabalhei com musicais em São Paulo”, relembra. Foi durante os estudos no conservatório que se aproximou de outros estilos e apaixonou-se pelo universo da música clássica. Hoje, ao lado dos companheiros, ele explora uma abordagem híbrida que inclui tanto árias de ópera quanto

sucessos conhecidos do pop internacional.

O espetáculo do grupo é inspirado no trabalho de Bocelli, que popularizou músicas clássicas com arranjos modernos. “Nós apresentamos uma ária de ópera no início, mas, em seguida, o show transita por músicas como ‘Amazing grace’, ‘Aleluia’ e temas de Ennio Morricone”, explica.

“Começa com um tom mais introspectivo e evolui para momentos mais agitados, em que o público canta junto”, destaca.

Em 2023, o grupo gravou seu primeiro trabalho em estúdio, que está em fase de mixagem e masterização, mas ainda não há uma data definida para o lançamento. Apesar de já terem percorrido di-

versas regiões do Brasil, o trio ainda não realizou apresentações no exterior.

Para Murilo, cantar na Paraíba tem um significado especial: “Meus pais são paraibanos, de Santo André, no Sertão”, conta. “Quando nos apresentamos em João Pessoa, eles viajaram de São Paulo para assistir ao show”, conta. O retorno ao estado, agora em Campina Grande, reforça essa conexão emocional e cultural.

Entre as experiências da estrada, o cantor compartilhou um episódio em que quase perderam um voo crucial para um show. “Estávamos num lugar com apenas um voo por dia. Foi um imprevisto que, por sorte, conseguimos resolver”, relembra.

O show em Campina Grande integra uma maratona de apresentações que inclui passagens por Minas Gerais e Piauí antes de chegar à Paraíba. No entanto, o cantor ressalta que a interação com o público e a oportunidade de levar um espetáculo diferenciado às mais diversas regiões do país tornam o esforço recompensador. “É uma rotina intensa, mas gratificante”, conclui.

ONDE:

■ **TEATRO FACISA** (Av. Sen. Argemiro de Figueiredo, nº 1901, Sandra Cavalcante, Campina Grande).

Em Cartaz



Cinema

Programação de 13 a 19 de março, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação. O Cine Banguê, em João Pessoa, não tem programação esta semana.

ESTREIAS

BETTER MAN – A HISTÓRIA DE ROBBIE WILLIAMS (*Better Man*). Reino Unido/EUA/China/França/Austrália, 2024. Dir.: Michael Gracey. Elenco: Robbie Williams, Jonno Davies, Steve Pemberton. Drama/musical. Cantor passa por ascensão meteórica, queda e ressurreição artística, sempre com uma peculiar visão sobre si mesmo. 2h15. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 18h, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h15, 18h15, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h10, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h10, 20h40. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 14h30, 17h, 21h10; seg. a qua.: 17h, 21h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 13h50, 16h25, 21h; seg. a qua.: 16h25, 21h.

CÓDIGO PRETO (*Black Bag*). Reino Unido, 2025. Dir.: Steven Soderbergh. Elenco: Michael Fassbender, Gustaf Skarsgård, Cate Blanchett, Naomie Harris, Pierce Brosnan. Aventura. Quando uma agente é suspeita de traição, seu marido, também um agente, fica entre a lealdade à sua esposa ou ao país. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 17h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: dom.: 13h15, 15h45, 18h10, 20h30; seg. e qua.: 15h45, 18h10, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: leg.: 20h20.

DEU PREGUIÇA (*The Sloth Lane*). Austrália, 2024. Dir.: Tania Vincent. Vozes na dublagem brasileira: Heloísa Perissé, Tontom. Animação/comédia. Preguiças tentam fazer sucesso com seu food truck em cidade grande. 1h30. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h, 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dom.: dub.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h30, 15h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h45, 16h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 14h30, 16h20; seg. a qua.: 16h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 14h30, 16h20; seg. a qua.: 16h20.

A MENINA DOS MEUS OLHOS (*Geu Sijeol, Uriga Johahaetdeon Sonyeo*). Coreia do Sul, 2024. Dir.: Cho Young-Myoung. Elenco: Jung Jinyoung, Kim Da-Hyun. Comédia/drama. Único da turma a não cair de amores por uma mesma garota, rapaz acaba se apaixonado por ela. 1h41. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h15; leg.: 19h20. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h30.

VITÓRIA. Brasil, 2025. Dir.: Andrucha Waddington. Elenco: Fernanda Montenegro, Linn da Quebrada, Alan Rocha, Sílvia Guindane. Drama/crime. Idosa age para desmantelar um esquema de tráfico em Copacabana. 1h52. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 16h, 21h. CENTERPLEX MAG 4: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 4: 15h40, 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 15h40, 20h20. **Patos:** CINE GUEDES 2: 16h45, 19h, 21h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: 14h20, 16h40, 19h, 21h20; seg. a qua.: 16h40, 19h, 21h20. **Remígio:** CINE RT: 15h45, 18h30.

ESPECIAL

HANS ZIMMER & FRIENDS – DIAMOND IN THE DESERT (*Hans Zimmer & Friends – Diamonds in the Desert*). Reino Unido, 2025. Dir.: Paul Dugdale. Documentário/show. Concerto regido pelo compositor em Dubai e conversas com convidados como Billie Eilish, Christopher Nolan e Zendaya. 2h38. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qua.: leg.: 20h.

O MELHOR AMIGO. Brasil, 2025. Dir.: Allan Deberton. Elenco: Gabriel Fuentes, Vinícius Teixeira, Claudia Ohana, Gretchen. Musical/romance. Dois amigos se reencontram e velhos sentimentos são despertados. 1h36. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: ter.: 19h.

REAPRESENTAÇÃO

ANORA (*Anora*). EUA, 2024. Dir.: Sean Baker. Elenco: Mikey Madison, Mark Eydelshteyn, Yura Borisov. Drama/comédia. Prostituta se casa com filho de oligarcas russos, mas o conto-de-fadas é ameaçado quando os pais mandam anular o casamento. Vencedor de 5 Oscars: filme, direção, atriz, roteiro original e montagem. Vencedor do Bafta de atriz. 2h19. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 18h30, 21h45.

CONTINUAÇÃO

UMA ADVOGADA BRILHANTE. Brasil, 2025. Dir.: Ale McHaddo. Elenco: Leandro Hassum, Ale McHaddo, Bruno Garcia, Fernando Alves Pinto, Danilo Gentili, Ary França, Nany People. Comédia. Advogado precisa se disfarçar de mulher para manter o emprego. 1h35. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 16h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 17h15. CINESERCLA TAMBIA 3: 20h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: 19h25. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: 19h05.

Remígio: CINE RT: dom. e ter.: 18h45; seg. e qua.: 14h.

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Selton Mello, Valentina Herszage, Fernanda Montenegro, Humberto Carrão, Dan Stulbach, Daniel Dantas, Marjorie Estiano, Camila Márdila, Maeve Jinkings. Drama. Mulher precisa lidar com o desaparelhamento do marido, vítima da ditadura brasileira. Vencedor do Oscar de filme internacional. Vencedor do Globo de Ouro de atriz/drama. 2h16. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 15h15, 18h15, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 14h30, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 4: 17h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 17h50.

CAPITÃO AMÉRICA – ADMIRÁVEL MUNDO NOVO (*Captain America – Brave New World*). EUA, 2025. Dir.: Julius Onah. Elenco: Anthony Mackie, Harrison Ford, Danny Ramirez, Shira Haas, Tim Blake Nelson, Giancarlo Esposito. Aventura. O novo Capitão América se vê no meio de um incidente internacional. 1h58. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (Macro-XE): dub.: 14h30, 17h, 19h45; leg.: 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom.: 16h30, 19h15, 22h; seg. a qua.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 18h10, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 18h10, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 19h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 16h10.

UM COMPLETO DESCONHECIDO (*A Complete Unknown*). EUA, 2024. Dir.: James Mangold. Elenco: Timothée Chalamet, Monica Barbaro, Elle Fanning, Edward Norton. Drama. Aos 19 anos, um ainda desconhecido Bob Dylan chega a Nova York para iniciar sua ascensão musical. Vencedor do SAG de ator. 2h21. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 15h30.

CONCLAVE (*Conclave*). Reino Unido/EUA, 2024. Dir.: Edward Berger. Elenco: Ralph Fiennes, Stanley Tucci, John Lithgow, Isabella Rossellini. Drama. Cardeal se vê no centro de uma conspiração durante o processo de eleição do próximo papa. Vencedor do Oscar de roteiro adaptado. Vencedor de 4 Baftas: filme, filme britânico, roteiro adaptado e montagem. Vencedor do SAG de melhor elenco. 2h. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 20h45.

FÉ PARA O IMPOSSÍVEL. Brasil, 2025. Dir.: Ernani Nunes. Elenco: Vanessa Giacomo, Dan Stulbach. Drama/religioso. Pastora tenta se recuperar de grave agressão física e inspira pessoas. 1h40. 12 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 3: 16h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 16h30.

FLOW (*Flow*). Letônia/Bélgica/França, 2024. Dir.: Gints Zilbalodis. Aventura/animação. Fugindo de uma enchente, gato

se refugia em barco com outros animais que, juntos, tentarão sobreviver. Vencedor do Oscar e do Globo de Ouro de filme de animação. 1h25. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 16h15, 18h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom.: dub.: 15h.

O HOMEM-CÃO (*Dog Man*). EUA, 2025. Dir.: Peter Hastings. Animação/infantil/comédia. Herói que é meio homem, meio cão, defende a cidade de supervilão felino. 1h29. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dom.: dub.: 14h15. **Patos:** CINE GUEDES 3: dom.: dub.: 14h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dom.: dub.: 14h05. **Remígio:** CINE RT: dom. e ter.: dub.: 14h.

O MACACO (*The Monkey*). EUA/Reino Unido/Canadá, 2025. Dir.: Osgood Perkins. Elenco: Theo James, Elijah Wood, Tatiana Maslany. Terror. Gêmeos descobrem antigo macaco de brinquedo e mortes começam a acontecer. 1h38. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui. a ter.: dub.: 15h20, 17h45, 20h; leg.: 22h10; qua.: dub.: 15h20, 17h45; leg.: 22h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 22h15. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 16h20, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h20, 21h. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 21h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 21h30. **Remígio:** CINE RT: seg. e qua.: dub.: 20h30.

MICKEY 17 (*Mickey 17*). Coreia do Sul/EUA, 2025. Dir.: Bong Joon Ho. Elenco: Robert Pattinson, Steven Yeun, Mark Ruffalo, Toni Collette. Aventura/comédia. Soldado é base para clones que podem morrer realizando tarefas perigosas na colonização de um planeta gelado. 2h19. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 17h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 18h, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 18h45, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 18h20. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h20. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h40. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 16h40. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 18h40.

PEQUENAS COISAS COMO ESTAS (*Small Things Like These*). Irlanda/Bélgica/EUA, 2024. Dir.: Tim Mielants. Elenco: Cillian Murphy, Emily Watson, Abby Fitz. Drama. Na Irlanda de 1985, homem descobre segredos perturbadores sobre o convento local. 1h38. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 14h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 21h50.



HOJE

■ **A CAUSA SECRETA**. Do Coletivo de Teatro Alfenim. Baseado na obra de Ma-

chado de Assis. Classificação: 14 anos.

João Pessoa: COLETIVO DE TEATRO ALFENIM (R. José Gonçalves Júnior, nº 182, Castelo Branco). Sexta e domingo, 19h30, e sábado, 17h30 e 19h30, até 6 de abril. Entrada franca, com ingressos limitados distribuídos uma hora antes de cada sessão.

AS NOVE LUAS DE LUA CAMARÁ. Monólogo com Larissa Santana, na Mostra Matriz. Classificação: 12 anos.

Campina Grande: CINE TEATRO SÃO JOSÉ (R. Lino Gomes da Silva, São José). Domingo, 17h. Entrada franca.

O PICADEIRO É DELAS. Espetáculo do Circo do Palhaço Ditinho na Mostra Matriz. Classificação: Livre.

Cabelo: TEATRO SANTA CATARINA (Av. Pastor José Alves de Oliveira, Camalau). Domingo, 19h. Entrada franca.

Música

HOJE

■ **AMAZING TENORS**. Show com três tenores cantando o repertório de Andrea Bocelli.

Campina Grande: TEATRO FACISA (Av. Sen. Argemiro de Figueiredo, nº 1901, Sandra Cavalcante). Domingo, 16/3, 19h. Ingressos: de R\$ 90 (balcão nobre/ meia) a R\$ 200 (plateia/ inteira), antecipados na plataforma Ingresso Digital.

FESTIVAL REGGAE E RIMA. Apresentações de Rapadura, Sacal, Iago DJampa e Rádola Jamaicana. Participações especiais de Allmeidinha e Luanda Luz.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Domingo, 16/3, 17h. Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 25 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

POLYANA RESENDE. Cantora apresenta show de samba.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa, João Pessoa). Domingo, 16/3, 20h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

AMANHÃ

■ **SANHAÚ SAMBA CLUB**. Roda de samba com artistas paraibanos interpretando músicas autorais e clássicas.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro, João Pessoa). Segunda, 24/2, 21h30. Ingressos: de R\$ 15 (meia/ 1º lote) a R\$ 50 (no local e no dia), antecipado na plataforma Shotgun.

PRÓXIMOS DIAS

■ **ANGRA**. Banda de heavy metal apresenta show da turnê *Interlude*.

João Pessoa: CELEBRATION (R. Desembargador Emílio de Farias, nº 2509, Portal do Sol). Quarta, 19/3, 20h30. Ingressos: de R\$ 70 (arena/ meia) a R\$ 200 (premium/ inteira), antecipados na plataforma Baladapp.

TRABALHO

Redução da jornada volta ao debate

PEC em tramitação no Congresso altera Constituição Federal, mudando de 44 horas para 36 horas semanais

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

“A garantia de direitos trabalhistas não traz prejuízos para a economia nem para o mercado de emprego”. A declaração é do senador Paulo Paim (PT-RS), em entrevista concedida à Agência Senado, sobre os 20 anos da Constituição Federal. Segundo o parlamentar, o argumento predominante, durante o período de aprovação do texto constituinte de 1988, era o de associar o enfraquecimento da economia a partir das garantias almeçadas pelos trabalhadores.

Após 37 anos, a redução na jornada de trabalho volta ao debate, trazendo novos elementos, mas ainda com o conflito entre produtividade e bem-estar da classe trabalhadora. Em 26 de fevereiro, a deputada federal Erika Hilton (Psol-SP) protocolou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 8/2025, conhecida como a PEC pelo fim da jornada 6 x 1. A PEC busca alterar o inciso XIII do artigo 7º da Constituição Federal, alterando a jornada de trabalho normal de 44 horas para 36 horas semanais, distribuídas em até quatro dias.

A PEC objetiva que a carga horária semanal não seja superior “a oito horas diárias e 36 horas semanais, com jornada de trabalho de quatro dias por semana, facultada a compensação de horários e a redução de jornada, mediante acordo ou convenção coletiva de trabalho”. A proposta defende ainda que “a situação atual explícita que é o momento de mais uma mudança na legislação, mas agora em favor dos trabalhadores, empregados e desempregados, que é a redução da jornada de trabalho sem redução de salário”.

Contudo, a deputada já afirmou que a proposta apresentada seria uma maneira de “ter uma gordura” para negociação, pois entende que as mudanças propostas na organização do trabalho devem ser graduais. “Sem sombra de dúvida nenhuma,



Trabalhadores apoiam a redução da jornada semanal, que é criticada pelos empregadores

ma, nós temos ali a 4 x 3, mas se nós conseguirmos a 5 x 2, para nós já vai ser um grande avanço. O trabalhador vai ter direito ao fim de semana ou a algum outro dia na semana, a depender do setor no qual ele está empregado, para nós vai ser, sem sombra de dúvida, uma grande vitória e já um avanço diante do que nós temos hoje, que é a 6 x 1”, declarou.

Agora, a PEC necessita ser despachada pelo presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos), e encaminhada para análise e votação na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). Segundo o artigo 60 da Constituição Federal, são necessários “um terço, no mínimo, dos membros da Câmara dos Deputados ou do Senado Federal” para protocolar uma PEC.

A proposta alcançou a adesão de 232 deputados, segundo a lista da parlamentar, com uma ampla diversidade de representação de partidos. A maior parte das assinaturas foi de deputados do PT e do Psol, mas com votos de: PCdoB, Avante, Republicanos, Solidariedade, PV, União, PSB, MDB, PDT, PSD, PL, PP e Rede. Na Paraíba, seis dos 15 deputados assi-

naram o texto: Damião Feliciano (União Brasil), Gervásio Maia (PSB), Luiz Couto (PT), Ruy Carneiro (Podemos), Murilo Galdino (Republicanos) e Wilson Santiago (Republicanos).

O texto da PEC da deputada Erika foi elaborado a partir das manifestações do movimento Vida Além do Trabalho (VAT), iniciadas pelo agora vereador Rick Azevedo (Psol-RJ), na rede social TikTok, que pedia o fim da jornada 6 x 1 e que alcançou 1,4 milhão de assinaturas em um abaixo-assinado.

Declarações

O deputado Ruy Carneiro (Podemos) reafirmou sua posição, de quando assinou o texto, defendendo uma escala 5 x 2, destacando que o debate não deve se restringir à jornada de trabalho, mas “sobre saúde física, mental, produtividade, entre outros aspectos”. “Sou a favor da escala de trabalho 5 x 2. O debate sobre

o atual formato da jornada de trabalho no Brasil precisa acontecer com serenidade no Congresso. A modernização da jornada precisa garantir benefícios aos trabalhadores e promover o crescimento econômico do país. O tema não pode ser reduzido apenas à questão da carga horária”, declarou o deputado em suas redes sociais.

O ministro do Trabalho e Emprego, Luiz Marinho, afirmou, durante entrevista para o programa Bom dia, ministro, da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), que a escala de trabalho 6 x 1 é “a jornada mais cruel existente na Terra”. “Agora, é preciso organizar essas escalas de trabalho, respeitando o trabalhador e a trabalhadora para não ter uma jornada cruel”, complementou o ministro.

Em novembro, ele declarou ser favorável à proposta, reconhecendo sua importância, mas apontava que ela deveria ser acordada em acor-



“**A mudança implica em diversos benefícios aos trabalhadores, principalmente para as mulheres**”

Ediran Teixeira

dos coletivos. Segundo o Marinho, em suas redes sociais, “o MTE [Ministério do Trabalho e Emprego] entende que a questão da escala de trabalho 6 x 1 deve ser tratada em convenções e acordos coletivos de trabalho. A pasta considera, contudo, que a redução da jornada para 40 ho-

Proposta alcançou a adesão de 232 deputados, segundo a lista da parlamentar, com uma ampla diversidade

ras semanais é plenamente possível e saudável, quando resulte de decisão coletiva”.

Benefícios

O economista e supervisor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), seções Rio Grande do Norte e Paraíba, Ediran Teixeira, destaca que a mudança implica diversos benefícios aos trabalhadores, principalmente para as mulheres, que muitas vezes assumem uma “segunda jornada” de trabalho doméstico.

Segundo ele, “essa discussão que o Dieese faz sobre os projetos de lei, da escala 6 x 1, da redução de trabalho, vai ter um impacto muito positivo na vida dos trabalhadores, principalmente das mulheres que têm uma segunda jornada e até uma terceira jornada quando saem dos seus espaços produtivos, de trabalho remunerado, e volta para o trabalho do lar, que é o trabalho de dedicação à família, filhos, casa, que é um trabalho não remunerado”.

O economista aponta que os benefícios da PEC não se restringem à saúde e à qualidade de vida do trabalhador, mas que implicam diretamente o aumento de postos de trabalho e o maior valor de consumo dos trabalhadores.

Mais qualidade de vida para o trabalhador

A advogada Adília Flor, especialista em Direito Trabalhista, considera que a intenção da PEC é melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores, com mais tempo para lazer e descanso, além de reduzir doenças ocupacionais e acidentes de trabalho. Ela ainda acrescenta que, pelo princípio de “irreducibilidade salarial”, a diminuição da jornada de trabalho não pode implicar na redução salarial.

Apesar dos benefícios aos trabalhadores, a jurista pondera que devem ser levados em conta os possíveis impactos negativos que a medida pode trazer para as empresas, como a redução da produtividade e o aumento dos custos com mão de obra. Para ela, “quando a jornada é reduzida, ou as empresas vão diminuir esses períodos de funcionamento, ou para atender ao funcionamento, vão ter que contratar mais”.

Contexto

O economista e supervisor técnico do Dieese, seções Rio Grande do Norte e Paraíba, Ediran Teixeira, salienta que o órgão acompanha a pauta da redução da jornada de trabalho desde os anos de 1990, sendo que, na Constituição de 1988, ocorreu a mudança na jornada, passando de 48 horas para 44 horas semanais, como se encontra atualmente.

“Desde os anos 90 que essa é a pauta dos trabalhadores, a redução da carga, tanto que muitos sindicatos conseguiram, muitas categorias. Um exemplo de categoria que conseguiu a redução de jornada foram os professores, os enfermeiros e os assistentes sociais. [...] Isso é uma pauta que tem que ser de todos os trabalhadores, não de uma categoria só”, explica.

O professor Paulo Cavalcanti, do Departamento de Economia da Universidade

Federal da Paraíba (UFPB), considera que a PEC pelo fim da escala 6 x 1 representa uma “pauta civilizatória”, por entender que, “infelizmente, é uma característica de países subdesenvolvidos, como o Brasil, em que a gente convive com o moderno e com o arcaico”. Ele destaca a jornada 5 x 2 que foi aprovada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 1919, “como sendo a jornada recomendada e, no Brasil, apenas uma fração dos trabalhadores consegue isso”. Conforme o professor, a escala 6 x 1 uma jornada do século 19.

“Você encontrava isso [a escala 6 x 1] no trabalho escravo, porque até os escravos precisavam de um dia para descansar, você encontrava isso nas fábricas do início da Revolução Industrial, onde os trabalhadores tinham jornadas de 16 horas de trabalho e tinham um dia para descansar em casa e tentar

recuperar as forças. E o Brasil ainda tem isso. Então, antes de tudo, é uma questão civilizatória e eu acho que questões civilizatórias, estão acima de quaisquer outras questões”, reforça o economista.

O professor Cavalcanti ressalta ainda que essa redução prioriza o bem-estar dos trabalhadores, lembrando que, com o nível tecnológico alcançado pela humanidade “nos últimos 100 anos, era para a gente estar trabalhando três dias por semana”, e o objetivo desse desenvolvimento é voltado ao “aumento da produção, ao aumento dos lucros e não à melhoria do bem-estar das pessoas”.

Segundo ele, “a redução da jornada de trabalho é uma luta histórica dos trabalhadores, é a forma que os trabalhadores encontram para obter parte dos benefícios dos avanços tecnológicos, do aumento da produtividade”.



Foto: Arquivo pessoal

Adília: “Jornada não pode implicar na redução salarial”

Memórias

A União

Eduardo Felix

Desafios e busca pelo conhecimento numa jornada por mais de 40 anos

Profissional não tinha especialização em Eletrônica, mas soube se relacionar com técnicos e engenheiros e acabou sendo a referência em pré-impressão, na montagem de máquinas e na manutenção de equipamentos modernos

Luiz Carlos Sousa
lnhlp@gmail.com

Eduardo Felix é um desses exemplos de profissional que se dedicam ao trabalho com abnegação. Ele chegou em **A União**, no início dos anos 70, quando o jornal preparava-se para migrar do linotipo para o processo mais moderno de impressão à época: o *offset*. Tinha uma experiência na composição em O Norte e veio conversar com o então superintendente Carlos Vieira, que o convidou para trabalhar no projeto. Eduardo conta que ficou vindo, sem compromisso, mas foi surpreendido com o pagamento do salário integral, apesar de ainda não estar contratado, o que ocorreu logo depois e de forma retroativa. Esse contrato acabou gerando uma queixa junto ao governador Ernani Satyro de que a **A União** estaria tirando profissionais de outro veículo, pagando supersalários. A partir daí, a relação foi longa e rica em histórias de noites insones, consertando equipamentos, que, em alguns casos, eram dele e foram cedidos para que o jornal não ficasse sem circular.

Entrevista

Como foi que você foi atraído para vir para A União?

Foi o seguinte, eu trabalhava n' O Norte e fiquei sabendo que **A União** estava adquirindo uns equipamentos novos, mais avançados do que os do Jornal O Norte.

Você tem formação da Escola Técnica?

Da Escola Técnica. Eu fazia Eletrotécnica. Seu Paulo, engenheiro, chegou, simpatizou comigo e disse: "Eu estou precisando de técnico em Eletrônica". Eu disse: "Na Paraíba não tem, ainda não tem um curso técnico de Eletrônica na Escola Técnica". Tem Eletrotécnica e uma cadeira de Eletrônica. Ele perguntou: "Você faz?". Eu respondi: "Sim" e ele arrematou: "Então fica aqui comigo".

Foi logo dessa forma?

Desse jeito. Como eu fiquei ciente que tinha chegado equipamento bem mais moderno, vim até **A União**, aqui nesse prédio, no gabinete de Carlos Vieira, que era o superintendente. Foi ele que trouxe o sistema para cá, inclusive comprou todo o equipamento, o sistema de composição, o sistema de fotomecânica — o fotolito. Conversamos e ele disse: "Não, precisa ainda de uma pessoa com sua qualificação, mas venha, fique aparecendo aqui, que, quando o equipamento chegar, você vai participar da montagem". Isso no dia 13 de agosto de 1974. Um ano certinho. Eu vinha uma vez por semana, a cada 15 dias. No dia 5, por aí, estive com ele e perguntei: "Está chegando?" Ele respondeu: "Está chegando. Faça o seguinte, passe lá na tesouraria". Passei: surpresa. Na primeira conversa, tinha acertado o salário bem mais avançado que o de O Norte. Chegou até o ponto de O Norte levar a informação para Ernani Satyro, o governador: **A União** estava carregando funcionário com um supersalário.

Mas, Eduardo, e a instalação funcionou?

Não, funcionou perfeito, apesar da experiência do jornal O Norte, o equipamento d' **A União** foi mais moderno. Os teclados eram Varicom 2000.

Mas, Eduardo, e a instalação funcionou?

Não, funcionou perfeito, apesar da experiência do jornal O Norte, o equipamento d' **A União** foi mais moderno. Os teclados eram Varicom 2000.

Mas, Eduardo, e a instalação funcionou?

Não, funcionou perfeito, apesar da experiência do jornal O Norte, o equipamento d' **A União** foi mais moderno. Os teclados eram Varicom 2000.

Com monitor?

Monitor, duas com monitores e três sem monitores. E a foto compositora era Photon. A produção era muito maior, muito mais rápida do que a d' O Norte que era Compugraph, que tinha que mudar uma fita e trocar

Um checão?

Não, um envelope com dinheiro vivo. Era grampeado. Eu não tinha

nenm carteira assinada, nada, e recebi o pagamento. Cheguei em casa, soltei o dinheiro todo num canto. Nunca vi tanto dinheiro. E no outro mês, setembro, pagamento. Pediram a carteira e assinaram, desde o dia 1º de agosto. Entrei no dia 14, mas assinaram retroativo. Quando chegou o equipamento, eu ajudei a montar. O técnico era Mauro da T Janer, e fiquei n' **A União**.

Se houvesse problema na oficina, chamavam Eduardo?

Era, e, sobretudo, na pré-impressão. A processadora de filmes, a de chapa, a foto mecânica, o fotolito. Em Alagoas, havia um jornal, que era de seu Pimentel, paraibano de Campina Grande, formado na famosa Politécnica. E ele disse logo de vista: "Você vai ficar dando assistência aqui" E aí fui trabalhando lá e n' **A União**.

Quando o sistema foi implantado, o offset, foi seguro, funcionou perfeitamente?

Foi se adaptando, porque era uma coisa extremamente moderna. Foi um salto tecnológico, porque a gente vinha de quê? Da linotipo.

E você, aqui, antes de a gente começar a entrevista, estava dizendo que já havia linotipo avançada, que você gravava numa fita e depois reproduzia tantas e quantas vezes fossem necessárias.

A União ainda tem uma dessa que deve estar no pátio. Se eu não me engano, era inglesa, de 1932. Eu admirava muito. Chegava aqui no jornal, ia ver o linotipo trabalhando. Aqueles operadores, Alai, Pinto, Brandão, que juntavam o material, Baltazar. Eu ficava impressionado.

Mas, Eduardo, e a instalação funcionou?

Não, funcionou perfeito, apesar da experiência do jornal O Norte, o equipamento d' **A União** foi mais moderno. Os teclados eram Varicom 2000.

Com monitor?

Monitor, duas com monitores e três sem monitores. E a foto compositora era Photon. A produção era muito maior, muito mais rápida do que a d' O Norte que era Compugraph, que tinha que mudar uma fita e trocar

um codificador, mecanicamente: tira, bota. Abre, tira, bota a fita.

E como era o equipamento de A União?

A União já era toda codificada, a fita tinha mais canais, então já saía o tamanho da linha, que era em paica — a gente vinha de cícero. Corpo, fonte, tamanho, grifo, negrito, num disco só com várias lentes. A gente começou com corpo 8 e ia até o 48. Posteriormente, a direção foi aumentando, comprando mais lentes.

Que deviam ser bastante caras na época?

Não era barato. Nova tecnologia. Compraram duas, depois mais duas, então completou a torre de lentes até o tamanho 72. Um equipamento muito avançado, idêntico ao do Diário de Pernambuco. Só que no Diário de Pernambuco o disco possuía quatro fontes de leitura, e o da gente tinha duas.

Qual foi a primeira bronca, você lembra?

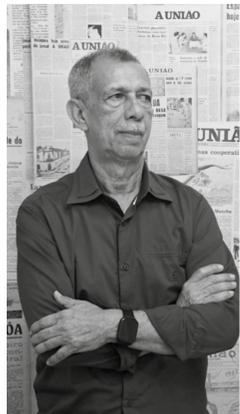
Foi a lâmpada do leitor, que era codificada para cair dentro de canais. A fita passava, havia os furos e tinha que cair. A lâmpada meio cansada, começou a ler errado.

Com certeza é uma lâmpada especial?

Era uma lâmpada especial, o preço era quase o de um carro médio. Era muito cara, importada. E, por sinal, quando **A União** encerrou esse equipamento, a gente tinha todas essas peças de substituição. Um diretor deixou isso tudo que eu pedi na chegada, com reserva mesmo, um armário com tudo. Foi na gestão de José Souto. O diretor administrativo era Murilo Sena. Era impressionante, o que chegava de qualquer peça, qualquer coisa, a gente tinha de reserva e Murilo Sena não fazia questão. Ele apenas pediu: "Só quero que você mantenha a chave".

E a história da lâmpada?

O que fiz? Liguei, na época, colo-



"Em novembro, se eu não me engano de 1974, foi a inauguração oficial d' **A União** e fiquei anos trabalhando"



Eduardo Felix revelou que chegou em A União por pura curiosidade pelo projeto que trazia modernidade para a oficina

caram uma linha, puxaram dois fios telefônicos para ficar perto e eu conversar com Mauro, na T Janer.

Que era a fornecedora?

Era o representante da marca também. Af, a gente teria que ter a sensibilidade, Luiz Carlos, porque começou a sair errado. Na leitura, a palavra trocava "m" para o "n" ou para "o", aquelas que eram mais próximas da codificação. Por quê? Porque esses erros eram comuns quando alterava a temperatura, que é baixa.

Tinha esse problema de climatização?

Tanto na perfuradora, que codificava errado, como na leitora. Se eu não me engano, era nessa sala mesmo onde ficava o teclado. Era sensível. A temperatura tinha que ser muito baixa. Trabalhava a base de 18 graus para manter tudo resfriado, inclusive o próprio aquecimento em funcionamento.

Na perfuração, na digitação e na composição?

É porque havia duas partes. Uma na qual todo o material que era produzido em máquina de datilografia tinha que ser digitado.

Passava para aquela fitinha, que lembrava o Telex?

Aquele amarelinha, idêntica. Só que ela tinha mais camadas do que o Telex e era mais larga, tinha mais canais, para ter mais informação.

Mas como o problema foi resolvido?

Fui sendo orientado: "Bate um 'm', tem os três furinhos na sequência?", o técnico perguntava. "Tem", respondia. "Então, é a lâmpada", diagnosticou. "Tira a lâmpada com muito cuidado e vai ajustando, ajustando. Tem osciloscópio?". "Tem não", respondi. "Vai ajustando manualmente", orientou. "Faça isso: regula", recomendou Mauro. Eram dois furinhos. "Pronto, encaixou", relatei. "Faça a leitura. Deu certo?",

qui obviamente? Você contou a história de Alagoas, mas nunca pensou em, por exemplo, ir para o sul?

Quando sai de O Norte e estava aqui n' **A União**, convém um problema n' O Norte. E Paulo Sergio, que trabalha aqui e é meu compadre — levei ele para O Norte —, me chamou para ver o que havia.

Ele contou a história dele aqui e disse que você foi responsável por ele entrar nessa profissão.

A gente estudava junto na Escola Técnica. Paulo é muito inteligente. Eu acho que o ramo dele era um outro, mas dedicou-se ali, em O Norte, a vida toda, de manhã à tarde. Houve um problema, ele me chamou e, nessa altura, veio Ari Cunha um dos grandes nomes e condômino dos Diários Associados. O Ari Cunha Filho era engenheiro e responsável pela Autographic na América do Sul. Trabalhei com ele, a gente tirando defeito, eu apenas acompanhando, mas aprendendo com ele. Ele chegou e disse: "Por que você saiu daqui?" Respondi: "É porque a proposta d' **A União** era a de equipamento novo". Ele pegou no meu braço, entrou na sala de Marconi Góis e perguntou a ele: "Como é que vocês deixam um camarada desse sair daqui? Se você quiser, vai para Brasília trabalhar no Correio Brasileiro e, lá na minha casa, tem um apartamento atrás, você fica lá. Quer ir?" Eu estudando, fazendo dois cursos.

Você ficou. Hoje você sabe disso, que deveria ter ido, mas e na época?

Com namorada, família, fiquei. A outra vez foi o Diário de Pernambuco. Eu fazia, como faço ainda, parte do movimento Focolare e há um grupo responsável pelo jovem do Nordeste. O próprio movimento Focolare arrumou para eu ir para o Diário de Pernambuco. Eu ainda estive lá e acertei tudo. Também veio a família, tinha que dar assistência fisicamente. A família impediu que eu fosse para o Diário de Pernambuco.

E os problemas geralmente ocorriam à noite, próximos da impressão?

A gente, às vezes, ficava até tarde e via amanhecer o dia. Em uma época, trabalhei à noite, porque o meu irmão Lenine, que trabalhava no setor, precisou pagar umas cadeiras na universidade. Nessa época, só estudava de dia, depois que eu fiz o curso de Direito e o de Educação Física, mas ele fazia o curso de Engenharia Mecânica, mais pesado e exigia mais a presença dele na universidade. Eu ficava muito à noite, de madrugada, o dia amanhecendo, muitas vezes não tinha carro e ia para o ponto do ônibus.

E durante o dia?

Durante o dia, o jornal começava de manhã, a parte de composição do material de esporte, artes, essas coisas.

Você sentiu alguma dificuldade ou o fato de ter feito Eletrotécnica facilitou tudo?

Ajudou porque a eletrônica em si foi apenas uma cadeira. Naquela época, não existia nem a eletrônica digital. Quando eu fiz um outro curso técnico de equipamento hospitalar, aí sim, veio uma cadeira de eletrônica mais completa. E eu fiquei muito dividido nessas partes, porque pensava: como fiz Direito, vou seguir Direito ou vestibular, que era o texto. Mas era um trabalho muito grande. Você começava a fazer uma página colorida na quinta-feira para sair no domingo. Quando se queria uma rapidez

Você recebeu o convite para sair da

pré-impressão. Mas eu mesmo testemunhei muitas vezes você resolvendo problemas de mecânica na impressora. Quando você não resolvia, chamava uns amigos que tinha no Diário de Pernambuco...

Eletronicamente, quantas vezes Jorge Pinheiro me socorreu? Você conheceu Jorge Pinheiro? Darlan? Ailton mecânico? Viajamos para alguns lugares para prestar serviços juntos.

Além de você ter testemunhado esse salto tecnológico que foi a saída do linotipo para o offset, você também testemunhou a saída, da pré-impressão do offset para o digital.

Sim, porque eu e Paulo colocamos um escritorzinho na Avenida Tabajaras, ao lado do Correio da Paraíba, para fazer jornaizinhos.

Boletins, informativos?

Era. Fazia isso porque no Correio não se fazia e o chefe de oficinas de lá, Benê, indicava a gente. E saíram muitos jornais: A Folha de Cabedelo, A Província de Goiânia, Guarabira, O Nordeste. E começamos com impressora de impacto, uma forma composta que eu e Paulo adquirimos. Compramos uma impressora laser 4 L. Hoje, essas impressoras pequenas usam papel ofício A4, mas ela vinha até o ofício A1. E com três páginas você montava o jornal. Saía invertido no vegetal. Isso em vegetal, eu tinha visto na Gazeta do Sertão, em Campina Grande. Ele batia em papel comum, na impressora IBM Selectric Composer. E passava um óleo fino atrás do papel, para haver a transferência para foto mecânica.

O custo era mínimo?

Lá embaixo. E a gente aqui com papel fotográfico, com filme e revelação do próprio filme. Era papel para filme e o filme positivo e o negativo. E as fotos. Aquilo que o rapaz faz lá dá para a gente fazer. E Paulo, pesquisava nessa área, bem mais avançado do que o meu conhecimento. "Vamos comprar uma máquina e tirar em papel vegetal", disse Paulo. E deu certo.

Paulo contou aqui que a informatização d' A União começou por conta desse escritório.

Foi, exatamente. Itamar Cândido era o superintendente. Houve um leilão de equipamentos apreendidos pela Receita Federal, em Boqueirão. Chegamos lá e compramos um bocado de microcomputadores e instalamos aqui. Nessa época, houve uma paralisação n' O Norte, onde também era feito o Diário da Borborema. Você conheceu e conhece bem o editor, Cabral.

José Cabral, o editor do Diário da Borborema em João Pessoa.

Ele chegou aperreado dizendo que o jornal não ia sair e eu disse vamos fazer o jornal. Então o primeiro jornal, 100% digitalizado em laser, foi o Diário da Borborema. Tinha o classificado d' O Norte com Luciano Piquet. Mas o primeiro jornal completo foi o Diário da Borborema.

Da primeira a última página?

Avançou da primeira à última, com as fotografia, dentro dos recursos que tinha. Foi fazendo e daí a coisa expandiu. O Diário da Borborema saiu por que os outros não saíam? Apareceram e apresentamos a Itamar Cândido, que era o superintendente de **A União**. Conversamos com Domício que levou a gente ao gabinete de Itamar. Era para fazer o segundo caderno todo, para entregar tal hora. Dentro de três, quatro dias já estava o jornal todo. Paulo chegava aqui às 7h e saía às 2h da madrugada. Era quem fazia tudo. Os outros camaradas que digitavam foram aprendendo a informática, que ninguém conhecia nada ainda. Daí, começou uma semana, uma semana e pouco, já saiu o jornal todo, ficou gente sobrando. Nessa altura, não estavam gostando da gente, por causa de um problema da tecnologia: o desemprego. Chegamos com esses equipamentos do leilão em Boqueirão, a bancada, computadores, os colegas foram aprendendo a digitar, e o processo foi evoluindo. E tirava a cópia e levava para a revisão. Depois voltava para digitar a emenda. Colocaram um revisor acompanhando no monitor, que já corrigia.

E numa comparação com hoje?

Hoje é uma beleza. Chegou, depois desse processo, a Image 7. Saía do computador para a Image 7 e para o filme, as seleções de cores.

A processadora quebrou, chama Eduardo.

A IBF tinha sua processadora, mas a mais comum no mercado era uma dinamarquesa, mas tinha a Agfa também e uma italiana. A Image 7 demorou um bocado de tempo.

A União ainda tem uma.

Tem uma que eu que cedi. Foi um rebu danado. É uma história tão grande que ela tem.

Conte aí como foi.

Eu adquiri do Jornal da Paraíba e do Correio da Paraíba, que tinha comprado CTP. Fiquei com duas e aqui se mandava fazer o processamento em um birô de serviços. Me perguntaram: Eduardo, você tem?". "Tenho". É essa que tem hoje ainda n' **A União**. Botamos para funcionar. Um mês, dois meses, três anos não tinham acertado nada e eles pagavam caro para fazer no birô. Um dia, vim pegar e disse: "Olha, eu preciso tirar meu equipamento". Eu tinha uma venda para ela. "Não, o equipamento não é seu, não", disseram. "Não, é dele", alguns colegas e funcionários alegaram. E outros equipamentos também, que eu deixava para resolver uma bronca. Muita amizade, muita intimidade, os anos aqui dentro do jornal. Eu disse: "Não, não, vai sair". "Qual é o prazo que você quer?", perguntaram. "Não". Eu falei: "Rapaz, o equipamento é meu. O carro está aí e eu vou levar a máquina". Pediram para resolver e não resolveram. Conversando com alguém, questão política, eu tinha uma máquina velha e disse: "Vou tocar fogo na frente d' **A União**".

Um protesto?

Em protesto. E alguém vem até aqui, a oposição. Bem, entrou outro diretor, Fernando Moura. "Tu tens o que aqui?", perguntou. "Tenho isso, aquilo", relatei. "Vamos fazer um pacote aqui" propôs. "Vamos", concordei. "Quanto?", ele indagou. "Quanto é que você me dá?", perguntei. Ele disse: "Soma aí". Confirmei. Ele disse: "Eu vou lhe dar tanto. Amanhã, você vem pegar". Fernando Moura resolveu o problema daquela máquina e de outros serviços, de outros equipamentos.

Um diretor não quis reconhecer e outro resolveu na maior tranquilidade. Sem discussão, porque Fernando Moura lhe conhecia bem. Não sei quem era o outro diretor, mas parece que não sabia da sua história com A União.

Chegou a um ponto de impedir que eu entrasse n' **A União**. Mas isso foi questão de dias, os camaradas alegaram que "isso não pode. O que Eduardo serviu ao jornal, o que ele contribuiu, **A União** é quem deve esse favor. Ele é a vítima". Foi resolvido tudo na paz.

Com essa sua experiência toda, passou por todos esses processos, como é que você imagina que o jornal vai continuar?

Vamos ver, porque a gente tinha isso na edição de livros. Há países em que a impressão está subindo, a impressão de livro. Há país que já adotou a eliminação de livros dentro do sistema educacional e já voltou com os livros. Acredito que vamos retornar um pouco ao impresso. Os dois balanceados.

Você acredita no futuro do impresso?

É uma interrogação. Mas eu acredito que vai dar uma melhorada. E vai sobreviver. Está aí o bom exemplo do livro, dentro das escolas internacionais.

Tem algum tema que eu não toquei que você gostaria de falar?

Não, a grande corrida da Redação era a questão dos vestibulares. Na concorrência que havia, e se montavam aqueles esquemas. E teve um episódio interessante: O Norte e Correio ficam no Centro e **A União**, no Distrito Industrial. Tinha que deslocar, pegar a lista na Coperve, vir para cá. **A União** estava atrasada no processo. A fornecedora de energia era Saelpa, do estado. Em dado momento, quando liberaram a lista, faltou energia n' O Norte e no Correio. Disseram que foi proposital e **A União** saiu com o jornal belo, bonito, retocado.



Acesse o QR Code para assistir à entrevista no YouTube



INSCRIÇÕES ABERTAS

Certames reúnem mais de 380 vagas

Oportunidades são para preenchimento de cargos no Superior Tribunal Militar e no estado do Rio Grande do Norte

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Enquanto a Paraíba aguarda novidades no mundo dos concursos, os candidatos daqui já podem se preparar para duas seleções estratégicas. No âmbito nacional, o Superior Tribunal Militar (STM) oferece 80 vagas de nível superior para analistas e técnicos em várias áreas, com salários que chegam a R\$ 14,8 mil. Já no Rio Grande do Norte, o Governo Estadual abriu 306 vagas nas áreas de saúde e administração, com remuneração de até R\$ 4,2 mil. As provas estão marcadas para os meses de maio e junho, e as inscrições já começam. Se você busca estabilidade, vale conferir as exigências e os prazos para garantir sua participação.

Com grande destaque no país, o concurso do STM busca preencher 80 vagas para os cargos de analista judiciário e técnico judiciário, distribuídas entre as áreas de administração, tecnologia da informação, comunicação social e contabilidade. Os aprovados poderão ser convocados para atuar em qualquer cidade onde exista uma unidade do STM ou das Auditorias da Justiça Militar da União, como Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador, Fortaleza e Recife. Já os salários variam conforme o cargo: para analista, o valor inicial é de R\$ 14.852,66, enquanto para técnico é de R\$ 9.052,51.

Para concorrer à função de técnico, é necessário ter nível superior em qualquer área. O cargo de analista, por sua vez, exige formação específica de acordo com a atuação. Quanto à seleção, ela será composta por provas objetivas para todos os cargos, prova discursiva para analistas e teste de aptidão física para técnicos na especialidade de agente da polícia judicial. Tanto as provas objetivas quanto as discursivas serão aplicadas no dia 1º de junho, nas 27 capitais do país. Se você ficou interessado, inscreva-se no concurso até 4 de abril pelo site do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebbraspe). As taxas de inscrição variam de R\$ 80 a R\$ 120.

■ **Aprovados para o STM poderão ser convocados para atuar em qualquer cidade onde exista uma unidade da instituição**

Saúde do RN

Já no Rio Grande do Norte, o concurso das secretarias da Administração (Sead) e da Saúde Pública (Sesap) tem como foco o reforço das equipes de saúde pública do estado. As 306 vagas abertas são destinadas a médicos de diversas especialidades, enfermeiros, fisioterapeutas, assistentes sociais, biólogos, educadores físicos e técnicos administrati-



Concurso do STM busca preencher 80 vagas para os cargos de técnico e de analista judiciário; salários oferecidos variam de R\$ 9 mil a R\$ 14,8 mil

vos, entre outros profissionais. Os salários iniciais variam de R\$ 1.830,85 a R\$ 4.270,05, com jornadas de trabalho de 20 a 30 horas semanais, dependendo da função.

Composto por provas objetiva, discursiva e avaliação de títulos, o processo seletivo ocorrerá no dia 25 de maio em diversas cidades do estado, como

Natal, Mossoró, Caicó, Pau dos Ferros, João Câmara e Santa Cruz. No conteúdo programático, constam questões de conhecimentos comuns, como Língua Portuguesa, legislação do SUS, regime jurídico e história do RN, e específicos de cada cargo.

Até o momento, o cronograma prevê a publicação dos gabaritos preliminares no dia se-

guinte à prova, mas as demais datas do certame ainda não foram divulgadas. As inscrições seguem abertas até 14 de abril e deverão ser realizadas, exclusivamente, pelo site do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan), mediante pagamento de taxa no valor de R\$ 150.



Pelo QR Code, acesse o edital do STM

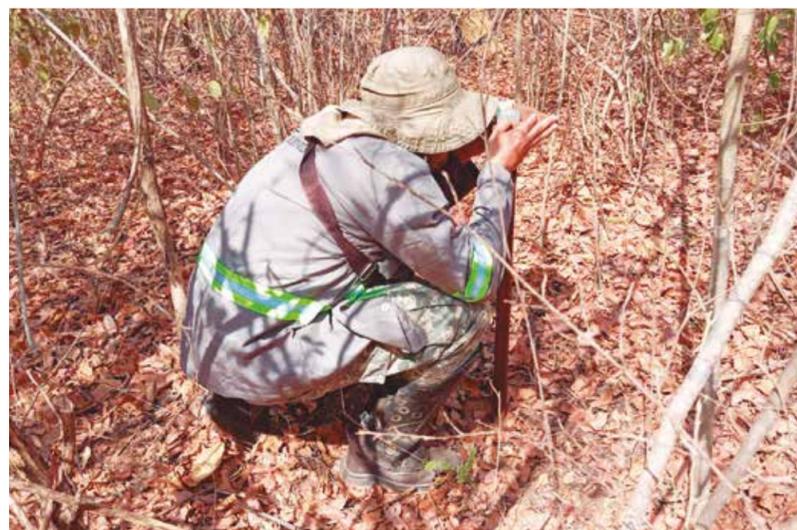


Pelo QR Code, acesse o edital da Sesap

Biólogos enfrentam dificuldades no mercado

Admirador da natureza e ativista. Falou em biólogo, logo vem à mente a imagem de um aventureiro em plena Amazônia, protagonizando mais um episódio da National Geographic. Mas basta olhar para as mudanças climáticas e as crises ambientais que impactam cada vez mais o planeta para entender que a biologia está no centro dos debates que podem definir o futuro. Ainda assim, nem a crescente preocupação com a sustentabilidade tem garantido a valorização desse profissional. Muitos enfrentam desafios como a falta de concursos específicos, baixos salários e dificuldades para empreender. Por outro lado, na Paraíba, a biodiversidade tem aberto novas frentes em projetos de conservação e gestão ambiental, isso sem falar nas oportunidades criadas no setor de energia renovável.

Quem vive essa realidade tão contraditória de perto é o biólogo Ramôn da Silva Santos, mestre em Botânica e doutor em Ciências Florestais. Apesar de todos os obstáculos que, vez ou outra, emperram as pesquisas científicas no país, ele não tem dúvidas sobre a importância da profissão e seu impacto em diferentes setores da sociedade. "Nós, biólogos, atuamos em diversas áreas, mas sempre na linha de frente das questões ambientais, trabalhando lado a lado com engenheiros florestais, ambientais e ecológicos para enfrentar desafios



Biólogo Ramôn Santos destaca que profissional deve investir em atualização constante

como conservação, recuperação e uso sustentável dos recursos naturais", resume.

Caminhos da profissão

Com um campo de atuação amplo e diverso, a biologia vai muito além da preservação da natureza, abrindo portas para diferentes carreiras. O avanço da inteligência artificial e da pesquisa genética, por exemplo, tem expandido as possibilidades de atuação nas áreas de biotecnologia e bioinformática. Ao mesmo tempo, é possível trabalhar em laboratórios clínicos e indústrias farmacêuticas, por meio da microbiologia e da imunologia. Já no campo ambiental, temas como sustentabilidade e biodiversidade têm impulsionado o setor de consultoria am-

biental, com demandas de restauração ecológica e licenciamento ambiental.

Segundo Ramôn, são as atividades ligadas à conservação, à recuperação de áreas degradadas e à gestão ambiental que mais se destacam na Paraíba. A presença de dois biomas, Caatinga e Mata Atlântica, torna a questão ambiental ainda mais estratégica no estado, impulsionando editais de prestação de serviços e projetos sustentáveis. "Muitos biólogos prestam consultoria para projetos de energia renovável, licenciamento ambiental e recuperação de áreas impactadas por atividades como mineração e construção de rodovias", complementa.

Entretanto, por mais que o mercado esteja aquecido, a valorização da profissão

ainda caminha lentamente. Ramôn destaca que a falta de concursos específicos faz com que muitos biólogos concorram a vagas amplas, nas quais a biologia nem sempre recebe o devido reconhecimento. "A gente vê muitas seleções em que biólogos são aprovados, mas depois não são chamados. Isso compromete a renovação dos quadros técnicos e desmotiva a categoria", observa. Já no setor privado, a concorrência com outras áreas, como engenharia ambiental, química e agronomia, também dificulta a inserção no mercado. "Muitas vezes, o biólogo não é a primeira escolha para determinadas funções, mesmo quando tem a formação mais adequada".

Nesse cenário tão competitivo, o que faz realmente um biólogo se destacar? Além da graduação, Ramôn aponta algumas especializações que podem abrir portas, como biotecnologia, gestão ambiental, microbiologia e biologia forense. "A pós-graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade é uma excelente escolha para quem quer trabalhar com órgãos ambientais e projetos de recuperação ecológica", completa. Certificações técnicas também fazem a diferença, incluindo geoprocessamento, SIG (Sistemas de Informação Geográfica), biossegurança e biotecnologia.

E para quem está começando na área, ele deixa um conselho fundamental: investir em atualização constante, desenvolver habilidades tecnológicas e buscar experiências interdisciplinares. Além disso, o biólogo precisa estar preparado para lidar com dados, entender regulamentações ambientais e saber se comunicar bem. Se você já atua na área e está em busca de estabilidade na carreira, o concurso no Rio Grande do Norte representa um pontapé importante no serviço público. São quatro vagas imediatas, além de cadastro reserva, com salário de R\$ 2.746,28 e jornada de 30 horas semanais. Para concorrer, é necessário ter graduação em Ciências Biológicas e registro no Conselho Regional de Biologia.

Selic

Fixado em 29 de janeiro de 2025

13,25%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

-0,98%
R\$ 5,744

Euro € Comercial

-0,65%
R\$ 6,252

Libra £ Esterlina

-1,21%
R\$ 7,426

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Fevereiro/2025 1,31
Janeiro/2025 0,16
Dezembro/2024 0,52
Novembro/2024 0,39
Outubro/2024 0,56

Ibovespa



EMPRESAS JUNIORES

Modelo de gestão facilita a entrada no mercado

MEJ já transformou mais de 600 estudantes em empresários na Paraíba

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, o tempo médio para um jovem com Ensino Superior completo entrar no mercado de trabalho é de 16,8 meses. Em paralelo, uma pesquisa realizada pelo Movimento Empresa Júnior (MEJ), no auge da pandemia (2021), mostrou que 52,98% dos jovens que participaram de empresas juniores conseguiram ingressar no mercado de trabalho quatro vezes mais rápido do que aqueles que não têm essa experiência.

Esse dado expressivo reflete o impacto das empresas juniores no desenvolvimento de habilidades práticas e na aceleração da carreira dos estudantes. Com 1.470 empresas juniores distribuídas por 361 universidades brasileiras, o movimento torna-se cada vez mais relevante para o mercado de trabalho e para a economia local, oferecendo serviços inovadores e acessíveis a micro e pequenos empreendedores.

Em entrevista exclusiva ao Jornal A União, o presidente-executivo da Brasil Júnior e estudante de Ciência Política na Universidade de Brasília (UnB), Caio Leal, destacou que essas organizações têm se destacado pelo potencial transformador. Só em 2024, o MEJ faturou R\$ 80 milhões, valor reinvestido integralmente na capacitação dos membros das empresas juniores. "Há mais de 32 mil jovens empreendedores formados pelo MEJ que, juntos, foram responsáveis por mais de 24 mil soluções para desafios reais. Com isso, o MEJ torna-se uma das principais ferramentas de inclusão produtiva dos jovens no Brasil. Além disso, a forte presença do MEJ como agente do Ecossistema Empreendedor vem levando o Movimento a ter grande relevância na construção de pautas políticas para a juventude brasileira", ressaltou.

Segundo Caio, o modelo de gestão das empresas juniores, que é totalmente conduzido pelos próprios estudantes, permite o desenvolvimento de habilidades de liderança e resolução de problemas desde os primeiros anos da faculdade. Por isso, contratar uma empresa júnior é uma forma de acesso a serviços inovadores e de qualidade a preços mais acessíveis, além de proporcionar uma formação prática crucial para os universitários.

Força crescente

Aqui na Paraíba, o Movimento é uma força crescente no ecossistema empreendedor, com 43 empresas juniores federadas e mais de 600 empresários juniores. "O mercado das em-



Foto: Divulgação/EJA

A Paraíba conta, hoje, com 43 empresas federadas e mais de 600 empresários juniores

presas juniores na Paraíba está em constante crescimento, com uma profissionalização cada vez maior de nossos membros e um impacto mais profundo nos projetos que desenvolvemos. Estamos trabalhando ativamente para garantir que o Movimento seja ainda mais reconhecido por empresas, órgãos públicos e universidades, o que fortalece nosso ecossistema", detalha a presidenta da PB Júnior, Dyovanna Freire da Silva Lucena.

Fundada em 1991, a Empresa Júnior de Administração (EJA Consultoria) está vinculada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ela atua numa ótica multidisciplinar, contando com a participação de alunos não apenas do curso de Administração, mas também de outras áreas correlatas, orientados por professores e especialistas. A iniciativa foi a primeira empresa júnior da Paraíba e, desde sua criação, já vendeu mais de 330 projetos na área de gestão empresarial, atuando nos setores de marketing, finanças, pessoas, processos e estratégia.

Segundo o assessor de presidência da EJA Consultoria, João

Pedro Galiza de Lima, nem todos os projetos vendidos são executados pela empresa, às vezes a execução fica a cargo de outros profissionais. E ele esclarece ainda que a empresa oferece vários serviços, ligados a esses setores de atuação. "O objetivo é formar profissionais ainda dentro da Universidade, aplicando todo o conhecimento teórico, que a gente vê em sala de aula, na Empresa Júnior. Internamente, nós fazemos capacitações, a gente busca estar, de fato, ensinando os membros e as pessoas a terem mais conhecimento empresarial e de negócios", afirma.

Quando ao perfil de quem busca a EJA, ele diz que grande parte das empresas são da área de serviços. "São restaurantes, escritórios de advocacia, corretores, mas já trabalhamos com empresas maiores como a São Braz, além de colaborações com secretarias municipais aqui de João Pessoa. A gente consegue ter um grande leque de atuação", comenta ele. Outra empresa do tipo, a Alicerce, trabalha no setor de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil. Cria-



Internamente, a gente busca ensinar os membros a terem mais conhecimento empresarial e de negócios

João Pedro Galiza

da em 1999, ela está ligada à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e oferece serviços como: projetos arquitetônicos, de interiores, fachadas, elétricos, hidráulicos e outros.

Consultorias especializadas e parcerias com Poder Público

O impacto das empresas juniores, no entanto, vai além da formação dos alunos. Elas atuam diretamente na melhoria do ambiente empreendedor, especialmente para microempresas, que enfrentam dificuldades para acessar serviços de consultoria especializados. "Mais de 60% dos serviços prestados pelas empresas juniores são direcionados a esse público, que, muitas vezes, não tem recursos para investir em soluções de grandes corporações", explicou Caio.

A Brasil Júnior também se preocupa em fortalecer a relação com grandes empresas, que, ao buscar jovens talentos, encontram nas empre-

presas juniores uma base de profissionais já experientes em ambientes corporativos, desenvolvendo habilidades essenciais como as *soft skills* e a resolução de problemas complexos. Uma das iniciativas de maior impacto é o projeto Salve Negócio, criado durante a pandemia, que oferece consultorias rápidas para microempresas, ajudando-as a superar desafios como a gestão de processos e planejamento financeiro.

Especificamente na Paraíba, a Brasil Júnior e a PB Júnior vêm ultrapassando as fronteiras empresariais e firmado parcerias importantes com o Poder Público. Desde o ano passado, o Mo-

vimento vem articulando — junto ao Empreender PB e Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer — a implantação do projeto Paraíba Mais Empreendedora, com foco na prestação de serviços de consultoria de empresas juniores a micro e pequenos empreendedores do estado. "Recentemente, tivemos uma reunião com o Secretário de Empreendedorismo, Fabrício Feitosa, para discutir maneiras de viabilizá-lo de forma mais eficaz. Estamos otimistas e esperamos boas notícias antes do Encontro Nacional de Empresas Juniores (ENEJ), que acontecerá aqui em João Pessoa", complementou Dyovanna Freire.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Inadimplência: a Radiografia de um país endividado

O Brasil registrou 74,6 milhões de inadimplentes em janeiro de 2025, conforme relatório do Serasa. Esse número é expressivo, considerando o país como em desenvolvimento, com desafios na Educação e na geração de empregos e renda.

O "Mapa da Inadimplência" aponta que o valor médio da dívida por pessoa atingiu R\$ 5.617, totalizando R\$ 419 bilhões em dívidas vencidas. Para entender a dimensão do problema, há três situações de pessoas adultas no país: os endividados, endividados inadimplentes e endividados insolventes, este último sem condições de quitar os compromissos.

Considerando as três situações acima, estima-se que esse contingente ultrapasse 90% da população adulta. Os altos índices de inadimplência, somados à taxa Selic elevada, encarecem o crédito no Brasil. Empréstimos pessoais bancários, em média, acima de 5%, dificultam o acesso ao crédito, o pagamento das dívidas e uma renegociação favorável.

O estudo do Serasa revela que são 281,25 milhões de dívidas contratadas. Com uma população adulta estimada em 141 milhões, cada devedor possui, em média, no mínimo, dois contratos. A maior parte das dívidas (68%) concentra-se em bancos/cartões, financeiras e utilities (água, energia, gás, etc). A distribuição

por gênero entre os inadimplentes é equilibrada, com uma leve predominância feminina (50,6%). A faixa etária mais afetada é a de 30 a 40 anos (32,9%), seguida pela de 40 a 50 anos (25,5%).

O levantamento também revela disparidades regionais significativas. Os estados com menor percentual da população

inadimplente são Santa Catarina (35,68%), Piauí (36,55%), Rio Grande do Sul (40,87%) e para nossa grata surpresa, a Paraíba em 4º lugar (41,02%). Em contrapartida, Amapá (61,82%), Distrito Federal (58,75%) e Rio de Janeiro (55,81%) apresentam os maiores índices de inadimplência.

O cenário da inadimplência no Brasil, em janeiro de 2025, é complexo e assustador, com variações regionais e diferentes perfis de inadimplentes. A predominância feminina e a concentração na faixa etária de 30 a 40 anos são relevantes para políticas públicas e educação financeira.

Esta semana, eu li um artigo de um amigo, também economista, professor Paulo Galvão Júnior, que me chamou muita atenção. Publicado no portal de notícias North News do Canadá, o economista destaca a importância da educação financeira para transformar o perfil do brasileiro de endividado para investidor.

"Mais do que apenas evitar a inadimplência, a educação financeira pode mudar o destino das pessoas, permitindo que elas realizem sonhos e conquistem a tão desejada liberdade financeira", afirma o economista Paulo Galvão, em artigo escrito em colaboração com Ana Paula Marquito, administradora, planejadora financeira e gestora de investimentos da Sicredi na Paraíba.

E eu concordo 100% com o que eles trazem no artigo, texto que nos provoca a repensar os nossos costumes atuais quando o assunto é dinheiro.

O cenário da inadimplência no Brasil em janeiro de 2025 é complexo e assustador

João Bosco Ferraz

PESQUISA INÉDITA

Redes sociais são vitais para vendas

Sebrae aponta a relevância dessas mídias no fortalecimento das estratégias do varejo e no empreendedorismo digital

Uma pesquisa inédita, realizada pela Associação Brasileira de Empresas de Vendas Diretas (ABEVD) em parceria com o Sebrae e conduzida pela BARE Internacional, revela que 93% dos entrevistados acreditam que as vendas diretas, por meio de mídias sociais e outras ferramentas on-line, são uma oportunidade atraente, demonstrando o potencial e a nova realidade do setor.

Para Adriana Colloca, presidente da ABEVD, esses dados evidenciam a crescente relevância das plataformas digitais no sucesso das vendas diretas, refletindo uma clara preferência dos participantes por soluções digitais. "O setor de Vendas Diretas está abraçando as evoluções tecnológicas de forma proativa, reconhecendo a modernização como uma tendência essencial para o futuro", conclui.

A pesquisa também revelou dados importantes sobre os canais de venda mais utilizados no ambiente digital. Entre os entrevistados, 36% afirmaram que as redes sociais são seu principal canal de vendas, enquanto 13% preferem plataformas on-line específicas. Quando analisados os canais on-line mais utilizados, as redes sociais lideram com 41% de participação, seguidas por marketplaces com 10%, plataformas próprias com 8% e outros canais 16%.

A Venda Direta evolui com a sociedade e seu cres-

cimento está diretamente ligado à ascensão das redes sociais como canais estratégicos para negócios. Com bilhões de usuários ativos em plataformas como Instagram, Facebook, WhatsApp e TikTok, os empreendedores encontram um ambiente propício para divulgar produtos, criar relacionamentos com clientes e expandir sua rede de contatos.

A facilidade de segmentação do público-alvo e a pos-

sibilidade de impulsionar postagens garantem maior alcance e conversão, permitindo que pequenos e médios negócios ganhem visibilidade sem a necessidade de grandes investimentos em publicidade tradicional. Esse cenário reforça a importância do marketing digital aliado às vendas diretas como um modelo de negócios dinâmico e acessível.

Para alavancar as vendas nas redes sociais, Adriana

aponta estratégias que têm se mostrado eficazes, como conhecer o público-alvo, sendo um dos pilares fundamentais, permitindo que campanhas sejam direcionadas de forma precisa ao entender o perfil e as necessidades dos consumidores que são também seguidores.

A criação de conteúdo relevante também é um destaque, pois somente assim há o engajamento dos seguidores, fortalecendo a presença e a marca. Além disso, o investimento em imagens e vídeos de qualidade é indispensável para destacar produtos e atrair a atenção dos usuários. Outro ponto crucial é a interação com os seguidores, que deve ser ativa, respondendo a comentários e mensagens, criando relacionamentos sólidos. Por fim, a oferta de promoções exclusivas apresenta-se como uma estratégia eficaz para incentivar compras e fomentar a fidelização do público.

Adriana reflete sobre o impacto das redes sociais das vendas diretas no Brasil. "Com a preferência dos entrevistados por canais di-

gitais, fica evidente que a combinação entre tecnologia, criatividade e estratégias bem definidas está moldando um novo modelo de negócio. Nesse contexto, não apenas impulsionam as vendas, mas também aproximam marcas e consumidores, criando conexões mais significativas e duradouras.

A venda direta sempre foi venda por influência e atualmente isso está muito em moda. A realidade das vendas diretas caminha lado a lado com o avanço das plataformas digitais, oferecendo aos empreendedores um terreno fértil para inovação e crescimento sustentável", reforça.

No exterior

A tendência também é destaque em outros países. A pesquisa Quick Pulse revelou que 48% dos empreendedores independentes entrevistados nos EUA utilizam, simultaneamente, catálogos físicos e digitais, enquanto 29% optaram por descontinuar totalmente o catálogo físico, utilizando apenas o formato digital. Outros 14%

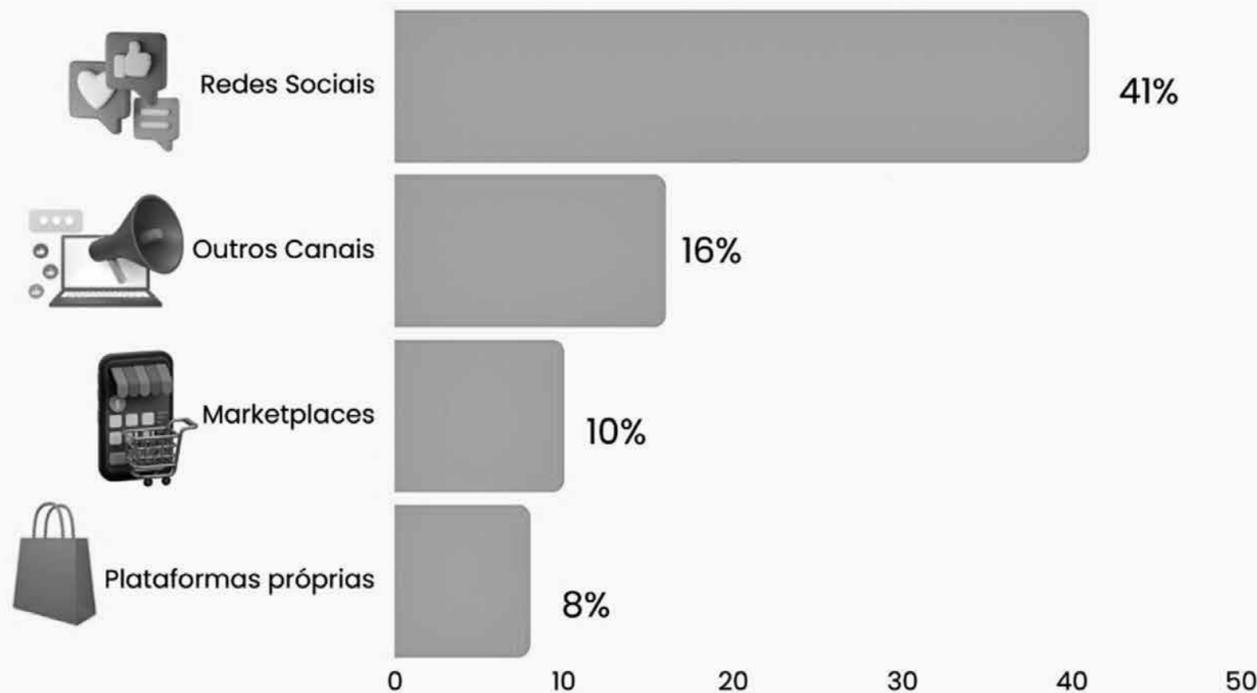
não utilizam e não têm intenção de adotar catálogos digitais, e 10% ainda usam o catálogo físico, mas planejam substituí-lo pelo digital. "Os dados reforçam a evolução consistente da digitalização na venda direta, destacando sua relevância como uma tendência cada vez mais dominante e indispensável no mercado atual", conclui.

“

Com a preferência por canais digitais, fica evidente que a combinação entre tecnologia e estratégias está criando um novo modelo de negócio

Adriana Colloca

CANAIS DE VENDA MAIS UTILIZADOS NO AMBIENTE DIGITAL



Fonte: Pesquisa Bare/Abevd/Sebrae



Venda direta sempre foi feita por influência e atualmente isso está muito em alta

Sebrae: 78% dos pequenos negócios fazem uso das mídias digitais

O processo de inclusão digital tem sido um fator de influência em diversos setores da sociedade e no ambiente de negócios esse avanço também é uma realidade. Conforme dados da nona edição da "Pesquisa Pulso dos Pequenos Negócios", produzida e divulgada pelo Sebrae, 78% dos pequenos negócios com atividade no território paraibano fazem uso das redes sociais para vender.

O uso de redes sociais analisado pelo levantamento tem como referência aplicativos como Instagram, Facebook, WhatsApp e a própria internet de modo geral. Ainda de acordo com os dados, apenas 22% dos empreendedores responderam não utilizar plataformas digitais para vender.

A pesquisa também apresenta detalhes da preferência das redes sociais usadas pe-

los donos de pequenos negócios. De acordo com a estatística, 81% utilizam o WhatsApp como ferramenta para vender, enquanto 66% dos empreendedores divulgam suas atividades através do Instagram. Pelo Facebook, esse percentual representa 25% do público entrevistado, e 11% revelaram também realizar vendas por meio de loja virtual própria. O uso de aplicativos de entrega ou serviços a domicílio é utilizado por 4% e 19% disseram vender por alguma plataforma comercial vinculada a marcas. Apenas 6% dos empreendedores responderam não utilizar nenhum aplicativo ou plataforma digital.

De acordo com a analista técnica do Sebrae-PB, Rafaella Catão, a presença de empresas no ambiente digital é uma consequência do avanço da tec-

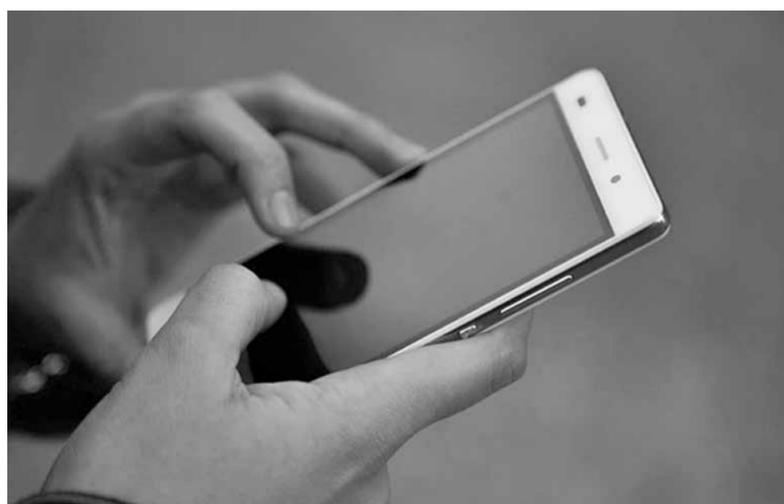
nologia associada à democratização do acesso à internet. "O WhatsApp, por exemplo, se tornou um canal estratégico para quem deseja empreender e ampliar sua capilaridade de clientes, uma vez que o digital não tem limites geográficos", destaca.

Apesar do fácil acesso e as inúmeras vantagens que a internet disponibiliza para quem atua no mundo do empreendedorismo, a analista técnica enfatiza que é preciso estudar o universo digital e ter estratégias eficientes para alcançar o público desejado. "Para ter presença digital não basta apenas criar o perfil, é preciso estruturar sua estratégia de comercialização utilizando esse canal, com atendimento personalizado, marketing bem estruturado com divulgação desse canal de relacionamento, além

de fotos de alta qualidade para no caso de produtos, visando alcançar resultados cada vez mais competitivos", complementa Rafaella Catão.

Sobre o direcionamento de recurso financeiro para fazer propaganda paga em redes sociais ou na internet, a pesquisa revela que 51% dos en-

trevistados disseram não realizar essa prática. Outros 49% responderam que já investiram na divulgação de seus negócios para vender.



É preciso estudar e ter estratégias para alcançar o público digital desejado, diz especialista

PROTAGONISMO FEMININO

Paraíba lança edital de R\$ 500 mil

Iniciativa visa apoiar projetos de pesquisa científicos, tecnológicos e de inovação desenvolvidos por mulheres

Ascom Secties

Num constante passo em busca da equidade de gênero na ciência, a participação das mulheres avança como autoras de publicações científicas. Contudo, equipes compostas só por mulheres são quase inexistentes na consolidação de pedidos de patentes de invenção, segundo relatório da Elsevier-Bori (2024). Pensando nisso, o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), lançou edital que visa apoiar projetos de pesquisa científicos, tecnológicos e de inovação desenvolvidos por pesquisadoras mulheres, com um investimento de R\$ 500 mil.

“Políticas afirmativas são muito importantes e são praticadas hoje no mundo inteiro. Então, editais que visem fortalecer a presença feminina e dar empoderamento a pesquisadoras de determinadas áreas são importantes para corrigir distorções históricas quanto à questão da participação da mulher na ciência. Então, é uma maneira de incentivar para que cada vez mais mulheres possam fazer ciência e tenham apoio para que elas possam ir mais longe”, ressaltou.

Com inscrições abertas até o dia 7 de abril, o edital “Apoio ao Protagonismo Científico de Mulheres e Meninas na Ciência” selecionará 10 projetos de pesquisa no valor de até R\$ 50 mil cada um. O orçamento provém integralmente do Tesouro Estadual. É executado em parceria pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Pa-

raíba (Fapesq) e conta com o apoio da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh).

“O escopo do projeto é geral, voltado para essa política afirmativa de cada vez mais incentivar a pesquisa de qualidade por mulheres e meninas e trazer cada vez mais mulheres para fazer ciência aqui, no estado da Paraíba”, afirmou o secretário da Secties, Claudio Furtado.

O relatório da pesquisa “Em direção à equidade de gênero na pesquisa no Brasil” (Elsevier-Bori 2024) demonstra avanços na atuação de mulheres como cientistas por um lado, mas reflete os resquícios da predominância masculina em outros aspectos. O percentual de mulheres entre os autores do conjunto completo de publicações no Brasil cresceu de 38% para 49%, entre 2002 e 2022, segundo o relatório.

No caso de pedidos de patentes de invenção, considerando-se processos em que todos os inventores são mulheres, os percentuais variam de 3% a 6%, ao longo dos últimos 15 anos, em participação. Tais projetos se enquadram em um estágio mais avançado da carreira acadêmica, uma etapa na qual muitas vezes as mulheres se encontram mais limitadas por outros eventos, como a maternidade e demais tarefas tradicionalmente relegadas às mulheres.

No Centro de Informática da UFPB, a estudante Ana Clara Ferreira Epaminondas, aluna de Ciência da Computação na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), encontrou apoio no grupo Meninas na Ciência da Computação (MCC), um projeto de extensão inicia-



Fotos: Divulgação/Secties

O percentual de mulheres entre os autores do conjunto completo de publicações no Brasil cresceu de 38% para 49%, entre 2002 e 2022, segundo relatório

do há 11 anos, coordenado pelas professoras Dras. Josilene Aires e Giorgia Mattos. “Funciona como um sopro de ar fresco no ambiente acadêmico”, suspira Ana Clara.

Ela explica que o MMC “assume um papel importantíssimo em integrar as meninas do Centro de Informática e na missão de apoiá-las, além de chamar a atenção de alunas do En-

sino Médio para a área”.

Cerca de 17 estudantes formam o MMC em 2025. A concretização dos objetivos do MMC é vista nas diversas atividades como as visitas às escolas públicas, oficinas, rodas de conversa, visitas técnicas a laboratórios da UFPB, participação em eventos e demais ações. Mais de 1.500 alunas do Ensino Médio em 30 municípios já foram anfitriãs das meninas do MCC na Paraíba.

Por sua vez, Ana Clara Ferreira expõe mais embargos de uma aspirante à ciência: “Desde minha primeira aula, com uma sala lotada de pessoas, a maioria eram homens. Foi aí que caí a minha ficha de que eu entrei em uma área com presença predominantemente masculina”.

Josilene Aires é pesquisadora, mas experimenta a resiliência própria das mulheres empreendedoras: “É uma luta manter o tripé ‘ensino-pesquisa-extensão’, pelas exigências de tempo para as ações externas, atributos da extensão”. Ainda assim, desde 2014, as pesquisadoras publicam artigos e livros nessa área. “Temos mais de 40 artigos nacionais e internacionais publicados, diretamente relacionados ao projeto, a questão da presença feminina na ciência e tecnologia, das técnicas das oficinas de programação, utilização dos kits de robótica... E estendemos o tema falando da violência contra a mulher, igualdade de gênero na ciência e tecnologia



e a visão de futuro”, revela Josilene Aires.

Desde a Revolução Científica iniciada na Europa por volta do século 16, com a introdução do método científico marcada por Galileu Galilei, o fazer científico gera, sobretudo, uma narrativa social e histórica.

Quando a estudante Ana Clara Ferreira menciona que o olhar feminino na ciência “traz novas perspectivas e ilumina caminhos”, ela adentra num pântano sombrio onde o nevoeiro esconde o cenário real. “O contexto é, historicamente, que as pesquisas são feitas levando em consideração a experiência masculina. Ações como treino de algoritmos ou de células humanas são provenientes de homens. Isso torna os resultados enviesados. Com a ascensão de mulheres na ciência, esses dados podem passar a ser equivalentes no futuro, resultando em tecnologias adequadas para o uso feminino”, considera a futura cientista da computação.

Apoio na universidade

Poderão participar da chamada pesquisadoras mulheres, vinculadas a Instituições de Ensino Superior (IES) ou a Institui-

ções de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICTI), sediadas na Paraíba, com propostas que busquem contribuir significativamente para o fortalecimento do protagonismo feminino, nas áreas de conhecimento: Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes.

A proponente deve morar no Estado da Paraíba, ter título de doutorado, vínculo empregatício em uma instituição pública de Ensino Superior ou instituto de pesquisa. Mais informações são encontradas no site da Fapesq: fapesq.rpp.br.



Centro de Informática da UFPB tem grande participação feminina na ciência e na computação

Recursos

O orçamento provém do Tesouro Estadual e é executado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, com parcerias



Voluntários em Ação

Projeto une escotismo e conscientização ambiental na Paraíba

Marcelo Lima
marcelolimnatal@yahoo.com.br

As unidades de conservação ambiental (UCs) da Paraíba devem ganhar mais defensores e promotores do seu uso sustentável. Isso porque a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas) lança, na manhã do próximo sábado (22), no Jardim Botânico de João Pessoa, o projeto Voluntários em Ação.

Com o propósito de combinar escotismo, conscientização ambiental e voluntariado, o projeto alinha parceiros públicos e a sociedade civil para desenvolver sustentavelmente parques, florestas, reservas e outras categorias de UCs.

De acordo com o analista ambiental da Semas, Peron Arruda, a iniciativa deve começar com um projeto piloto em duas unidades de conservação na capital paraibana: o Refúgio de Vida Silvestre Mata do Buraquinho (Jardim Botânico de João Pessoa) e o Parque Municipal Natural do Cuiá. Ainda segundo ele, o objetivo dessa primeira etapa é criar grupos de escoteiros nas unidades com 32 integrantes cada.

“No Cuiá, o grupo já está em processo de abertura. No Jardim [Botânico], vamos tentar pegar a população da Comunidade de São Rafael. A gente fica acompanhando o grupo até ele poder andar sozinho”, disse Peron Arruda, que também é presidente da seção regional Paraíba da União dos Escoteiros do Brasil.

A ideia central é modificar a relação das comunidades próximas com esses “oasis” no meio da cidade. “Às vezes, o Estado chega e decreta que aquilo ali é uma unidade de conservação, um parque estadual. De uma hora para outra, você não pode mais entrar ali, perde aquele contato que tinha antes. Mas a ideia é trazer a população, vamos conhecer, trabalhar, beneficiar essa área. Até para criar esse sentimento de pertença”, comentou o analista.

As atividades dos grupos serão definidas depois do lançamento do projeto e reuniões com os gestores das unidades. “Vamos sentar com o diretor do Jardim Botânico para ver quais as atividades mais urgentes, tipo da limpeza do aceiro na borda da mata [espaço desmatado para evitar propagação de fogo], a manutenção das trilhas,

porque a gente sabe que muitas trilhas foram fechadas da pandemia e eles não têm mão de obra para reabrir”, explicou.

Para o desenvolvimento dessas ações de conscientização ambiental, os grupos escoteiros terão o apoio especializado da Semas, segundo a titular da pasta, Rafaela Camaraense. “Estamos disponibilizando profissionais do nosso corpo técnico, a exemplo de biólogos, que irão fazer essa parceria, no campo, com esses voluntários”, informou.

Publicada no Diário Oficial do Estado, em 20 de fevereiro deste ano, a Portaria nº 03/2025 é o ato normativo instituidor do projeto. A previsão é que a primeira etapa dure até dezembro de 2026, mas com a possibilidade de prorrogação. “Provavelmente esse projeto será renovado. Várias pessoas têm nos procurado, já visualizando a possibilidade de se voluntariar. Nossa meta, hoje, é atender vários grupos em todas as regiões do Estado da Paraíba”, disse a titular da Semas sobre o futuro do projeto. Ela acrescentou que os interessados podem entrar em contato com a Semas ou ir diretamente à sede da secretaria para obter informações de como participar.

Natureza e comunidade

Para o diretor presidente do Grupo Escoteiro 5 de Novembro, Luiz Gustavo de Souza, a proposta instituída pela Semas vai ao encontro dos princípios do escotismo. “O Método Educativo Escoteiro casa muito bem com o projeto Voluntários em Ação, porque realmente consegue propiciar essa inclusão social que o projeto propõe e, por meio das práticas, consegue fazer com que os jovens tenham essa consciência sustentável, criem um vínculo ético, uma conexão com a natureza”, avaliou.

Natureza e envolvimento comunitário são dois pilares do movimento escoteiro que o aproximam da proposta do Voluntários em Ação. “Os jovens são incentivados a estar o tempo inteiro em contato com a natureza, de modo que isso provoca comportamentos sustentáveis, porque, estando na natureza, além de ter toda a questão de respeito, ética com o meio ambiente, eles são estimulados a serem mais criativos, a crescerem intelectualmente”, argumentou Luiz Gustavo de Souza.



Fotos: Divulgação/Grupo Escoteiro 5 de Novembro

Escoteiros fazem ação de limpeza em praia da capital

São as situações pouco comuns do ambiente natural que despertam as competências para viver harmoniosamente em lugares onde a presença humana é rara. “Eles vão estar sujeitos a situações e desafios que não teriam na cidade. Então, ele vai ter que arrumar uma forma de produzir calor para esquentar sua própria comida, vai ter que arrumar uma maneira segura de dormir ali na natureza”, exemplificou Souza.

E não se deve esquecer que muitas unidades de conservação estão integradas ou próximas a comunidades. Também nesse aspecto o escotismo pode ajudar. “Os jovens são sempre incentivados a estarem em comunidade e trabalharem em prol dela. Se eles enxergam

Saiba Mais

Quem ficou interessado no Voluntários em Ação, pode se informar sobre o projeto na sede da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade.

Endereço: AV. Presidente Epitácio Pessoa, nº 4161, Miramar, João Pessoa (sala 104).
Telefone: (83) 3133-4900

problemas ambientais naquela comunidade, eles vão ser incentivados a propor ideias e fazer projetos que vão melhor o ambiente da comunidade”, acrescentou o líder do Grupo Escoteiro 5 de Novembro.

Objetivos

- 1) Criar projeto piloto do programa de voluntariado nas unidades de conservação da Paraíba;
- 2) Propiciar inclusão social de jovens mediante o voluntariado, com base nas práticas do escotismo;
- 3) Contribuir com a preservação e a conscientização ambiental, com ações nas unidades de conservação paraibanas;
- 4) Incentivar o voluntariado e o escotismo por meio da criação de novos grupos escoteiros;
- 5) Dispor de espaços de suporte ao voluntariado nas unidades de conservação.

Fonte: Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas).

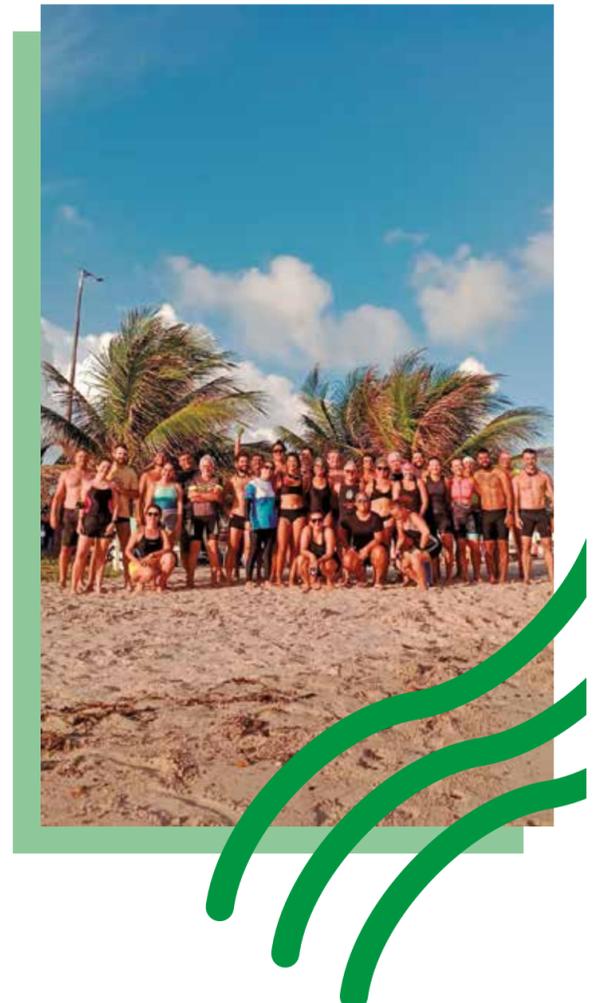
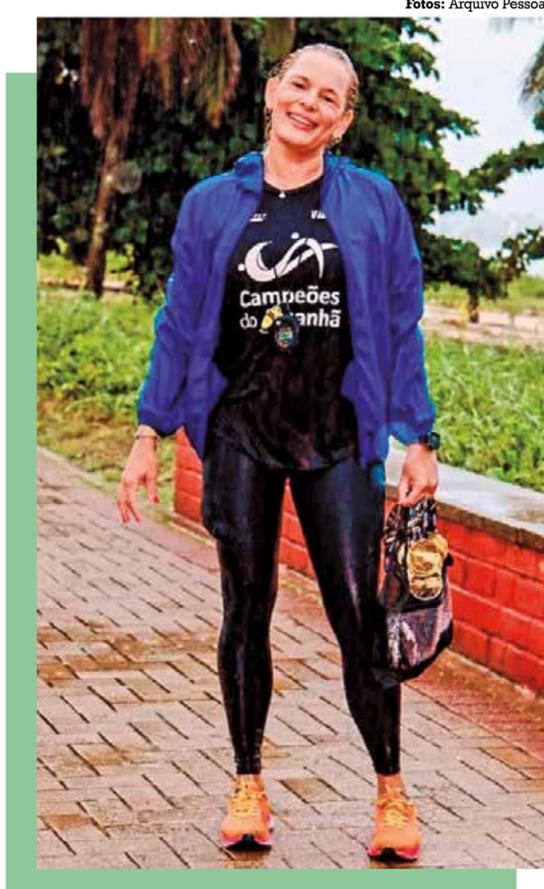


Cuidado com a natureza e o envolvimento comunitário são pilares do escotismo



Grupo Escoteiro 5 de Novembro atua em João Pessoa de forma independente; outras equipes serão criadas pela Semas

Tiago Neto, Cauã e Tales fazem parte do projeto e são alunos da professora Fabíola Sobral, que também promove eventos de maratona aquática



PORTO SEGURO

Campeões do Amanhã muda a vida de crianças e adolescentes

Projeto, em função do sucesso, virou Fundação e atende, hoje, mais de 4,5 mil participantes em 19 modalidades

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Há mais de duas décadas, o projeto Campeões do Amanhã tem alterado a realidade de inúmeras crianças e adolescentes por meio da oferta da prática esportiva, aliada à educação. Em função do sucesso alcançado, neste ano, a iniciativa da Prefeitura Municipal de João Pessoa tornou-se uma Fundação, que tem sido presidida pelo ex-atleta olímpico Kaio Márcio.

“A Fundação surgiu, justamente, pelo projeto estar crescendo muito e para a gente poder ter mais condições de abraçar a iniciação esportiva da cidade. Hoje, contamos com mais de 4.500 crianças, de oito a 15 anos, fazendo 19 modalidades do projeto e a Fundação veio para abraçar ainda mais esses atletas iniciantes e também atletas de alto rendimento que já temos, junto com a equipe multidisciplinar de alto rendimento, que já cuida dos atletas que têm resultado a nível nacional, que saíram desse projeto. Então, o prefeito Cícero Lucena teve essa visão de criar a Fundação, para que a gente consiga, de fato, ter um trato fino e muito específico com o esporte da cidade. E esse é o nosso objetivo, a nossa meta, além de alcançar ainda mais atletas no ponto atrativo, a gente poder qualificar e oferecer uma qualidade esportiva nunca vista na cidade antes”, explica Kaio.

Segundo ele, a Fundação representará uma nova e vitoriosa fase do âmbito esportivo na capital paraibana, seguindo a evolução testemunhada por ele.

“O Campeões do Amanhã foi lançado ainda na pri-

meira gestão do prefeito Cícero Lucena, nos anos 2000. Eu fiz parte desse projeto como nadador. Na época, tinha as modalidades de natação e futebol, e quando eu me juntei ao prefeito, em 2021, na caminhada da Secretaria de Esportes, ele me deu essa missão de poder retomar o projeto. E aí retomamos o projeto e, aos poucos, fomos aumentando as modalidades. Hoje, temos 19 modalidades e 4.500 crianças matriculadas, então, de fato, o projeto cresceu muito a ponto de virar uma Fundação para que a gente, de fato,

consiga trazer mais qualidade e ofertar mais condições, tanto de treinamento quanto de competições, sendo aqui no nosso estado como também fora”, projeta.

Para Kaio, mais do que apenas um cargo, estar na presidência da Fundação o leva de volta para um outro momento, igualmente memorável, de sua vida esportiva, já que foi em meio ao projeto que ele começou a trilhar seu caminho rumo aos pódios de natação.

“É muito gratificante poder ver tudo isso acontecer.

No início, quando eu era atleta, nunca imaginei que eu estaria do outro lado da ponta do projeto. E passa aquele filme na cabeça de poder ver as crianças, hoje, fazendo a modalidade, sendo natação, futebol, vôlei, handebol, etc, ver aquela curiosidade, aquela vontade da criança de aprender, de ir mais longe. É essa geração de oportunidade esportiva que eu tive, hoje, conseguir ofertar para muitas crianças. Então, eu fico muito feliz em poder estar fazendo parte desse processo”, destacou.

Modalidades oferecidas

Atualmente, a Fundação oferta 19 modalidades, que foram escolhidas com o intuito de revelar novos talentos para grandes competições. “A gente priorizou as modalidades olímpicas, justamente porque tem um apoio maior das confederações posteriormente, e o atleta consegue seguir carreira, como eu fiz na natação. Então, a gente também está vendo já o apoio do Comitê Paralímpico, que é uma instituição que tem crescido muito no país e tem demonstrado muitos resultados, tanto que os Jogos Paralímpicos de Paris foi recorde de medalhas. Ainda está muito no começo da Fundação, mas eu tenho certeza que vamos conseguir ter sucesso nessa trajetória que estamos seguindo”, afirma Kaio.

Uma das responsáveis por direcionar as atividades do triatlo é a professora Fabíola Sobral, que dá aulas no projeto desde abril de 2023. Atuando há mais de 20 anos nesse meio, ela explica que a procura pelo esporte no contexto da capital pessoense tem aumentado cada vez mais.

“Eu nado desde os três anos, então, eu fiz natação, fiz triatlo, fiz natação em águas abertas, maratonas aquáticas, e é incrível a quantidade do crescimento de pessoas interessadas nesses esportes. A gente tem uma orla privilegiada demais para a prática da natação, sem interferências, sem ataques, super segura, a gente faz travessias coletivas a cada dois meses com volume, sem cunho competitivo, e o número de pessoas vem crescendo absurdamente. Há mais de 10 anos eu faço alguns eventos e no começo eram seis pessoas nadando, hoje, cada evento que se faz, tem em torno de

150, 200 pessoas nadando, então, é fantástico você ver as pessoas procurando pelo esporte, pela natação, seja em piscina, seja em águas abertas, na busca dos seus sonhos, de seus objetivos, de suas qualificações e na busca de qualidade de vida, de prolongamento de vida, de viver bem, de viver com equilíbrio, de viver em comunhão com a natureza, isso é muito fantástico de assistir esse crescimento todo. Eu sou uma sonhadora eterna, que nosso esporte só cresce e floresce sempre, com muita união, com muita coletividade, com muito acolhimento”, declara ela.

Para Keiny Nunes, mãe de três jovens participantes do triatlo do Campeões do Amanhã — Tiago Neto, de 16 anos, Cauã, de 15 anos, e Tales, de 12 anos —, a união entre esporte e educação é um dos pontos que mais chamam a atenção na iniciativa da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

“Educação é fundamental. Pela parte da manhã, eles fazem a educação escolar normal. A partir da tarde, a tarde inteira é de treino. De 13h às 17 horas, eles estão sempre treinando. E a gente procura sempre estar perto, por ter, também, aquela questão de família. Sempre o pai ou eu, estamos sempre por perto para ajudar eles, porque a base é a família também”, expressa.

“Nós queríamos que eles praticassem esportes, porque esporte é saúde, esporte é para a vida inteira. Então, chegou o convite de um professor procurando alunos e a gente topou. Desde então, nunca faltamos aos treinos. Sempre estamos presentes. Sempre procuro estar presente com eles, inclusive, acompanhando nas competições”, finaliza Keiny.



Kaio diz que a Fundação representa uma nova vitória no âmbito esportivo

MINISTÉRIO DO ESPORTE

Recursos aplicados com transparência

Entidades esportivas fazem bem o dever de casa, cumprindo integralmente os critérios na aplicação dos recursos

Durante o ano de 2024, o Ministério do Esporte emitiu mais de 4.000 Certidões de Registro Cadastral. Dessas, 432 foram destinadas às entidades esportivas, um aumento de 88% em relação a 2023. O documento comprova que as organizações esportivas cumpriram integralmente os requisitos legais e adotam boas práticas de governança, baseadas nos princípios de transparência, equidade, prestação de contas e responsabilidade e estão aptas a receber recursos públicos.

“Esperamos dobrar esse número em 2025 e ampliar ainda mais a quantidade de instituições que atuam de maneira legal e responsável dentro do Esporte. Nosso trabalho é garantir a transparência e a integridade na gestão esportiva, garantindo assim que os recursos sejam destinados a entidades que atendem às melhores práticas de governança”, explica a diretora de Certificação, Joseane Salmito.

A Certificação é um requisito essencial para que as entidades do Sistema Nacional do Desporto (SND) possam receber recursos públicos federais, incluindo patrocínios, verbas de isenção fiscal e valores provenientes de concursos de prognósticos e loterias. Além disso, a certificação também é exigida para descentralização de recursos do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC) e do Comitê Brasileiro de Clubes Paralímpicos (CBCP).



Foto: Ronaldo Caldeas/MEsp

O Ministério espera dobrar e ampliar ainda mais a quantidade de instituições que atuam de maneira legal e responsável dentro do esporte, este ano

Crítérios e benefícios

Para obter a Certificação, as entidades esportivas devem atender integralmente às exigências legais estabelecidas pela Lei Pelé (Lei nº 9.615/1998). A Receita Federal, por meio da Instrução Normativa nº 1.700/2017, vincula a isenção do Imposto de Renda da Pessoa Jurídica (IRPJ) e da Contribuição

Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) ao cumprimento dessas normas.

“A certificação agrega valor institucional, pois garante reconhecimento pela adoção de boas práticas de governança. É um diferencial para atrair investimentos privados e patrocínios voltados ao desenvolvimento de projetos esportivos”, completa Salmito.

Quem deve obter

A Certificação é obrigatória para entidades que apoiam manifestações do desporto de rendimento, como o Comitê Olímpico do Brasil (COB), o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), o CBC, o CBCP, a Federação Nacional dos Clubes Esportivos (FENACLUBES), a Confederação Brasileira de Desporto Escolar (CBDE) e

a Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU).

Entidades que desenvolvem projetos de desporto educacional ou de participação estão dispensadas da certificação. Entretanto, para que clubes e outras organizações sejam filiadas primárias ao CBC e CBCP, o credenciamento por meio da Certificação continua

sendo um requisito obrigatório.

Processo de certificação

Para obter a Certidão, a entidade interessada deve encaminhar uma solicitação ao Ministério do Esporte, por meio do Protocolo Digital, acompanhada dos documentos obrigatórios que comprovem o cumprimento das exigências legais.

Governo elabora proposta para combater racismo no futebol

O aumento dos episódios de racismo em eventos esportivos, principalmente nos estádios de futebol, levou a área técnica do Ministério do Esporte a elaborar uma proposta de mudança na Lei Geral do Esporte. A ideia é criar um novo requisito que obrigue Clubes,

Federações e Confederações de todas as modalidades esportivas a adotarem medidas práticas de combate ao racismo. Quem deixar de cumprir esse novo requisito ficará impedido de receber recursos públicos federais. O ministro André Fufuca deixou claro que racismo não combina

com uma sociedade democrática, justa e diversa, que está sendo construída.

O texto com a proposta de mudança na LGE está em fase final de elaboração pelos técnicos e especialistas do Ministério do Esporte e deverá ser encaminhado para a análise da Presidência da

República em pouco tempo. A proposta é abrangente e alcançará inclusive as entidades que busquem obter as certificações que lhes garantem acesso aos recursos públicos para investimento em projetos esportivos.

Vencida essa etapa, a proposta deverá ser encaminhada

ao Congresso Nacional, que tem responsabilidade de analisar e votar o texto que altera a Lei.

“Toda vez que um novo caso de racismo acontece, repudiamos com veemência exigindo a apuração dos fatos e punição rigorosa para os racistas. Mas não dá pra fi-

car apenas produzindo notas de repúdio. É preciso fazer mais. Por isso, estamos sugerindo ao presidente Lula essa mudança na Lei Geral do Esporte. Racismo não combina com a sociedade democrática, justa e diversa que estamos construindo”, explica o ministro André Fufuca.



Foto: RSP/Fotos Públicas

Os ataques racistas sofridos pelo jogador do Palmeiras, Luighi, em jogo da Libertadores Sub-20, chamou ainda mais atenção para o tema e o Ministério quer mudanças na Lei Geral do Esporte

HARRY KANE

“Vamos aos EUA para ser campeões”

Estrela do Bayern de Munique, o atacante inglês sonha em levantar o troféu de campeão do Mundial de Clubes

A grande estrela do Bayern de Munique, Harry Kane, tem como objetivo levantar o troféu icônico do Mundial de Clubes e revela seu processo para cobrar pênaltis em uma entrevista abrangente. O atacante revelou detalhes de como aperfeiçoou sua técnica nos pênaltis e muito mais. Perguntado pela Fifa sobre as ambições do gigante alemão no novo torneio de 32 times, o atacante inglês não hesitou: “Vencer. Não tenho dúvidas de que somos uma das melhores equipes do mundo. Então, em qualquer torneio que disputamos, nosso objetivo é ganhar”.

Apesar de ser amplamente reconhecido por seu incrível faro de gol, tanto nos clubes que atuou como na seleção, Kane ainda não conquistou títulos de expressão em sua carreira, seja defendendo seu país, o Tottenham Hotspur ou agora o Bayern.

Com a Inglaterra, Kane chegou a duas finais da Uefa Euro, terminando com o vice após derrotas para a Itália, em 2021, e Espanha, em 2024. Já na Copa do Mundo da Fifa, o mais perto que ficou de ajudar o seu país a conquistar o primeiro título desde de 1966 foi na Rússia 2018, quando parou nas semifinais. Na ocasião, terminou a campanha com a Chuteira de Ouro Adidas de artilheiro da competição.

Durante seus anos no Tot-

tenham, brigou frequentemente pelos principais troféus, sem subir no lugar mais alto do pódio. Ainda assim, Kane nunca decepcionou: em agosto de 2023, despediu-se do clube londrino como o maior artilheiro da história dos Spurs e como o segundo maior goleador da história da Premier League, atrás apenas de Alan Shearer.

Apesar de chegar a um Bayern que acumulava série de 11 títulos consecutivos do Campeonato Alemão, Kane também não conseguiu levantar o aguardado troféu. Em sua temporada de estreia, a equipe bávara terminou em um surpreendente terceiro lugar e viu o Bayer Leverkusen de Xabi Alonso ser campeão de forma invicta, feito até então nunca obtido no país.

Nesta temporada, sob o comando do novo técnico Vincent Kompany, o Bayern sustenta uma vantagem confortável na liderança da Bundesliga e já garantiu vaga nas oitavas de final da Liga dos Campeões da Uefa, ao vencer por duas vezes o confronto com o Bayer Leverkusen — por 3 a 0 e 2 a 0. A equipe vai enfrentar a Inter de Milão nas quartas de final.

Mesmo mantendo o foco nos dois desafios mais próximos, Kane admite que a oportunidade de disputar a primeira edição do Mundial

Fotos: Divulgação/Fifa



Kane, sem nenhum título expressivo em sua brilhante carreira, caminha para ser campeão na Alemanha neste ano

de Clubes com 32 equipes é algo que o motiva. O Bayern caiu no Grupo C e enfrentará Boca Juniors, Benfica e Auckland City.

“Sabemos que será difícil,

como qualquer grande competição sempre é. Mas estamos fazendo uma boa temporada. Estamos focados no Campeonato Alemão e na Liga dos Campeões, mas,

quando junho chegar, tenho certeza de que estaremos motivados a ser os primeiros campeões desse torneio”.

Confira a seguir a entrevista completa de Harry Kane

à Fifa, na qual ele revela segredos de sua técnica nas cobranças de pênaltis, fala sobre sua adaptação ao Bayern e suas expectativas para o Mundial de Clubes.

A entrevista

■ *O Bayern disputará a nova edição do Mundial de Clubes no meio do ano. O quanto isso te motiva e quais suas expectativas para o torneio?*

Acho que vai ser incrível. Será algo único, pois disputar um torneio tão importante com seu clube é diferente do que foi feito no passado. Mas acredito que será uma grande experiência. Ir para os EUA um ano antes da Copa do Mundo também será uma boa oportunidade para conhecer alguns dos estádios e os torcedores do país. Vai ser um torneio realmente especial. É normal que as pessoas tenham dúvidas de como será, isso sempre acontece na primeira edição de qualquer competição, mas eu estou muito empolgado.

■ *Um dos jogos mais importantes e esperados da fase de grupos é entre Bayern e Boca Juniors. Você está animado para este confronto?*

Será uma partida especial. Acho que será um dos destaques não apenas da fase de grupos, mas de todo o torneio. Enfrentar times de diferentes partes do mundo é uma experiência incrível para os jogadores. Esse jogo será em Miami, o que será ainda mais especial por conta dos torcedores locais. Será um confronto difícil, mas que vamos curtir muito.

■ *Como seu estilo de jogo evoluiu nesse período de 18 meses no Bayern?*

Cada treinador tem uma filosofia e implementa coisas diferentes. Nesta temporada, talvez eu não esteja voltando tanto para receber a

bola como na última. Nosso estilo de jogo é de muita posse de bola, com os meias, Jamal [Musiala] e Michael [Olise], recuando para buscar o jogo, enquanto eu fico um pouco mais à frente. Tenho atuado mais como um número 9, com mais foco em estar bem posicionado na área para aproveitar as chances e marcar os gols. Mas tento entender o que cada treinador quer e adapto meu jogo a isso.

■ *O que passa por sua cabeça antes de uma cobrança de pênalti, principalmente em uma situação de muita pressão?*

Acho que sempre que um pênalti é marcado, é

normal sentir um pouco de nervosismo. Tento me preparar da melhor maneira possível, para que, quando estiver em campo e o pênalti for marcado, eu possa seguir meu plano de jogo. Quando pego a bola nas mãos, tento não pensar em nada. Minha preparação começa quando coloco a bola na marca do pênalti. A partir desse momento, tento focar no meu plano e em como treino, e isso de certa forma ajuda a diminuir um pouco a pressão. O importante é não pensar no que pode dar certo ou errado, mas apenas se concentrar naquele momento. Depois, é só uma

questão de como você cobra. Haverá momentos em que você não chutará bem e poderá errar, mas é importante saber aceitar isso. No fim, com a minha preparação, gosto de pensar que vou marcar muito mais do que vou errar.

■ *Essa preparação inclui estudar os goleiros adversários ou é mais uma questão de instinto?*

Sim, eu estudo o goleiro. Antes de cada jogo, recebo vídeos do goleiro adversário para ver se ele tem algum padrão ou se faz algum movimento específico. Não sou um jogador que gosta de pensar demais no adver-

sário quando estou em campo. Prefiro agir de forma instintiva. Mas, em se tratando especificamente dos pênaltis, é importante observar se o goleiro gosta de pular mais para um lado, porque essa é uma situação única no jogo. É por isso que faço minha pesquisa antes da partida, treino e decido o que quero fazer.

■ *Como você lida com as raras ocasiões em que perde um pênalti? O que aprende com esses momentos?*

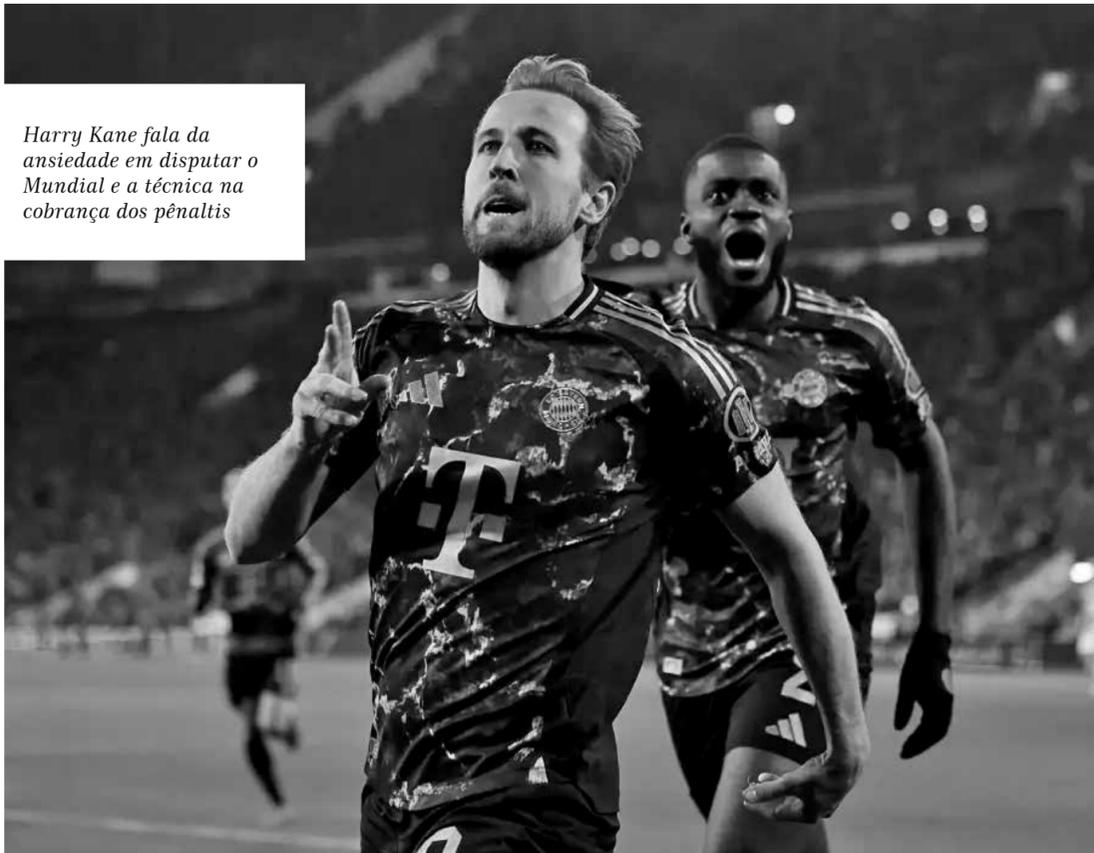
Acho que é a única coisa que você pode fazer: aprender com isso. Quando você tem um plano, uma prepa-

ração definida, tudo pode parecer perfeito. Mas, às vezes, você simplesmente não o executa como gostaria. O chute pode não sair da maneira que esperava, e isso pode acontecer por diversos motivos: nervosismo, cansaço, pelo momento do jogo. Tento sempre encarar isso como algo que posso controlar. A expectativa é que você acerte as cobranças. Se eu bater da maneira que quero, sei que vou marcar. Mas, às vezes, você erra, e eu já errei na minha carreira. O importante é não deixar isso te abalar. Continue executando o seu plano, sua preparação e, com o tempo, você definitivamente marcará muito mais do que errará.

■ *Poderia descrever o processo de aperfeiçoamento da sua técnica de pênaltis? Que conselho daria aos jovens que querem cobrar como você?*

O único conselho é tentar manter tudo igual, tanto nos treinos quanto nos jogos. É comum treinar de um jeito e, na hora do jogo, talvez mudar algumas coisas, mas isso só fará com que você fique mais nervoso e tenha mais dúvidas. A maneira como treino meus pênaltis é exatamente a mesma de como cobro nos jogos. Não tenho dúvidas sobre o que estou fazendo.

E tente sempre evoluir. Minha técnica nas cobranças de pênalti mudou um pouco ao longo dos anos: eu batia de um jeito, mas senti que precisava mudar, porque os goleiros começaram a se adaptar ao meu estilo. Treinei bastante antes de fazer essa mudança.



Harry Kane fala da ansiedade em disputar o Mundial e a técnica na cobrança dos pênaltis

PARAIBANO 2025

Sousa e Serra Branca decidem vaga

Quem vencer o confronto hoje, no Marizão, às 17h, classifica-se para os jogos finais do Campeonato

Danrley Pascoal
danrley.p@gmail.com

Sousa e Serra Branca fazem, hoje, às 17h, no Marizão, o segundo jogo da semifinal do Campeonato Paraibano 2025. No primeiro encontro, as equipes empataram por 1 a 1. Com o resultado, uma vitória simples classifica qualquer uma das equipes; se ocorrer outra igualdade no placar, o finalista será definido nos pênaltis.

O Sousa chega pressionado para o confronto desta tarde. O clube vive seu pior momento na temporada, não vence uma partida desde 8 de fevereiro, quando, pela sétima rodada do Estadual, bateu o Nacional por 3 a 0. Desde então, são sete jogos sem vitórias, acumulando quatro derrotas e três empates.

No período sem vencer, o time jogou o Campeonato Paraibano, a Copa do Nordeste e a Copa do Brasil. Pelo Estadual, o Dino vem de dois empates e uma derrota, enquanto nas Copas não vem conseguindo desempenhar um bom futebol. Diante do Serra Branca, a torcida soussense espera que o elenco corresponda à força das arquibancadas para finalmente quebrar a sequência negativa e continuar sonhando com o tetracampeonato.

Do lado do Serra, a postura é de confiança, mesmo atuando fora de casa. No jogo de hoje, a equipe do Cariri tentará mais uma vez que-



Foto: Divulgação/Serra Branca

Nenhuma das equipes tem vantagem na decisão pelo fato de o primeiro jogo ter terminado empatado em 1 a 1 e de nova igualdade levar a decisão para os pênaltis

brar o tabu de nunca ter vencido o Sousa. O histórico registra, desde 2023, quatro partidas, com três vitórias para o Dino e um empate.

Roberto Maschio, treinador do Carcará, falou sobre o desempenho de seu time na primeira partida e sobre o que os jogadores precisam

fazer para vencer no Marizão. “O que mais nos agrada no confronto de ida foi o nosso comportamento no primeiro tempo, fomos superiores, criamos alternativas. Agora, para esse jogo de volta, a gente busca um equilíbrio maior entre os dois tempos”, disse.

“Temos uma equipe madura, sabemos da dificuldade que é jogar lá, mas temos uma equipe experiente e que vai saber ter a estratégia certa dentro de uma partida fora de casa. Fizemos uma semana de trabalho muito forte. Os jogadores compraram as ideias e estiveram muito engajados com os nossos

treinos”, acrescentou Maschio.

Se avançar, o Serra Branca faz história e chega, pela primeira vez, à decisão do Campeonato Paraibano. Desde 2023, quando os atuais gestores chegaram, o clube do Cariri tem feito boas campanhas, incomodando os grandes do estado. Hoje, tenta desbancar o

atual campeão.

Arbitragem

O árbitro Afro Rocha de Carvalho Filho apita a partida entre Sousa e Serra Branca. Ele será auxiliado por Rafael Guedes de Lima e Gleydson Francisco. O quarto árbitro é Douglas Magno de Melo Pereira.

PAULISTA

Corinthians inicia, hoje, decisão pelo título contra o Palmeiras

Da Redação

Palmeiras e Corinthians jogam, hoje, às 18h30, no Allianz Parque, o primeiro jogo da final do Campeonato Paulista. O Alviverde chegou à decisão depois de eliminar o São Paulo com um pênalti polêmico, enquanto o Alvine-

gro se classificou após eliminar o Santos. A partida será transmitida pela Record TV e pela Cazé TV.

O histórico dos confrontos entre os clubes registra 381 partidas disputadas, com uma pequena vantagem para o time alviverde. O duelo atualmente conta com 130

vitórias do Corinthians, 116 empates e 135 vitórias do Palmeiras. O último confronto aconteceu em 6 de fevereiro, também pelo Campeonato Paulista. Na ocasião, os clubes empataram por 1 a 1, no Estádio Allianz Parque.

Autor do gol da classificação na semifinal, Raphael

Veiga falou à imprensa sobre a expectativa de fazer mais uma final de Paulistão — agora, contra o Corinthians. “[Final é] Sempre diferente pela história que tem, pela rivalidade. Sabemos que tem um monte de coisas que envolvem uma decisão. Mas temos de estar focados naquilo que a

gente tem de fazer, nos nossos treinos, quem for para as seleções e quem fica aqui”, disse o meia.

“Temos de estar todos alinhados, porque em jogos assim, em finais, não se pode dar brecha nenhuma. Todo sacrifício é válido para a gente no fim comemorar”, concluiu Veiga, que completou 150 partidas no Allianz Parque, sendo o terceiro atleta que mais atuou na arena, atrás de Dudu (206) e Weverton (176), e o maior artilheiro (52 gols).

de ida da decisão, Filipe Luís não contou com Cebolinha, Danilo e Michael, que podem retornar nesta tarde.

Antes da final, o Flamengo eliminou outro rival, o Vasco, enquanto o Fluminense teve pela frente o Volta Redonda. As duas equipes lideram com folga a lista de campeões do Rio de Janeiro, com o Rubro-Negro com 38 títulos e o Tricolor com 33 conquistas. A decisão será transmitida pela Band TV e pelo Sportv.

Gaúcho

Neste domingo (16), às 16h, o Estádio Beira-Rio será palco do Grenal 446, a partida de volta da final do Campeonato Gaúcho. Após o duelo, será conhecido o campeão do certame local de 2025. O Internacional chega com uma vantagem significativa, após vencer o primeiro confronto na Arena do Grêmio por 2 a 0, com gols de Carbonero e Alan Patrick. Com esse resultado, o Colorado pode perder por até um gol de diferença para conquistar o título estadual depois de nove anos.

Já o Grêmio precisa vencer por dois gols de diferença para levar a decisão aos pênaltis ou por três gols para ser campeão no tempo normal. O Imortal venceu as sete últimas edições do Campeonato Gaúcho e precisa reverter o resultado adverso para levar o octacampeonato consecutivo.

Campeão carioca

O Campeonato Carioca conhece, hoje, o campeão da edição de 2025. A final está sendo disputada por Flamengo e Fluminense. Às 16h, o Maracanã recebe o segundo jogo da decisão. No primeiro duelo, o Rubro-Negro venceu por 2 a 1 e saiu em vantagem. O tricolor terá que ganhar por dois gols de diferença para conquistar o título. A decisão será nos pênaltis em caso de uma vitória do Flu por um gol de diferença.

Lima, que esteve fora dos últimos jogos do Fluminense por conta de dores na panturrilha, deve voltar na partida de hoje. Após passar por um período de transição, o atleta participou dos treinos junto aos seus companheiros desde a última terça-feira (11). Já o Flamengo vive a expectativa pela recuperação de alguns jogadores lesionados. No jogo



Foto: Reprodução/X

O Corinthians, de Memphis, tenta se recuperar da eliminação na Libertadores no jogo de ida contra o Palmeiras



Retrato de Roche Brasileiro, nascido em Groningen, nos Países Baixos, e criado em Olinda, durante o domínio holandês (1630-1654)

Imagens: A. O. Exquemelin/Reprodução

O pirata que se tornou brasileiro

Capitão holandês Roche Brasileiro é dono de uma das histórias mais intrigantes sobre os corsários do século 17

Bruna Bernardon
Especial para A União

Não é qualquer nação que conta com o privilégio de ter um pirata para chamar de seu. Ingleses, franceses e holandeses dominavam a maioria dos relatos sobre os grandes piratas do Caribe e, entre eles, figura um capitão, dono de uma das histórias mais intrigantes sobre os ladrões dos mares, no século 17. O personagem em questão traz, no rastro da sua fama, também, um nome singular: Roche Brasileiro — ou Roque Brasileiro, se for escrever como se pronuncia.

A versão francesa, de 1699, da obra *Bucaneiros da América*, escrita por Alexander O. Exquemelin — riquíssima fonte primária publicada originalmente em holandês e, rapidamente, traduzida para o inglês, francês, alemão e espanhol —, conta as aventuras de Roche, que trabalhou como cirurgião em navios de vários piratas que agiam na região do Caribe.

Nesse livro, está registrado que o nome de batismo de Roche seria Gerrit Gerritszoon e também que teria nascido em Groningen, nos Países Baixos, e se mudado, ainda criança, com a sua família de comerciantes, para Olinda, durante o domínio holandês (1630-1654). Nessa época, a Holanda conseguiu conquistar territórios de várias capitânicas portuguesas por conta da Companhia das Índias Ocidentais, incluindo o Brasil e parte do atual Caribe.

Apesar de ter uma política de conquista diferente dos portugueses, é evidente que inúmeros holandeses vieram para o Brasil tentar a sorte. Foi entre esses 24 anos que o Nordeste brasileiro intensificou sua presença nas grandes jogatinas das rela-

ções internacionais, tornando o eixo Caribe-Brasil ainda mais estreito.

Em um capítulo totalmente dedicado a Brasileiro, Alexander O. Exquemelin destaca que o pirata conhecia bem a língua indígena local e, mesmo depois da morte dos pais, viveu em Olinda enquanto foi possível resistir aos portugueses, pertencendo, provavelmente, à última leva de holandeses que tentou permanecer por aqui, mesmo depois da retomada da colônia pela Coroa portuguesa.

Os primeiros registros de Roche no Caribe são dos anos 1660, quando viveu mais precisamente na Jamaica, local conhecido por ser muito conveniente aos errantes que precisavam recorrer à clandestinidade para sobreviver. Assim, alistando-se como grumete numa embarcação pirata, ele ganhou não só a alcunha de “Brasiliano”, como também enorme fama pelo Brasil-holandês. Ainda de acordo com Exquemelin, Roche rapidamente ascendeu ao posto de capitão, mas, pouco tempo depois, envolveu-se numa contenda com o comandante e foi expulso do navio.

Não estava e nem continuou sozinho. Com os companheiros que também foram expulsos, ele roubou outra embarcação e, desse modo, deu início as suas façanhas no mundo da pirataria. Mesmo consultadas as fontes

disponíveis, ainda não é possível compreender como de fato se deu a transição de Roche de mero tripulante a capitão de navio. De qualquer modo, como são as ações dos capitães que resistem ao tempo, foi graças a elas que a influência de Roche ganhou destaque na “Era de Ouro” da pirataria.

Tema de exposição e debates na retomada das reuniões mensais do Grupo de Pesquisa em História do Brasil-holan-

dês, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), Roche Brasileiro é descrito como violento e errático. Isso é o que se pode constatar em alguns autores que se dedicaram a falar dele em detalhes e, como exemplo disso, pode-se destacar a versão francesa de *Bucaneiros da América*, cujo trecho mais marcante transcrevemos aqui:

“Roche Brasileiro tem um ar masculino e corpo robusto, estatura mediana, mas firme e ereta, seu rosto largo, não muito comprido, sobrancelhas e olhos bastante grandes, seu olhar feroz, mas risonho. É hábil em manejar todo tipo de armas que servem tanto aos indianos/índios quanto aos europeus, e é também bom piloto e soldado corajoso, mas terrivelmente entregue à libertinagem”.

E continua: “Ele anda sempre com um facão (cutelo) nu no braço e, se alguém o contraria pela menor coisa, ele o corta ao meio ou decapita. Pode-se dizer que ele é amado tanto quando está em jejum (não bebendo) quanto é temido quando está bebendo.” (Tradução do original francês para o português).

Apesar de algumas divergências entre autores, esse registro sobre a personalidade de Roche Brasileiro é corroborado por um outro escritor contemporâneo, o holandês David van der Sterre. Em seu livro *Viagens Notáveis*, publicado em 1691, Sterre relata uma parceria conturbada entre Roche e um tal capitão Reining, numa ocasião em que se uniram para atacar Cartagena. É que a empreitada ocorreu, só que ao sabor de desavenças entre os dois.

Roche teria atacado de maneira injustificada e violenta o seu imediato, o que não foi bem-visto por Reining, resultando, assim, em um duelo entre ambos, no interior da embarcação, algo não muito usual, mesmo em navios piratas. Os dois capitães se separaram, nutrindo ódio mútuo para sempre.

As fontes de pesquisa revelam que, diferentemente de outros piratas do período, Roche nunca se preocupou em desmentir a sua fama de sanguinário, pois a má fama lhe dava mais garantias de sobrevivência. Exemplo disso foi a sua notória aversão e crueldade contra os espanhóis. Em um dos relatos, consta que ele teria “assado” alguns espanhóis sobre um fogo de chão, como “se assam porcos”.

Pode haver exagero, mas tal ódio encontra justificativa no fato de, no período de Roche, quase todo o mar do Caribe

viver sob o domínio da Espanha, que estrangulava o comércio das outras coroas e estados e, por conseguinte, de seus súditos. Ainda que, aparentemente, não fosse visto como holandês (portanto, sem proteção ou benefícios dos Países Baixos), é evidente que Roche e milhares de outros piratas sem nome sofreram as consequências da hegemonia espanhola no comércio marítimo daquele período.

Na história, nunca devemos trabalhar com certezas absolutas e definitivas. O que devemos considerar são os registros que os agentes históricos nos deixaram. Portanto, diante desta brevíssima nota biográfica, o que podemos concluir sobre o capitão Roche Brasileiro é que as histórias e façanhas a seu respeito são inúmeras, sendo ele citado em fontes inglesas, espanholas, francesas e holandesas.

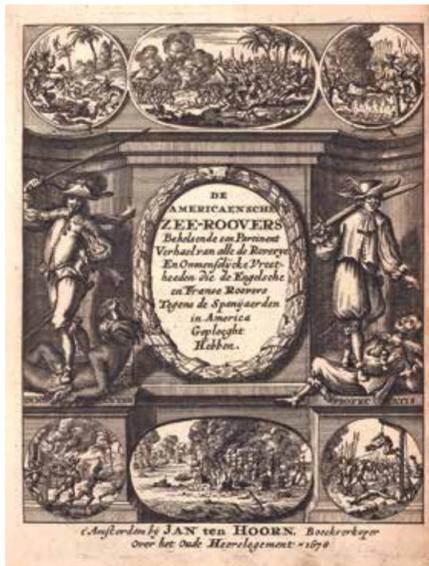
Associou-se com todos os piratas famosos de seu tempo, de Henry Morgan a François L’Olonnais. Viveu no Brasil, esteve em Curaçao, em Maracaibo, e até foi preso na Espanha. Por volta de 1670, há relatos de que estaria aposentado e caçando tubarões numa praia da Jamaica. Apesar de tantas histórias extraordinárias, é mais lembrado como “brasiliano” do que como holandês. As terras de Olinda e do Brasil o definiram muito mais do que Groningen e Holanda, onde nasceu. Roche foi um batavo que se abraçou, tal qual Maurício de Nassau.

O nome de Roche Brasileiro (fruto do fato de ele ter se tornado mais brasileiro que holandês) não foi à toa. Tanto que, conforme alguns autores, uma de suas últimas aventuras por Caribe foi a de chefear um grupo de piratas ingleses para atacar e expulsar tropas holandesas da Jamaica.

Embora seja bem conhecido de pesquisadores estrangeiros, Roche ainda é pouco documentado no Brasil. Pesquisar sobre ele é empreender uma verdadeira caçada por fontes primárias em línguas diversas. Então, para aqueles que também se interessam por essas narrativas que a historiografia tradicional não conta, podemos apontar algumas sugestões de leitura sobre o “pirata brasileiro” ou que se abraçaram.

Uma dessas fontes é o já citado *Bucaneiros da América*, de Alexander Oliver Exquemelin, traduzido por E. San Martin, publicado pela editora Artes e Ofícios (versão em português); e *The Devil’s Anarchy*, do historiador Stephen Snelders, que traduziu do holandês para o inglês o livro *Viagens Notáveis*, de David van der Sterre, edição de 1691.

Imagem: The Library of Congress (EUA)/Reprodução



Frontispício da primeira edição de “Bucaneiros da América”, escrita por Alexander O. Exquemelin

Um dos mais brilhantes personagens da

Raymundo Asfora

retórica da PB

Marcos Carvalho
marcoscarvalho@gmail.com

Frequentemente colocadas em lado opostos, a retórica e a poesia se encontraram na figura do cearense que adotou Campina Grande, na Paraíba, como terra amada. Argumentação e catarise conciliaram-se na vida e nos textos, orais e escritos, deixados pelo advogado, político, escritor e boêmio Raymundo Asfora, que adotou a emoção como disciplina rebelde do espírito para poder libertar “dos lábios as palavras prisioneiras do coração”.

Raymundo Yásbeck Asfora nasceu em Fortaleza, no Ceará, em 26 de novembro de 1930, mas mudou-se para Recife, Pernambuco, quando ainda tinha dois anos, com os pais, Elias Hissa Asfora e Ormindia Yásbeck Asfora, e os irmãos. Em 1942, a família fixou residência em Campina Grande. Ali o menino faria o ensino primário e o ginásial, mas, como a cidade ainda não possuía o curso clássico, retornou a capital pernambucana para fazê-lo no Colégio Americano Batista.

Em Recife, Asfora também foi estudante de Direito, alternando-se em idas à Campina Grande, onde, com o companheiro de faculdade, Félix Araújo, levou adiante a luta pela criação do curso científico no Colégio Pio XI e a reestruturação do Centro Estudantil Campinense, para o qual foi eleito mais de uma vez. Dessa mesma parceria resultaria a construção da Casa do Estudante, que recebeu o nome de Félix Araújo, em homenagem ao amigo, assassinado em 1953, em Recife, pouco antes de concluir o curso.

Foi na liderança do movimento estudantil que Raymundo Asfora despertou para a vocação política, a ponto de, após bacharelar-se em 1954, pela Faculdade de Direito e Recife, ser eleito vereador de Campina Grande. “Ele era ainda muito jovem, mas, quando falava, todos paravam para ouvir. Por isso,

por sua verve, ele ficou conhecido como Uirapuru da Borborema”, destaca Sheyner Asfora, primeiro filho da segunda união conjugal do político. Na vida pública, exerceu ainda os mandatos legislativos como deputado estadual e federal e, no Executivo, assumiu funções como chefe de gabinete do Ministério de Minas e Energia, do Governo, Jânio Quadros, procurador da Fazenda do Estado da Paraíba, além de ser eleito vice-prefeito de Campina Grande e vice-governador da Paraíba, cargo que não chegou a tomar posse.

“Diante de todas essas ocupações, o grande sonho que não chegou a realizar no campo político foi o de ser prefeito de Campina Grande. Ele queria administrar a cidade que adotou e pela qual nutria uma devoção muito grande”, revela Sheyner, lembrando também que o pai considerou uma espécie de afronta quando alguns vereadores propuseram-lhe o título de Cidadão Campinense, pois ele já se considerava como tal.

A devoção à cidade se expressava no relacionamento com seu povo e no estilo conciliador de fazer política. Sheyner conta que um dos lugares preferidos do pai era a feira livre, onde o político costumava conversar com as pessoas e ouvir suas histórias. “Ele aprendia muito o sentimento dos campinenses, o sentimento dos paraibanos. Quando ele tinha a oportunidade de falar, quer no começo de uma entrevista, quer em outro momento, ele realmente exaltava Cam-

pina Grande. E isso promovia uma aproximação, inclusive, na forma de fazer política, sem agressividade e sempre dialogando”, pontua Sheyner.

O crítico literário e membro da Academia Paraibana de Letras (APL), José Mário da Silva, reforçou, em artigo para o *Correio das Artes*, que o contato de Asfora com o povo, “sua paixão indelével e seu interlocutor privilegiado”, refinava e engrandecia outra qualidade do político, a de um orador “que se agigantava no espaço libertário da praça pública”, inclusive de improviso. O acadêmico incluiu Raymundo Asfora na lista dos mais brilhantes personagens da retórica da Paraíba pela capacidade de combinar admiravelmente o que dizia e o modo como se

dizia. “Nos emblemáticos discursos proferidos por Raymundo Asfora, a exemplo dos que consagrou ao falecimento de Severino Bezerra Cabral e ao assassinato de João Pedro Teixeira, líder camponês, à exatidão dos conceitos aduzidos plasmava-se o convincente poder da poesia, que transcende a imediatidade do fato concreto evocado e, ato contínuo, o transporta para os transcendentais territórios da universalidade”, analisou.

Na tribuna do Congresso Nacional, Asfora enfrentou de maneira ferrenha o então senador Roberto Campos, quando este acusou o Nordeste de ser a causa do subdesenvolvimento do país, e recordou a contribuição dos nordestinos na construção de grandes centros de desenvolvimento do país, como

a cidade de São Paulo. Com habilidosa inteligência, o político não deixava de criticar as situações de injustiça e de defender, de maneira intransigente, as causas em que acreditava. Sheyner lembrou que, em plena Ditadura Militar, o pai chegou a dizer que “Castelo Branco é o corcunda de nossos dramas”, num trocadilho com o famosos personagem de Notre-Dame.

As frases de efeito eram uma marca de Raymundo Asfora, expressando-se em relação tanto a contextos quanto à própria vida. Para falar do amor à cidade que adotara, dizia: “Campina, se eu já não tivesse mais esperanças, mesmo assim eu haveria de continuar lutando pelas vossas!”, para responder às críticas de adversários, retrucava: “Arremessaram-me, atiraram-me tantas pedras que elas se entrecrocaram e iluminaram a minha mente”; para justificar sua atuação no Direito em favor dos pobres, pregava: “Pior do que não ter a santidade de multiplicar o pão, é não possuir a humildade de saber dividi-lo”; e para reafirmar seu gosto pelo trabalho noturno, reconhecia: “Eu estou sempre em dia com a noite”.

Mas o acento poético não estava presente somente nos discursos proferidos nos palanques, tribunas e tribunais, onde exercia magistralmente a advocacia a ponto de ser apontado pela opinião pública como o mais popular de Campina Grande. Os recursos persuasivos conciliavam-se aos recursos escéticos aduzidos plasmava-se o convincente poder da poesia, que transcende a imediatidade do fato concreto evocado e, ato contínuo, o transporta para os transcendentais territórios da universalidade”, analisou.

Composta por ocasião do centenário de Campina Grande, o poema, que depois foi musicado por Rosil Cavalcante e eternizado na voz de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, conta a epopeia dos antigos tropeiros, considerados como fundadores da Vila Nova da Rainha. “Assim caminhavam as tropas cansadas / E os bravos tropeiros bus-

cando pousada / Nos ranchos e aguadas dos tempos de outono / Saindo mais cedo que a barra da aurora / Riqueza da terra que tanto se expande / E hoje se chama de Campina Grande”, são alguns dos versos.

Asfora escreveu, entre outras poesias, *Chapéu Preto*, *Projeto*, *Sombra e Último Adeus*, publicadas no jornal *O Rebote*, quando ele ainda tinha 19 anos, mas nunca chegou a reuni-las em uma antologia. O soneto era seu gênero preferido, meio pelo qual expressava temas voltados para a vida do homem paraibano e nordestino, sua cultura, seus costumes e suas crenças.

A noite, quando não se recolhia à leitura e ao exercício criativo madrugada adentro, marcava presença nos bares e restaurantes da cidade, onde recitava poemas na companhia de amigos do meio político e literário. Num desses encontros, há algum tempo sem encontrar o amigo Ronaldo Cunha Lima, à época prefeito de Campina Grande, dirigiu-se a ele perguntando: “Ronaldo, como é um poeta

Tocando em Frente

Pop rock made in Brazil — IV

Como quase todo garoto que almeja alçar os caminhos ditados pela profissão musical, Ivanilton de Souza e Lima (Recife-PE, 1950) começou sua carreira cantando nas noites recifenses. Aos 15 anos, em meados dos anos 1960, já participava de alguns programas de calouros, como o *Variêtiê*, de Nilson Lins, na Rádio Jornal do Comércio e, no canal de TV homônima, como *Você faz o show*, *Noite de Black-Tie* e *Bossa 2*. Acumulando prêmios, obteve a carteira profissional da Ordem dos Músicos do Brasil e um contrato na referida emissora, iniciando a carreira de cantor que, depois, já no Rio de Janeiro, transformou-o no músico, compositor e produtor musical, quando se aproximou de nomes como Hyldon, Cassiano e Tim Maia, com quem aprendeu a tocar violão, e Tinho, um dos criadores do grupo Vitória Régia. Nessa fase, inclusive, gravou o seu primeiro 78 rpm (vinil) pela RCA com o grupo Os Nucleares. No fim dos anos 1960, chegou a integrar o grupo Os Selvagens e, aos 21 anos, já integrava o Renato e seus Blue Caps, como guitarrista e cantor, justamente no período em que a consagrada banda chegou a emplacar seis Discos de Ouro.

Anda com Renato e seus Blue Caps, iniciou sua carreira solo, já mais direcionada ao BRock — *pop rock made in Brazil* — e assumindo, por razões comerciais já expostas, o nome artístico de Michael Sullivan, gravando sua criação “My Life” (1976), sua segunda composição que foi, inclusive, incluída na novela televisiva *O Casarão*, da Rede Globo, cuja vendagem superou um milhão de cópias, equivalendo a um Disco de Diamante. (Em tempo: nada a ver com “In my Life”, a composição de Lennon & McCartney, de 1965).

Após gravar um LP — *Um mundo melhor pro seu filho* — em 1978, quando voltou a cantar em português, manteve o cognome inglês e lançou, no ano seguinte pela K-Tel, o álbum *Michael Sullivan*. De 1980 a 1986, integrou outro grupo de Jovem Guarda, no caso, o The Fevers.

Dada a aceitação de suas criações musicais em vernáculo, em 1979, associou-se ao poeta, letrista e *hitmaker* Paulo Massadas, com quem trabalhou por 16 anos, tornando-se uma dupla responsável por inúmeras canções de sucesso, inclusive várias delas tidas como bregas, como algumas gravadas por Reginaldo Rossi, Adilson Ramos e José Augusto.

Mas, a dupla garantiu o seu lugar na galeria de sucessos na nossa MPB, com centenas de criações, dentre as quais citamos apenas as de maior destaque: “Me de motivos” (Tim Maia), “Deslizes” (Fagner), “Whisky a Go Go” (Roupa Nova), “Amor Perfeito” (Roberto Carlos), “Por causa de você” (Fevers), além do contributo às criações destinadas às novelas (*O Casarão*, *Corpo Dourado*, *Locomotivas*, *Pedra sobre Pedra*, *Avenida Brasil* e cerca de duas dezenas) e ao êxito obtido no mundo infantil e diversional,



Michael Sullivan (E) e Paulo Massadas (D), na série documental “Retratos e canções”

no poder?”, ao que disse: “Sem poder ser poeta”. A antiga Livraria Pedrosa era outro ponto de encontro, onde costumeiramente participava de lançamento de livros, convidado que era a fazer suas apresentações, atuando como uma espécie de crítico literário.

O político e escritor Joacil de Brito, contou que compartilhou da amizade de Asfora, assim como de algumas campanhas, dividindo ou disputando palanques, e relembrou alguns aspectos da personalidade do companheiro: “Sua conversa alegre, fascinante, entremeava-se de piadas. Jovial, graciosador e afável, espirituoso e improvisador, tinha um temperamento lhano e cordial. Não agredia ninguém. Soltava, diante dos circunstantes, gostosas gargalhadas”.

No exercício do Direito, Raymundo Asfora atuou na área criminalista, inclusive defendendo muitos que não tinham condições de pagar, numa “espécie de defensor público por conta própria”, como comparou Sitônio Pinto. “No Carnaval, ele era sobrecarregado com a tarefa de tirar bêbados pobres da cadeia. No Natal, as mulheres humildes que não recebiam sua pensão alimentícia procuravam Raymundo Asfora. Ele resolvia, às vezes até aconselhando os ex-maridos inadimplentes e ciumentos. As partes sempre chegavam a um acordo quando Raymundo Asfora era advogado de uma delas, diante do peso do nome do *tribunus plebis*”, revelou o jornalista. Asfora também foi professor de Direito Penal, da Universidade Regional do Nordeste (URNE), atual Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), contribuindo para a formação de muitas gerações de advogados.

Raymundo Asfora foi encontrado morto em sua residência, em Campina Grande, no dia 6 de março de 1987. Apesar das investigações visando esclarecer se teria sido um atentado contra a própria vida ou um assassinato, o processo que se arrastou na Justiça ao longo de mais de duas décadas não conseguiu identificar quem teria sido os autores do possível homicídio. O vice-governador eleito da Paraíba, que não chegou a tomar posse do cargo, foi casado por duas vezes e deixou sete filhos.

Além de político, Asfora foi poeta, emprestando seus versos para um dos hinos de Campina Grande, “Tropeiros da Borborema”, musicada por Rosil Cavalcante e imortalizada na voz de Luiz Gonzaga

Angélica Lúcio

Errou Patrícia Poeta, erraram todos

Jornalismo é tarefa de equipe. O processo produtivo envolve vários atores: da idealização da pauta até o conteúdo chegar ao público. Isso vale para todas as plataformas: desde jornal impresso, passando por portais de notícias, até rádio e TV. Quando se trata de rádio e televisão, especialmente, aí que ninguém faz nada sozinho mesmo: para o bem e para o mal. Ou seja, se há mérito, é de todos; se algo deu errado, e chovem críticas, idem.

Abordo essa questão porque vi, recentemente, a apresentadora Patrícia Poeta ser alvo de inúmeras críticas relacionadas ao modo como ela entrevistou o pai de uma adolescente de 17 anos chamada Vitória, que foi assassinada brutalmente no município de Cajamar, em São Paulo.

Toda a entrevista com o senhor Carlos Alberto, pai de Vitória, é conduzida como se o programa *Encontro*, que chega aos lares brasileiros durante a manhã, tivesse se transformado em uma filial de qualquer um desses programas policiaiscos sensacionalistas que existem Brasil afora. E olha que o *Encontro* é da Rede Globo...

Como é comum ocorrer nesses programas policiais, houve deslizes, falta de humanidade e de empatia no *Encontro*. Sim, claramente houve sensacionalismo em busca de audiência. Mais: Patrícia Poeta ignora que o termo “crime passionai” é arcaico e não deveria mais ser usado pela mídia, tampouco fazer parte do vocabulário de qualquer pessoa.

Crime passionai, é bom deixar claro, é um termo que não existe no Código Penal brasileiro. Além disso, geralmente, é utilizado como forma de justificar a agressão cometida con-



Apresentadora Patrícia Poeta cometeu deslizes na entrevista com o pai de uma adolescente que foi assassinada brutalmente, no município de Cajamar, em São Paulo



tra a vítima. Patrícia Poeta, no entanto, repetiu essa expressão mais de uma vez ao informar ao pai de Vitória o que o suspeito de cometer o crime havia sido identificado e que a motivação para o assassinato era passionai.

Eu me pergunto: Por que ninguém da produção do programa a alertou sobre isso, pedindo que ela retificasse a informação equivocada? Detalhe: mesmo que um delegado tenha dito isso, cabe aos jornalistas filtrar o que as fontes oficiais dizem. Isso significa agir com discernimento e apurar as informações com sensibilidade.

Durante a entrevista com o senhor Carlos Alberto (apenas dois dias após o corpo da adolescente ser encontrado), Patrícia Poeta também pecou pela indelicadeza ao indagar o pai de Vitória sobre detalhes das investigações da polícia e o que teria ocorrido.

Depois de lhe fazer várias perguntas, de forma insistente, sobre um potencial suspeito, a apresentadora ainda revelou para o pai de Vitória, ao vivo, informações até então desconhecidas e que teriam sido apuradas pela produção. O entrevistado ficou surpreso e sem ação, pois ignorava completamente os fatos novos.

“Agora vem cá, acabei de receber a notícia aqui, seu Carlos, que a Polícia Civil disse agora há pouco ter esclarecido o assassinato da sua filha. Foi um crime passionai. Segundo a polícia, o assassino é um homem chamado Daniel, que tinha um relacionamento amoroso com o ex-namorado da Vitória”, afirmou a apresentadora.

Enquanto isso era veiculada, a tela da TV exibia as seguintes informações com destaque: “Assassinato esclarecido. Assas-

sino seria um homem chamado Daniel”. Na entrevista, Patrícia Poeta ainda apresentou informações típicas de programas de fofocas, falando de um suposto relacionamento entre a pessoa identificada como Daniel e um ex-namorado da adolescente.

A mera semelhança desse episódio do programa *Encontro* com o que é feito pelos programas sensacionalistas não é mera coincidência. É proposital. É estratégia para alavancar a audiência — inclusive, na decisão de toda a equipe do programa de que a entrevista fosse conduzida daquela forma: com desrespeito, falta de sensibilidade e sensacionalismo. Repito: jornalismo não se faz com uma única pessoa. Errou Patrícia Poeta, erraram todos: do padeiro até o editor que estava no comando, colocando o programa no ar.

angelicalucio@gmail.com

Imagem: Reprodução/Rede Globo

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

TECNOLOGIA

Google aprofunda uso de IA nas suas buscas

Ferramenta promete responder a perguntas complexas com maior precisão

Alice Labate
Agência Estado

O Google anunciou no último dia 5, o lançamento do Modo AI, um recurso experimental que integra inteligência artificial (IA) às pesquisas no buscador. Rivalizando com Perplexity AI e o modo de busca do ChatGPT, a ferramenta promete responder a perguntas longas e complexas com maior precisão diretamente na página de pesquisa.

Até o momento, o Modo AI está disponível apenas para assinantes norte-americanos do Google One AI Premium, serviço que dá acesso ao modelo de IA da empresa, o Gemini — o serviço custa R\$ 97/mês. Para testar a novidade, os usuários precisam ativá-la na seção Labs, plataforma de experimentos com a inteligência artificial da empresa. No entanto, o Google deve expandir a funcionalidade globalmente, permitindo acesso mesmo para aqueles que não estiverem conectados a uma conta Google.

A nova ferramenta opera com o Gemini 2.0, versão mais recente da IA do Google, que traz avanços no raciocínio, capacidade de realizar comparações complexas e de responder perguntas que exigem maior pesquisa e aprofundamento. Ao utilizar o Modo AI, o usuário recebe uma resposta detalhada acompanhada de links para as fontes de onde as informações foram coletadas. O forma-

to é semelhante ao das Visões Gerais de IA (AI Overviews), que já aparecem no buscador com respostas rápidas e objetivas, mas, em tese, o conteúdo fica mais aprofundado.

Expansão do Gemini 2.0

Além do Modo AI, o Google anunciou que a versão Gemini 2.0 foi implementada no AI Overviews nos Estados Unidos, melhorando a capacidade da ferramenta de responder perguntas mais difíceis, como aquelas relacionadas à codificação, à matemática avançada e a consultas multimodais (que combinam texto, imagem e outros formatos). Segundo a empresa, essa atualização vai permitir respostas mais rápidas e de maior qualidade, além de ampliar a frequência com que o AI Overviews é exibido nessas pesquisas mais complexas.

Outra novidade é que o AI Overviews agora está disponível para adolescentes e pode ser acessado sem a necessidade de login. Essa expansão busca tornar a IA do Google mais acessível para um público mais amplo à medida que a empresa enfrenta concorrência de outros nomes emergentes no setor de busca.

A integração da IA em mecanismos de busca ganhou destaque nos últimos anos. Empresas como OpenAI e Perplexity AI têm desafiado o domínio do Google ao introduzir ferramentas de pesquisa baseadas em inteligência artificial. Após polêmicas

envolvendo o ChatGPT, que fornecia informações imprecisas em respostas, a OpenAI lançou, em novembro de 2024, um recurso que combina IA com busca na web para tornar as respostas mais confiáveis. Na mesma linha, a Perplexity AI, fundada em 2022, destacou-se ao oferecer respostas diretas e atualizadas em tempo real, sem anúncios e com foco na precisão das informações.

Múltiplas pesquisas

O Modo AI permite não apenas acessar informações da web, mas também consultar fontes em tempo real, como o Knowledge Graph (base de conhecimento do Google) e dados de compras de bilhões de produtos.

A ferramenta utiliza um método chamado "fan-out de consultas", que realiza múltiplas pesquisas simultaneamente, em diversas fontes de dados, para reunir os resultados

em uma resposta clara e verificável. Apesar do modelo ter sido treinado para priorizar a factualidade e apresentar informações confiáveis, a empresa reconhece que a inteligência artificial ainda pode cometer erros.

O Google também planeja tornar a experiência do Modo AI mais visual, incluindo mais imagens e vídeos em determinadas respostas. O modelo está sendo treinado para identificar quando adicionar hiperlinks ou quando priorizar elementos visuais.

Como acessar o Modo AI? Usuários do Google One AI Premium podem ativar o recurso pelo Search Labs e, em seguida, realizar uma pesquisa e selecionar a aba Modo AI. Outra opção é acessar diretamente o link google.com/aimode. No celular, o Modo AI pode ser encontrado no app do Google, por meio de um ícone abaixo da barra de pesquisa na tela inicial.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: A brincadeira eufórica (2) = farrã + talco (1) = pó. **Solução:** pano gasto (3) = farrapo.

Charada de hoje: O crustáceo (2), que parecia mais um instrumento musical (2), divertia a mulher esportiva (4).



Ilustração: Bruno Chiossi



Eita!!!!

Demolidor: Renascido

Estreou recentemente, na plataforma do Disney Plus, a primeira temporada de *Demolidor: Renascido*, série sobre o super-herói urbano da Marvel que dá continuidade ao que foi produzido via Netflix (em três temporadas). Os episódios são lançados semanalmente, apresentando um novo capítulo na história do advogado cego Matt Murdock (vivido por Charlie Cox), alter ego do herói Demolidor, e sua eterna luta contra Wilson Fisk, o Rei do Crime (interpretado por Vincent D'Onofrio). Após perder a visão em um acidente com substâncias radioativas, o jovem Murdock desenvolveu habilidades extraordinárias, como sentidos sobre-humanos de audição, olfato e tato. Esse "radar" pessoal lhe permite navegar pelo mundo de maneira única, detectando detalhes que outros heróis não conseguiriam perceber.

"O homem sem medo"

Apelidado de "O homem sem medo", Demolidor fez a sua primeira aparição nos EUA em título próprio, *Daredevil* nº 1, em abril de 1964. Os roteiros ficaram a cargo de Stan Lee e os desenhos eram assinados por Bill Everett. Durante o dia, ele é um advogado que luta por justiça por meio de seu trabalho no escritório Nelson & Murdock; já à noite, ele vira o vigilante com sentidos aguçados, o Demolidor, para proteger a Cozinha do Inferno, um bairro de Manhattan, em Nova York.

Nova série não é A Queda de Murdock

Apesar de pegar o nome emprestado de uma das melhores sagas do personagem (*Born Again*, no original; *A Queda de Murdock*, no Brasil), a nova fase da série *Demolidor: Renascido* não tem ligação com a dos quadrinhos. Escrita por Frank Miller e ilustrada por David Mazzucchelli (a mesma dupla do clássico *Batman: ano um*), a HQ acompanha o Rei do Crime destruindo a vida dupla de Matt Murdock/Demolidor quando é revelada para o vilão a identidade secreta do herói. Anos depois, ainda nos quadrinhos, esse mote também é explorado na saga *Revelado*, de Brian Michael Bendis (roteiro) e Alex Maleev (arte), quando um jornal publica que o advogado cego é "O homem sem medo".

Além da série

Na "gênese" da onda de adaptações de filmes de super-heróis, em 2003, foi produzido o longa-metragem *Demolidor* — *O Homem sem Medo*, dirigido e escrito por Mark Steven Johnson (que também dirigiu a "bomba" *Motoqueiro Fantasma*), com Ben Affleck no papel do protagonista, Michael Clarke Duncan como o Rei do Crime e Jennifer Garner como Elektra. Com orçamento em torno dos US\$ 80 milhões na época, o filme "se pagou" com o dobro na bilheteria, mas não agradou crítica e público. Antes, o Demolidor fez uma aparição no filme para TV *O Julgamento do Incrível Hulk* (1989), na pele do ator Rex Smith.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - olho da cobra; 2 - língua da cobra; 3 - manchas da cobra; 4 - brrr; 5 - cauda da cobra; 6 - gorro; 7 - dente do coelho; 8 - cachimbo; 9 - cauda do coelho.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

